

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS - TRADUÇÃO

LUCIANE RINCO

**O USO DE *CORPORA* PARA MINIMIZAR
INCONSISTÊNCIAS NA TRADUÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE
TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO EM GESTÕES
EMPRESARIAIS**

JUIZ DE FORA
2022

LUCIANE RINCO

**O USO DE *CORPORA* PARA MINIMIZAR INCONSISTÊNCIAS NA
TRADUÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO
EM GESTÕES EMPRESARIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras -Tradução.

Orientadora: Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

**JUIZ DE FORA
2022**

O USO DE CORPORA PARA MINIMIZAR INCONSISTÊNCIAS NA TRADUÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO EM GESTÕES EMPRESARIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras -Tradução.

Orientadora: Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

BANCA EXAMINADORA

Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

Data da defesa: 24/10/2022

Nota:

AGRADECIMENTOS

A minha família, laço que me abraça e que me faz feliz, agradeço, com todo o meu amor. Vocês são o meu alicerce!

A minha querida mestra e orientadora, Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, agradeço, carinhosamente, pela infinita dedicação, pelo profissionalismo irrepreensível e apoio ímpar, não somente durante o processo deste trabalho, como também em todos os nossos encontros acadêmicos, em um partilhar generoso de conhecimento. Sem as suas preciosas orientações não seria possível galgar, com segurança, os terrenos da “Construção”. Sinto-me honrada em ser sua aluna!

À banca examinadora, agradeço, com profunda admiração, por sua disponibilidade para a leitura e pelas contribuições a este trabalho: ao Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela e à Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi, por tudo e pelo tanto compartilhado no decorrer dos nossos semestres. Foi um prazer imenso passear com vocês em tão verdejante gramado de saberes!

À Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida, cuja vocação, sabedoria, sensibilidade, paciência e dedicação sempre enterneceram meu coração, motivando a busca pela realização dos meus sonhos... Você me é muito querida!

A todos os valorosos mestres e mestras do Bacharelado em Letras – Tradução da UFJF, que, generosamente, realizaram esta jornada comigo, dedico a minha mais sincera gratidão. Vocês tornaram todos os saberes compartilhados uma deliciosa viagem entre a razão e a sensibilidade!

A todos os meus amigos e amigas que, de alguma forma, vivenciaram fases da minha história acadêmica, folheando juntos páginas e mais páginas de um estudo dedicado, agradeço de coração!

Agradeço, também, a todos os colaboradores do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da FALE. Vocês foram, são e serão sempre imprescindíveis para que a nossa jornada na UFJF se concretize!

Viver é fazer história... É editá-la, reeditá-la, é se enveredar por caminhos que convergem e divergem... É seguir por atalhos, se necessário, e vencer obstáculos. Viver é sentir todos os encantos e acalantos... É se agarrar às oportunidades, com vontade... É tecer, em uma linda colcha de retalhos, memórias queridas, acontecimentos, essências. Viver é sorrir e sofrer, com ou sem pranto. Viver são suspiros poéticos em gotas homeopáticas de saudades... É ser, fazer e refazer, sempre. Viver é, simplesmente, viver...

RESUMO

Neste trabalho, dedicamo-nos à análise das inconsistências na tradução técnica de TI, tratando, pontualmente, dos padrões construcionais com *build* – em inglês e de suas respectivas traduções para a língua portuguesa, a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso. Nesse sentido, buscamos evidenciar como a abordagem construcional, no âmbito dos estudos linguísticos, pode contribuir, substancialmente, para os Estudos da Tradução. De modo mais específico, este trabalho assume os seguintes objetivos: i) organizar os procedimentos necessários para constituir e categorizar *corpora* com base nos critérios estabelecidos por Berber Sardinha (2000); ii) realizar uma compilação de dados baseada na aplicação das ferramentas do programa *AntConc* 3.5.9 para analisar as ocorrências de inconsistências na tradução de TI em gestões empresariais; e iii) investigar a tradução técnica em TI para a língua portuguesa no que se refere aos padrões construcionais com *build*, analisando as escolhas tradutórias e averiguando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais dos padrões construcionais identificados a partir das propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2013). A fim de cumprir os objetivos propostos, assumimos, como aporte teórico para esta pesquisa, pressupostos fundamentais da Linguística de *Corpus* – nos termos assumidos por Berber Sardinha (2000, 2002, 2003) – e da Linguística Funcional Centrada no Uso – nos termos propostos por Traugott e Trousdale (2013). Do ponto de vista metodológico, adotamos, neste trabalho, o método misto nos termos de Johnson *et al.* (2007), equacionando os dados entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, de forma pareada e comparativa. A partir da análise realizada, verificamos que, na maioria dos casos, a tradução dos padrões construcionais com *build* contemplou as especificidades formais e funcionais presentes no *corpus* de língua inglesa – representativo da língua de partida. Por outro lado, quando não foram contemplados os aspectos formais e funcionais, houve uma proposta de tradução para a língua portuguesa – representativa da língua de chegada – a fim de suprir essa lacuna.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Linguística Funcional Centrada no Uso. Linguística de *Corpus*. Tradução Técnica de TI. Padrões construcionais com *build*.

ABSTRACT

In this work, we are dedicated to the analysis of inconsistencies in the technical translation of IT dealing punctually with the constructional patterns with *build* - in English and their respective translations into Portuguese from a constructional and usage-based perspective. In this sense, and in the context of linguistic studies, we seek to show how the constructional approach can contribute substantially to the Translation Studies. This work assumes more specifically the following objectives: i) organize the necessary procedures to constitute and categorize *corpora* based on the *criteria* established by Berber Sardinha (2000); ii) carry out a compilation of data based on the application of *AntConc* 3.5.9 program tools to analyze the occurrences of inconsistencies in the translation of IT into business management; and iii) investigate the technical translation in IT into Portuguese with regard to constructional patterns with *build*, analyzing the translation choices and verifying whether such choices contemplate the functional and formal aspects of the constructional identified patterns from the properties of schematicity, productivity, and compositionality according to Traugott and Trousdale (2013). In order to fulfill the proposed objectives, we took over the fundamental assumptions of *Corpus* Linguistics - in the terms assumed by Berber Sardinha (2000, 2002, 2003) - and of Use-Centered Functional Linguistics (UCFL) - in the terms proposed by Traugott and Trousdale (2013) as a theoretical contribution to this research. From the methodological point of view, we adopted the mixed method in the terms of Johnson *et al.* (2007) equating the data between the quantitative research and the qualitative research in a paired and comparative way. Based on the analysis carried out, we verified in most of cases that the translation of constructional patterns with *build* contemplated the formal and functional specificities present in the English language *corpus* – representative of the source language. On the other hand, when formal and functional aspects were not considered, there was a proposal for a translation into Portuguese – representative of the target language – in order to fill this gap.

Keywords: Translation Studies. Use-Centered Functional Linguistics. Corpus Linguistics. IT Technical Translation. Construction patterns with *build*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do levantamento das ocorrências das entradas lexicais e empiricamente atestadas no corpus do original em inglês.....	87
Figura 2 – Representação do levantamento das ocorrências das entradas lexicais e empiricamente atestadas no <i>corpus</i> da tradução em português.....	88
Figura 3 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional <i>build</i> no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>Concordance</i>	89
Figura 4 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>Concordance</i>	93
Figura 5 – Representação da primeira ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	94
Figura 6 – Representação da primeira ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Verbo} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	94
Figura 7 – Representação da segunda ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	97
Figura 8 – Representação da segunda ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Verbo} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	97
Figura 9 – Representação da terceira ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	99
Figura 10 – Representação da segunda ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Verbo} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	99
Figura 11 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>Concordance</i>	103
Figura 12 – Representação da primeira ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	104
Figura 13 – Representação da primeira ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Adjetivo} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	105
Figura 14 – Representação da segunda ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	107

Figura 15 – Representação da segunda ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Adjetivo} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	107
Figura 16 – Representação da terceira ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	109
Figura 17 – Representação da terceira ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Adjetivo} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	110
Figura 18 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>Concordance</i>	114
Figura 19 – Representação da primeira ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	114
Figura 20 – Representação da primeira ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Nome} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	115
Figura 21 – Representação da segunda ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	116
Figura 22 – Representação da segunda ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Nome} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	117
Figura 23 – Representação da terceira ocorrência do padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} no <i>corpus</i> do original em inglês com a ferramenta <i>File View</i>	118
Figura 24 – Representação da terceira ocorrência do padrão <i>build</i> ^{Nome} no <i>corpus</i> da tradução em português com a ferramenta <i>File View</i>	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sentidos atribuídos ao padrão construcional <i>build</i> de acordo com o <i>Dicionário de Informática e Internet – inglês/português</i>	83
Quadro 2 – Sentidos atribuídos ao padrão construcional <i>build</i> de acordo com o <i>Cambridge English-Portuguese Dictionary</i>	84
Quadro 3 – Excerto 1 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} com o original e a tradução.....	95
Quadro 4 – Excerto 2 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} com o original e a tradução.....	98
Quadro 5 – Excerto 3 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} com o original e a tradução.....	100
Quadro 6 – Sugestão tradutória para o segundo destaque do excerto n.º 3 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} com o original e a tradução.....	102
Quadro 7 – Excerto 1 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} com o original e a tradução.....	105
Quadro 8 – Excerto 2 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} com o original e a tradução.....	108
Quadro 9 – Excerto 3 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} com o original e a tradução.....	110
Quadro 10 – Sugestão tradutória para o destaque do excerto 3 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} com o original e a tradução.....	112
Quadro 11 – Excerto 1 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} com o original e a tradução.....	115
Quadro 12 – Excerto 2 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} com o original e a tradução.....	117
Quadro 13 – Excerto 3 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} com o original e a tradução.....	119
Quadro 14 – Sugestão tradutória para o destaque do excerto 3 para o padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} com o original e a tradução.....	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Representação da frequência de <i>build</i> por padrão construcional, em relação ao <i>corpus</i> do inglês como um todo.....	91
Tabela 2: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} relacionada ao destaque do excerto 1 do <i>corpus</i> da tradução.....	96
Tabela 3: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} relacionada ao destaque do excerto 2 do <i>corpus</i> da tradução.....	98
Tabela 4: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} relacionada ao destaque do excerto 3 do <i>corpus</i> da tradução.....	101
Tabela 5: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} relacionada ao destaque do excerto 1 do <i>corpus</i> da tradução.....	106
Tabela 6: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} relacionada ao destaque do excerto 2 do <i>corpus</i> da tradução.....	108
Tabela 7: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} relacionada ao destaque do excerto 3 do <i>corpus</i> da tradução.....	111
Tabela 8: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} relacionada ao destaque do excerto 1 do <i>corpus</i> da tradução.....	113
Tabela 9: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} relacionada ao destaque do excerto 2 do <i>corpus</i> da tradução.....	118
Tabela 10: Representação da frequência do padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} relacionada ao destaque do excerto 3 do <i>corpus</i> da tradução.....	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – O PAPEL DA LOCALIZAÇÃO NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO	19
1.1. Os processos de localização e suas especificidades.....	19
1.2. Os estudos sobre localização no Brasil: uma breve revisão	23
1.3. A gestão terminológica da Tradução Técnica.....	26
1.4. Conclusões	30
CAPÍTULO II – A TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO (TI)	32
2.1. A Tecnologia de Informação: caracterização geral.....	33
2.2. Os benefícios do uso de TI em um mundo globalizado	35
2.3. A TI como elemento essencial para o desenvolvimento capitalista	37
2.4. O uso de TI na gestão empresarial	39
2.5. Conclusões	41
CAPÍTULO III – TRADUÇÃO E LÍNGUA EM USO: APLICAÇÕES DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO	43
3.1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais	44
3.2. Linguística Funcional Centrada no Uso aplicada aos Estudos da Tradução: uma breve revisão	48
3.3. Conclusões	50
CAPÍTULO IV – A LINGÜÍSTICA DE CORPUS APLICADA À TRADUÇÃO	52
4.1. Linguística de <i>Corpus</i> : caracterização geral	52
4.2. A Linguística de <i>Corpus</i> aplicada à tradução: uma breve revisão.....	56
4.3. <i>Corpora</i> : critérios de constituição e importância para a tradução	60
4.4. <i>Corpora</i> eletrônicos: uma breve caracterização	64
4.5. O programa <i>AntConc</i> : caracterização e funcionalidades	67
4.5.1. <i>Word List</i>	69
4.5.2. <i>Concordance e Concordance Plot</i>	69
4.5.3. <i>Clusters/N-Grams</i>	71
4.5.4. <i>Collocates e File View</i>	71
4.5.5. <i>Keyword List</i>	72
4.6. Procedimentos metodológicos: o papel do método misto na tradução	73
4.7. Conclusões	75
CAPÍTULO V – UMA ANÁLISE SOBRE AS INCONSISTÊNCIAS NA TRADUÇÃO DO PADRÃO CONSTRUCIONAL BUILD A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL E PAUTADA NO USO	78

5.1.	Procedimentos metodológicos	78
5.2.	Padrão construcional <i>build</i> ^{Verbo} em tradução	92
5.3.	Padrão construcional <i>build</i> ^{Adjetivo} em tradução	103
5.4.	Padrão construcional <i>build</i> ^{Nome} em tradução	112
5.5.	Conclusões.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS		125
REFERÊNCIAS		128

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, o homem cria maneiras de simplificar seu modo de vida e, para isso, a tecnologia faz parte de seu cotidiano. A evolução tecnológica compreende desde invenções como a roda até o computador – máquina eletrônica que permite o processamento de dados, capaz de executar vários comandos de informação.

Atualmente essas máquinas são fundamentais e indispensáveis para certas atividades profissionais ligadas à era da informação associada à tecnologia, conceitos que se complementam e que se nomeiam como Tecnologia de Informação.

A Tecnologia de Informação – ou TI – está presente diariamente na rotina de programadores, desenvolvedores de aplicativos e *softwares*, analistas de sistemas, entre outros, trazendo mudanças significativas na forma como empresas do mundo inteiro conduzem seus negócios. E a Internet viabiliza isso, tornando-se sua maior propulsora.

Nesse sentido, Gentile (2021), em um estudo organizado pela Associação Brasileira das Empresas de Software – ABES –, afirma que, nos últimos dois anos, o crescimento do setor e da produtividade de TI se deve ao fato de que as empresas precisaram mudar sua estrutura de trabalho, por causa da obrigatoriedade de confinamento devido à pandemia de Covid-19, gerando um aumento generalizado da modalidade *home-office*. As empresas, então, para conduzirem apropriadamente seus negócios, apostam na inclusão de novos recursos, na redução de custos e no aumento da segurança cibernética, impactando positivamente sua produtividade.

No Brasil, dentro do segmento de TI, pela primeira vez em muitos anos, “[...] o setor de *software* apresentou um crescimento mais acentuado do que o setor de serviços, com crescimento de 28,7% em 2020, em relação a uma redução de 4,5% no mercado doméstico de serviços.” (GENTILE, 2021, p. 4). Sendo assim, o mercado de TI está em alta, englobando *hardwares*, *softwares* e serviços, além de investimentos na conquista de melhorias na segurança e na infraestrutura do setor de computação em nuvem.

Desse modo, Mangiron e O’Hagan (2013) apontam o enorme crescimento no setor da localização, que surge diante da necessidade de se criarem versões locais

de conteúdo tecnológico, respondendo às demandas da venda de produtos no mercado globalizado. Além disso, os avanços tecnológicos, cada vez mais, buscam capacitar desenvolvedores e outros profissionais envolvidos nessa área, com equipamentos de ponta, permitindo essa globalização.

Intrinsecamente ligada a essa nova realidade, está a tradução tecnológica. Desde o treinamento adequado até o foco no posicionamento da empresa no mercado, metas inseridas no modelo GILT – acrônimo para globalização, internacionalização, localização e tradução – são definidas pelo gerenciamento da equipe local, configurando etapas primordiais para o sucesso da gestão empresarial e de suas demandas de venda de produtos no mercado globalizado.

Apesar de os avanços de TI no Brasil serem bastante positivos e significativos nesses dois últimos anos, refletidos intensamente no setor de computação em nuvem, ainda há espaço para melhorias, principalmente no que se refere à área de tradução e localização da linguagem técnica.

As nuances do mercado de TI, que atua em diversas áreas oferecendo soluções e *softwares* de apoio, buscam servir a algumas especificidades, como integração, monetização, *marketing* digital, gestão empresarial e, não menos importante, solução de problemas, internacionalizando marcas e produtos para que se adaptem totalmente à realidade do mercado consumidor.

Tendo isso em mente, a localização, assim como a tradução do material institucional a ser direcionado e adaptado a clientes e usuários, não devem ser negligenciadas de forma alguma, pois as diferenças sociais e culturais existentes entre língua de partida e língua de chegada daquele produto, e suas convencionalidades e especificidades, são desafios que o tradutor precisa ter em mente no momento de se dirigir ao público daquele nicho, tornando possível a atuação daquela empresa em sua nova localidade e conectando-a ao mercado global de modo eficiente e dinâmico.

Em qualquer tipo de projeto de tradução e localização, de *websites* a *softwares* ou de uma linguagem de programação, a terminologia técnica adequada ao contexto cultural é o foco, compreendendo suas diferenças fundamentais, conectando as empresas ao mercado global e quebrando barreiras, principalmente no sentido de possibilitar uma comunicação eficiente e dinâmica entre todas as pessoas envolvidas durante esse processo, desde funcionários a potenciais clientes e usuários.

Pelo exposto acima, o presente trabalho propõe, como objetivo geral, realizar a análise das inconsistências na tradução técnica de TI, focando, de maneira pontual, nos padrões construcionais com *build* em inglês e em suas respectivas traduções para a língua portuguesa, a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso. De modo mais específico, este trabalho assume os seguintes objetivos: i) estabelecer os procedimentos necessários para constituir e categorizar *corpora* com base nos critérios estabelecidos por Berber Sardinha (2000); ii) realizar uma compilação de dados baseada na aplicação das ferramentas do programa *AntConc* 3.5.9¹ para analisar as ocorrências de inconsistências na tradução de TI em gestões empresariais; e iii) investigar a tradução técnica em TI para a língua portuguesa no que se refere aos padrões construcionais com *build*, analisando as escolhas tradutórias e averiguando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais dos padrões construcionais identificados a partir das propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2013).

O enfoque para avaliar essas inconsistências se dá a partir da compilação de um *corpus* do inglês norte-americano e de seu correspondente, um *corpus* do português brasileiro, extraídos de *live pages* de produtos da *Microsoft*, do *Google* e da *AWS*, na nuvem, destinadas a usuários de TI e selecionadas aleatoriamente a partir do navegador *Edge*, da *Microsoft*. A análise perspectiva a aplicabilidade dos *corpora* e sua importância na constituição da língua, facultando critérios de representatividade para o processo tradutório de TI, por meio do manuseio de dados de *corpora* eletrônicos, utilizando exemplos desses *corpora* considerados “armadilhas da tradução” e justificando, assim, a concepção equivocada de que, para traduzir textos técnicos, é necessário apenas um conhecimento básico de uma terminologia específica, ou mesmo, o domínio de uma língua estrangeira.

Tendo isso em mente, como aporte teórico para esta pesquisa, utilizamos a Linguística de *Corpus* a partir dos conceitos de uso de *corpora* na formação de tradutores, destacando sua importância para a tradução (BERBER SARDINHA, 2000, 2002, 2003), suas possibilidades e seus avanços (KADER; RICHTER, 2013), além do crescimento na pesquisa em tradução baseada em *corpora* (BAKER, 1993, 1995,

¹ O programa *AntConc* será descrito detalhadamente na seção 4.5 do Capítulo IV.

1996), levando-se em consideração o destaque dos *corpora* eletrônicos como recursos importantes para a prática profissional do tradutor (BERBER SARDINHA, 2002) em relação às especificidades da linguagem técnica utilizada em TI (RIBEIRO, 2009). Nesse sentido, evidenciamos a interface produtiva entre a Linguística de *Corpus* e a terminologia técnica e de *corpora* na Tradução, para profissionais de diferentes áreas do conhecimento (TAGNIN, 2013, 2015). Além disso, assumimos também, como aporte teórico, pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos propostos por Traugott e Trousdale (2013). Nesse sentido, na análise realizada neste trabalho, baseamo-nos nas propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade a fim de verificar se os aspectos formais e funcionais que constituem os padrões construcionais com *build* em inglês foram preconizados também em sua tradução para a língua portuguesa.

A fim de cumprir os objetivos propostos para esta pesquisa, constituímos *corpora* a partir da compilação de um *corpus* do inglês norte-americano e de seu correspondente, um *corpus* do português brasileiro, extraídos de *live pages* de produtos da *Microsoft*, do *Google* e da *AWS*, na nuvem, destinadas a usuários de TI e selecionadas aleatoriamente a partir do navegador *Edge*, da *Microsoft*.

Para a análise pretendida, usamos as ferramentas disponibilizadas pelo programa *AntConc* 3.5.9 e o método misto nos termos de Johnson *et al.* (2007), equacionando os dados entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, de forma pareada e comparativa, com o propósito de aprofundar o conhecimento dos objetos analisados. Segundo Johnson, Onwuegbuzie e Turner (2007), a metodologia mista é considerada o terceiro maior paradigma de pesquisa, no qual convergem os dois outros: o quantitativo e o qualitativo. Assim, as pesquisas que utilizam métodos mistos, com uma equivalência entre a metodologia quantitativa e a qualitativa ou com o destaque da predominância de uma delas, o fazem para que haja uma maior compreensão dos objetos de análise e estudo.

Como hipótese formulada para a análise proposta, consideramos que os *corpora* se tornariam cada vez mais necessários para minimizar inconsistências na tradução e localização de TI em gestões empresariais, porque eles complementam e respaldam as escolhas tradutórias, resolvendo muitos problemas em termos de convencionalidade da tradução técnica. Acreditamos, nesse sentido, que, por meio da análise de *corpora*, o tradutor teria condições de buscar sentido e aspectos da

língua de que gramáticas e dicionários não dão conta, ou seja, padrões linguísticos que causam problemas na tradução técnica de TI e que podem ser analisados também a partir da perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – aliada à Linguística de *Corpus*, trazendo consistência às escolhas tradutórias e envolvendo funções específicas.

A fim de cumprir os objetivos propostos para este estudo, nosso trabalho organiza-se da seguinte maneira: no Capítulo I, discutiremos o papel da Localização nos Estudos da Tradução. De modo mais específico, faremos uma explanação sobre os processos da Localização e suas particularidades, além de uma breve revisão dos estudos sobre a Localização no Brasil. Discutiremos também, neste capítulo, a gestão terminológica na Tradução Técnica; no Capítulo II, apresentaremos alguns conceitos e características gerais sobre a Tecnologia de Informação – TI – e seus benefícios de uso em um mundo globalizado. Além disso, faremos uma breve explanação sobre a TI como elemento essencial para o desenvolvimento capitalista e o seu uso na gestão empresarial; já no Capítulo III, apresentaremos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – e também discutiremos sua aplicação nos Estudos da Tradução; no Capítulo IV, por sua vez, apresentaremos uma caracterização geral da Linguística de *Corpus* Aplicada à Tradução, discutindo os critérios de constituição de *corpora*, avaliando a sua importância para a tradução e também apresentando uma breve caracterização sobre os *corpora* eletrônicos. Ainda neste capítulo, trataremos do programa *AntConc* 3.5.9, apresentando suas características e suas funcionalidades, e discutiremos o paradigma metodológico assumido neste trabalho, caracterizando o papel do método misto na tradução; no Capítulo V, apresentaremos uma análise sobre as inconsistências na tradução dos padrões construcionais com *build*, a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

CAPÍTULO I

O PAPEL DA LOCALIZAÇÃO NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Stupiello (2012) afirma que a evolução da localização, ao longo do tempo, vem acontecendo para acompanhar um mundo cada vez mais digitalizado, consolidando-se por meio do surgimento de novas empresas e de novos postos de trabalho. De uma forma um pouco mais estabilizada, a tradução assim também se faz.

Essas duas vertentes, localização e tradução, estão intrinsecamente ligadas, apesar de serem áreas distintas, já que a localização, segundo Esselink (*apud* STUPIELLO, 2012, p.12), baseia-se na tradução de *websites* e *softwares*, jogos, aplicativos eletrônicos e produtos de alta tecnologia.

Devido a um número crescente de empresas que fazem parte do mercado globalizado, a indústria de localização tornou-se conhecida pelas demandas por serviços de tradução e adaptação. Tendo isso em mente, o objetivo deste capítulo é discutir brevemente o papel da localização nos Estudos da Tradução.

A fim de cumprir esse objetivo, na seção 1.1., abordamos os processos de localização e suas especificidades, a partir do surgimento da indústria de localização, de sua evolução e de seu desenvolvimento ao longo do tempo, bem como de sua relação com a Tecnologia de Informação – TI. Nesse sentido, por sua vez, na seção 1.2., realizamos uma breve revisão dos estudos sobre localização no Brasil, estabelecendo sua relação com os Estudos da Tradução. Em seguida, na seção 1.3., abordamos a gestão terminológica da tradução técnica. Por fim, na seção 1.4., sistematizamos as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas anteriormente.

1.1. Os processos de localização e suas especificidades

No início dos anos oitenta, aconteceu o surgimento da indústria de localização, época em que o sistema operacional – SO – do Windows foi implementado em outras línguas, além da língua inglesa. Seu desenvolvimento justificou-se pela necessidade

não somente de traduzir produtos, para outras línguas, como também de adaptá-los às convenções de cada mercado, por conta dessa imensa globalização.

Stupiello (2012), nesse sentido, afirma que a evolução da localização, ao longo do tempo, vem acontecendo para acompanhar um mundo cada vez mais digitalizado, consolidando-se por meio do surgimento de novas empresas e de novos postos de trabalho. De uma forma um pouco mais estabilizada, a tradução assim também se faz. Essas duas vertentes, localização e tradução, estão intrinsecamente ligadas, apesar de serem áreas distintas, já que a localização se baseia na tradução de *websites*, *softwares* e produtos de alta tecnologia.

Devido a um número crescente de empresas que fazem parte do mercado globalizado, a indústria de localização tornou-se conhecida pelas demandas por serviços de tradução e adaptação. Segundo Esselink (2000),

[...] a localização envolve a tradução e a adaptação linguística e cultural desses materiais em formato eletrônico – softwares, páginas da Internet, jogos, aplicativos eletrônicos e outros tipos de produtos de alta tecnologia – para os mercados locais específicos onde serão introduzidos e comercializados. (ESSELINK, 2000 *apud* STUPIELLO, 2012, p.12).

Mesmo que a tradução ocupe apenas uma parte dessa empreitada – pois a localização faz parte de um processo muito maior, o qual envolve muitos profissionais além dos tradutores –, é graças à tradução que as diversidades culturais e linguísticas se aproximam, fazendo com que o trabalho do tradutor seja visto como uma necessidade, cada vez maior, de uma comunicação nas diversas línguas de potenciais consumidores internacionais, tornando possível essa pluralidade de línguas e culturas.

Há, nesse contexto, uma urgência imposta pelo setor de localização para uma dinâmica maior de trabalho por parte dos tradutores, o que leva esses profissionais a se guiarem pelas ferramentas que empregam. Essa urgência em obter especializações, normatização técnica e suporte tecnológico está cada vez maior, possibilitando, assim, o uso de memórias de tradução (MT), para que se possa alcançar uma padronização e um controle maior dos projetos de tradução pelas equipes.

Assim, Stupiello (2012) continua suas reflexões afirmando que a tradução reflete sua importância na indústria de localização, que é o setor que mais tem empregado tradutores nas últimas décadas, em franca expansão, conforme observamos na literatura da área, em que se constata uma grande demanda de serviços em agências de tradução e localização.

Paralelamente à implementação das novas tecnologias de informação e comunicação, a indústria de localização usa materiais em formato digital, em um *continuum*, obrigando-a a uma constante atualização de suas atividades. Para ter garantias de cumprimento dos prazos de entrega do produto final, a localização adota uma simplificação da língua de partida para, segundo Stupiello (2012, p.13), “[...] possibilitar seu processamento semiautomático para outras línguas por meio de sistemas de memórias de tradução” – MT.

Ainda segundo a autora, os processos envolvidos nessa indústria resumem-se pela sigla em inglês GILT, referente às etapas de globalização, internacionalização, localização e tradução: i) na etapa da globalização, são desenvolvidas estratégias para inserção de um produto em mercados diversos; ii) na etapa da internacionalização, são realizadas as adaptações necessárias na documentação de origem do produto, além de algumas das práticas responsáveis pelo sucesso da internacionalização. Nesse sentido, segundo Pym (2004), “os trabalhos envolvidos no estágio de internacionalização assumem uma função ideológica, que implica a noção de que ‘um único texto internacional’ será adequado para todos os públicos” (PYM, 2004 *apud* STUPPIELLO, 2012, p.), criando textos que pareçam ter sido idealizados para aquela língua de chegada, no resgate de um conteúdo estável do texto original e da tradução, dentro daquele conceito idealizado de equivalência, que, por muito tempo, dominou as reflexões sobre a prática tradutória; iii) já a localização pode nos conduzir a diferentes patamares da tradução, refletindo suas assimetrias. Toda a reconstrução de um texto para outras línguas e culturas que abrange pesquisas, adequações terminológicas, edições e reelaborações de *layouts* de textos é extremamente importante, pois são essas adaptações e esses ajustes na organização de um produto ou marca que irão entrar no mercado interno; iv) e, por fim, no que diz respeito à tradução técnica, pertinente a este trabalho, ela é tradicionalmente vista como um processo quase sempre incompleto e imperfeito de transferência de sentidos entre línguas e culturas. Ou seja, a ela não caberia efetuar adaptações, mas sim

restringir-se à recuperação e à edição de segmentos de textos entre os pares de línguas de trabalho do tradutor. Sendo assim, ainda segundo a autora, a tradução é medida no máximo através do reaproveitamento de traduções anteriores, uniformizando cada vez mais as escolhas tradutórias de forma a evitar equívocos quando localizados concomitantemente para outras línguas. Descreveremos um pouco mais detalhadamente sobre os processos do modelo GILT na próxima seção.

Em uma declaração de Perkin (1996), em um artigo sobre localização, ela afirma que o processo de localização é complexo e se estende muito além da tradução, considerando que “[...] as sensibilidades culturais devem ser respeitadas, segundo sistemas específicos de cada local” (PERKIN, 1996 *apud* CRONIN, 2003, p. 86).

Porém, ao atribuir a inclusão e o ajuste das diferenças à localização, Perkin (1996 *apud* STUPIELLO, 2012, p. 15) afirma também que um trabalho exclusivamente linguístico se restringe à tradução, deixando de lado muitas tarefas consideradas como fora de seu escopo, como aquelas que lidam com tais “sensibilidades culturais” (STUPIELLO, 2012, p. 16) de seu público, a que ela se refere.

De fato, elas são inseparáveis do trabalho com a língua e precisam ser consideradas pelo tradutor no momento da tradução. Por conta de declarações como a de Perkin (1996, *apud* STUPIELLO, 2012 p.15), repercute-se a crença de que o trabalho do tradutor é estrito à transferência de sentidos de uma língua para outra, “ao mesmo tempo em que ignoram que é de extrema importância que o tradutor seja sensível às particularidades culturais das línguas que traduz.” (STUPIELLO, 2012, p. 16).

Com o imenso volume de materiais textuais em formato digital a serem traduzidos e com os prazos cada vez menores, um número crescente de tradutores recorre a sistemas de memórias de tradução para se manterem competitivos, podendo causar conflitos se ele tiver que optar por uma tradução, armazenada na memória de tradução, que não esteja de acordo com aquele contexto.

É especificamente pela tradução que determinado público aproxima-se de um produto a ele introduzido. Nesse contexto, a tradução desempenha o papel de protagonista na recriação de um texto original e nas suas relações desse texto, com sua nova realidade cultural e linguística da qual irá fazer parte. O trabalho de reconstrução e adequação de um texto de origem para outra língua não irá deixar de

existir, mesmo que se empreguem algumas ferramentas eletrônicas, como os sistemas de memórias de tradução em trabalhos de localização.

Os sistemas de memória de tradução permitem, nesse sentido, aos usuários o armazenamento de textos originais e suas respectivas traduções em segmentos e de maneira ordenada. Uma vez armazenada na memória, a produção tradutória é recuperada pelo sistema, quando esse se depara com segmentos semelhantes aos já traduzidos anteriormente e identificados naquele novo texto, com a possibilidade de uma padronização de projetos.

Essas ferramentas, essenciais aos trabalhos de localização, têm sido amplamente adotadas, pela possibilidade de se alcançar essa padronização de projetos de tradução, “[...] facilitando a “adaptação” dos textos traduzidos aos diversos *locales* em que serão apresentados” (STUPIELLO, 2012, p.13).

1.2. Os estudos sobre localização no Brasil: uma breve revisão

Com o advento da Internet e a globalização da economia, um maior alcance a mercados externos tornou-se possível. A consequente interação desses mercados fez com que a localização de *softwares* e de *websites* passasse a ser prioridade em empresas que agem globalmente, na tentativa de tornarem seus produtos viáveis em todo lugar.

Nesse sentido, Ribeiro (2009) entende a localização como um processo que engloba tecnologia e mercado, com algumas etapas, sendo a tradução uma delas. Em geral, segundo a autora, a localização adapta produtos tecnológicos ao mercado globalizado, tornando-se conhecida pelas demandas por serviços de tradução devido ao número crescente de empresas que fazem parte desse mercado globalizado. A autora afirma também que ainda há muitos questionamentos sobre a relação entre tradução e localização e sobre a probabilidade da inclusão da localização nos currículos de cursos de tradução. Porém, as definições sobre uma e outra variam conforme a visão de cada tradutor, com suas respectivas habilidades e tarefas no momento da tradução, pois, “[...] o tradutor precisa compreender onde sua tarefa se insere para realizar a tradução satisfatoriamente” (RIBEIRO, 2009, p. 52).

Em termos mais específicos, Ribeiro afirma que a localização na área de *software* envolve “o software [...], a ajuda on-line e a documentação, sendo essa última normalmente um guia impresso para os usuários.” (RIBEIRO, 2009, p.52). Além disso, ela envolve também muitos profissionais além do tradutor, como gerentes de projeto, engenheiros, linguistas e editores. Nesse contexto, a localização de *softwares* envolve questões, das mais simples às mais complexas, cujo foco é essencialmente comercial. Assim, “[...] a localização nada mais é do que o processo de adaptação de um produto para um mercado específico, de forma que ele se torne apropriado linguística e culturalmente para os consumidores alvos” (FERREIRA, 2000, *apud* RIBEIRO, 2009, p. 52).

Segundo Ribeiro (2009), o desenvolvimento da tradução e do conceito da localização foi possível por meio da Internet e da evolução de diversas tecnologias, como computadores e *softwares*, potencializando diferentes áreas de conhecimento de um mundo globalizado. Inicialmente, a localização aplicava-se somente a *softwares*. Hoje a localização envolve a tradução de outros tipos de produtos de alta tecnologia, como páginas da Internet, jogos, aplicativos eletrônicos, multimídia, entre outros.

Desse modo, Mangiron e O’Hagan (2013) apontam o enorme crescimento no setor da localização, que surge diante da necessidade de se criarem versões locais desse conteúdo tecnológico, respondendo às demandas da venda de produtos no mercado globalizado. Além disso, os avanços tecnológicos, cada vez mais, buscam capacitar desenvolvedores e outros profissionais envolvidos nessa área, com equipamentos de ponta, permitindo essa globalização.

Segundo Vales e Gonçalves (2017, p. 4), “[...] a tradução surge como que um tronco comum para uma série de subáreas dentro dos Estudos da Tradução. Tal é o caso da localização”. Nesse sentido, segundo os autores, a localização era considerada, no início, um processo complexo e dispendioso, com muitos problemas difíceis de se contornar, como programas e *softwares* que, ao serem modificados, deixavam de funcionar. Assim, para facilitar o trabalho de localização, surge a internacionalização – atividade com uma arquitetura mais abrangente, “[...] que permitia a localização para várias línguas e culturas, sem a obrigação de alterar o código fonte do programa” (ANTUNES, 2001, p. 26 *apud* VALES; GONÇALVES, 2017, p. 4). A partir de então, com a evolução tecnológica, foram surgindo conceitos como

a globalização, que veio se unir à internacionalização, localização e tradução, formando o modelo conhecido pela sigla GILT.

Dessa forma, Vales e Gonçalves (2017) apontam que a globalização se torna um conceito inerente à localização, já que essa está diretamente relacionada ao mercado e ao *marketing* do produto, fazendo com que as empresas adaptem seus produtos à língua e cultura e às convenções locais em que serão comercializados. Assim, o objetivo da globalização é fazer com que os produtos e outras atividades de uma empresa, como serviços, suporte técnico e *marketing*, entre outros, reflitam as necessidades mercadológicas locais, sem restrições.

No que se refere à internacionalização, os autores afirmam que esse é um conceito que visa a tornar o produto, em sua fase de concessão, apto ao consumo público. A internacionalização é feita pelos programadores de *softwares*, que, segundo Esselink (2000), em um primeiro momento, fazem a separação do texto traduzível do texto de programação, pois esse não deverá ser alterado pelo tradutor. Assim, o código-fonte será preservado, ocorrendo a prevenção de danos ao *software*. Aliado a isso, está a internacionalização de documentação, que consiste em, por exemplo, uma “[...] uniformização de terminologia e adoção de regras de gramática controladas, no sentido de facilitar a tradução e evitar erros” (CÉU, 2009, p. 15 *apud* VALES; GONÇALVES, 2017, p. 6), entre outros. Vales e Gonçalves (2017) afirmam, ainda, que o processo de internacionalização ocorre antes do processo de localização, pois a internacionalização prepara o produto a ser localizado.

Por conseguinte, a localização, segundo Vales e Gonçalves (2017), é tornar um produto apto a ser consumido, ajustando línguas e culturas. Segundo o autor, “a tradução centra-se, sobretudo, na tradução/localização de inglês para outras línguas, com o intuito de ajustá-la aos consumidores finais.” (VALES; GONÇALVES, 2017, p. 6). Assim, a localização não seria apenas localizar e traduzir, e sim realizar várias atividades inerentes ao processo, diretamente relacionadas ao modelo GILT, intrinsecamente ligado ao segmento de Tecnologia de Informação (TI), em que são utilizados recursos tecnológicos para o gerenciamento de informações, auxiliando as empresas a trabalharem seus dados e otimizando processos em todos os perfis de negócios.

No Brasil, dentro desse segmento, pela primeira vez em muitos anos, “[...] o setor de software apresentou um crescimento mais acentuado do que o setor de

serviços, com crescimento de 28,7% em 2020, em relação a uma redução de 4,5% no mercado doméstico de serviços.” (GENTILE, 2021, p. 4). Sendo assim, o mercado de TI está em alta, englobando *hardwares*, *softwares* e serviços, além de investimentos na conquista de melhorias na segurança e na infraestrutura do setor de computação em nuvem.

No cenário mundial, a pandemia de Covid-19 acelerou a necessidade de conectividade, devido ao maior consumo, a mais usuários de apps e a dispositivos, com maior automação, colaboração e compartilhamento de conteúdo ativados digitalmente. E, no Brasil, esse panorama não foi diferente.

Segundo Gentile (2021, p. 4) “o crescimento do setor brasileiro de software pode ser atribuído à forma como as empresas foram obrigadas a mudar sua estrutura de trabalho a esse cenário, em função de confinamentos e do aumento da modalidade *home-office* que se seguiu”. Nesse sentido, as empresas “apostaram na introdução de novos produtos, no aumento da segurança em TI, no aumento da produtividade e na redução de custos”, para poder continuarem a conduzir seus negócios (GENTILE, 2021, p. 4).

Consequentemente, as empresas brasileiras têm utilizado largamente a indústria da localização por meio da TI, fazendo a ponte para interligar fornecedores, clientes e produtos e processar transações, atendendo de forma rápida, segura e personalizada.

Nos últimos anos, segundo Albertin (2000), tanto em nível mundial quanto em nível nacional, o ambiente corporativo tem passado por numerosas modificações diretamente relacionadas à TI, em que o ambiente digital proporciona a realização de negócios e do comércio eletrônico. Frente a essa realidade global e digital, a localização é cada vez mais utilizada e estritamente necessária.

1.3. A gestão terminológica da Tradução Técnica

Segundo Ribeiro (2009), na fase inicial do pré-estruturalismo dos Estudos da Tradução, empreendiam-se esforços em relação à valorização do tradutor, em que o reconhecimento de sua prática tradutória viabilizava a reconstrução e reescritura

de um texto, na tentativa de libertá-lo do estigma de ser invisível, assumindo o papel de mero “transpositor entre idiomas” (RIBEIRO, 2009, p. 50).

A autora afirma ainda que “[...] numa perspectiva funcionalista da *Skopostheorie*, o original e seu autor perdem importância e questões pragmáticas como a finalidade do texto e seu público-alvo assumem o centro das reflexões” (RIBEIRO, 2009, p. 49). Porém, essa atuação direta do tradutor sobre o texto em sua reconstrução causou alguns equívocos, entre os quais, o de que qualquer interpretação seria possível durante esse processo de recriação do texto.

Ribeiro (2009) continua suas reflexões afirmando que Pym (2001) e outros autores repensam essa liberdade redefinindo limites, na busca de uma identidade própria para a tradução, não deixando de levar em conta o quanto a prática tradutória é complexa no âmbito do pré-estruturalismo.

Nesse sentido, o papel da ética torna-se um dos aspectos mais frequentes no que diz respeito aos questionamentos relativos a limites e à identidade da tradução, e entre as “relações tradutor-autor, tradutor-original, tradutor-editor, e talvez mais acentuadamente na relação tradutor-público” (RIBEIRO, 2009, p.50).

Mesmo que, normalmente, esses questionamentos refiram-se à tradução literária, Ribeiro (2009) afirma que é extremamente relevante tentar fazer uma ponte para a reflexão sobre tais questões, no que diz respeito à tradução da linguagem técnica, em especial relacionada ao mercado da localização, pertinentes a este trabalho, levando em consideração como essas questões éticas se encaixariam no processo da tradução técnica e de sua gestão terminológica.

Sobre o conceito de tradução técnica, a autora começa suas reflexões afirmando que “a prática tradutória é comumente dividida em tradução literária, tradução técnica e tradução audiovisual [...]” (RIBEIRO, 2009, p. 50). Sabemos também que cada uma dessas áreas engloba uma série de práticas com características bastante distintas. Podemos, ainda, subdividi-la em áreas de especialidade – como informática, direito, medicina, entre outras – que, por sua vez, se subdividem em outras áreas muito mais específicas e afins – como direito penal, direito criminal, direito de família, por exemplo. Podemos também incluir, nessa categoria de tradução técnica, a tradução juramentada e a interpretação.

Com isso em mente, podemos inferir que a tradução técnica constitui um tipo de tradução especializada que envolve a tradução de documentos produzidos por

redatores técnicos – como, por exemplo, manuais do proprietário, guias de usuário, entre outros – ou, mais especificamente, textos que dizem respeito a áreas temáticas tecnológicas, ou que tratam da aplicação prática de conhecimentos científicos e informações tecnológicas, e o seu conceito é “tão frutífero e múltiplo quanto o de outras modalidades” (RIBEIRO, 2009, p. 49).

É relevante pontuar que a tradução técnica abrange a tradução de uma diversidade de textos especializados e requer do tradutor um nível peculiar de conhecimento do assunto, além de um domínio da terminologia relevante e das convenções da língua, tanto de partida quanto de chegada. Nesse contexto, é muito importante que haja uma terminologia consistente durante o processo de tradução técnica, muitas vezes repetitiva e estereotipada, o que torna essa tradução alvo ideal para as memórias de tradução e de banco de dados de terminologia considerados altamente apropriados.

Nesse sentido, Ribeiro (2009) afirma que o mercado de tradução adota uma “divisão entre traduções literárias e técnicas e tal divisão traz consigo questões cruciais para as reflexões sobre a prática de cada uma dessas modalidades” (RIBEIRO, 2009, p. 51). Porém, essa divisão torna-se improcedente, segundo a autora, quando textos taxados como imparciais ou objetivos – como os textos jornalísticos por exemplo, que “refletem interesses econômicos e ideológicos” (2009, p. 51) – demonstram exatamente o contrário. Textos com jargões técnicos, que alcançam um público mais amplo, tornam-se acessíveis por meio da tradução técnica, pois ela envolve recursos linguísticos especializados de tradução de textos tecnológicos de uma língua para outra.

Ainda segundo Ribeiro (2009), a relação entre tradução e localização é amplamente discutida, questionando-se se uma é parte da outra. Na definição de Ferreira (2000 *apud* RIBEIRO, 2009, p. 52):

A tradução passa a fazer parte de algo muito maior e mais técnico: a localização e a internacionalização de produtos. A localização nada mais é do que o processo de adaptação de um produto para um mercado específico de forma que ele se torne apropriado linguisticamente e culturalmente para os consumidores alvos (FERREIRA, 2000 *apud* RIBEIRO, 2009, p. 52).

Então, a tradução técnica e suas modalidades, segundo a autora, tornam-se parte de um produto, afetadas pelas regras de um sistema econômico globalizado, em que “[...] o autor, o texto original, a estética saem do foco e passa a predominar a função do texto traduzido, a aceitação do produto no mercado consumidor”, quase relegando a segundo plano “[...] questões teóricas e linguísticas intrínsecas ao texto” (RIBEIRO, 2009, p. 52).

Por questões de prazos apertados, tradutores despreparados, generalização de uma padronização técnica e prática de preços, Ribeiro (2009) explica que há uma maior literalidade de textos técnicos traduzidos e localizados, gerando traduções, muitas vezes, não procedentes.

Acredita-se que, na tradução técnica, especialmente no que diz respeito a “manuais de equipamentos, treinamentos e software” (RIBEIRO, 2009, p. 53), haja uma perda da importância, preservando-se o conteúdo em detrimento da forma, predominando, assim, segundo a autora, o funcionalismo da *Skopostheorie*, “[...] em que o autor, o texto original e a cultura de partida perdem a importância em relação à função do texto traduzido na cultura de chegada. O objetivo é que o texto traduzido cumpra a devida função na cultura de chegada” (RIBEIRO, 2009, p. 53).

Nesse cenário, Ribeiro (2009) afirma que a tradução técnica é compreendida, então, como uma “prestação de serviço” inserida em um sistema econômico globalizado, em que a relação tradutor-cliente, em meio a outros diversos níveis éticos, torna-se primordial.

Esse nível de relação tradutor-cliente acontece porque é ele quem vai determinar e aprovar, ou não, os padrões tradutórios a serem seguidos, como adaptações, por exemplo, gerando uma limitação da liberdade de criação entre o tradutor e o texto a ser traduzido. Muitas vezes, não tendo quase nenhuma informação sobre o produto daquele serviço contratado de tradução – representado por funcionários de áreas de *marketing* ou agências de tradução terceirizadas, por exemplo – a única relação real do tradutor é com o cliente. Assim, o compromisso ético do tradutor técnico passa a ser com a visão do cliente, mesmo que afete as outras relações, como complementa Ribeiro (2009).

Porém, mesmo havendo toda essa relevância na relação tradutor-cliente, no que tange à tradução técnica, “[...] não significa, contudo, que o reconhecimento do

aspecto mercadológico, marcadamente pragmático, deva predominar ou relegar a segundo plano as questões teóricas propriamente ditas [...]” (RIBEIRO, 2009, p. 54).

Segundo Esselink (2003 *apud* RIBEIRO, 2009, p. 54), está havendo uma mudança significativa no setor de localização de *softwares* e, conseqüentemente, na tradução técnica. Podemos observar agora, diferentemente dos anos 1990 em que o setor da localização tentou tornar os tradutores técnicos em “semiengenheiros”, um movimento no setor de localização de conteúdos, em que está havendo a retomada das habilidades linguísticas e a simplificação técnica para os tradutores.

Ainda segundo esse autor, o conhecimento linguístico do tradutor técnico e o domínio daquilo que ele irá traduzir estarão diretamente relacionados à sua especialidade técnica e farão parte da promoção da simplificação técnica para os tradutores, dedicando-se à “matéria prima fundamental: a língua, o texto, o discurso” (RIBEIRO, 2009, p. 54).

1.4. Conclusões

A tradução como um todo nada mais é do que a busca pelo equilíbrio entre a arte e a ciência, sendo construída tanto pela teoria quanto pela prática tradutória. Ter pleno conhecimento tanto das características linguísticas quanto das estéticas da tradução aplica-se também diretamente ao campo da tradução técnica e de sua gestão terminológica.

É especificamente pela tradução que determinado público aproxima-se mais ou menos de um produto a ele introduzido. Nesse contexto, a tradução desempenha o papel de protagonista na recriação de um texto original e nas relações circunstanciadas por esse texto e com a nova realidade cultural e linguística da qual irá fazer parte. O trabalho de reconstrução e adequação de um texto de origem para outra língua não irá deixar de existir, mesmo que se empreguem algumas ferramentas eletrônicas, como os sistemas de memórias de tradução em trabalhos de localização.

Com o advento da Internet e a globalização da economia, um maior alcance a mercados externos tornou-se possível. A conseqüente interação desses mercados fez com que a localização de *softwares* e de *websites* passasse a ser prioridade em empresas que agem globalmente, na tentativa de tornarem seus produtos viáveis em

todo lugar. Frente a essa realidade global e digital, a localização é cada vez mais utilizada e estritamente necessária.

Devido a um número crescente de empresas que fazem parte do mercado globalizado, a indústria de localização tornou-se conhecida pelas demandas por serviços de tradução e adaptação. Nesse sentido, as empresas “apostaram na introdução de novos produtos, no aumento da segurança em TI, no aumento da produtividade e na redução de custos”, para poder continuarem a conduzir seus negócios (GENTILE, 2021, p. 4).

Consequentemente, as empresas brasileiras têm utilizado largamente a indústria da localização por meio da TI, estabelecendo uma ponte para interligar fornecedores, clientes e produtos e processar transações, atendendo de forma rápida, segura e personalizada.

Nesse cenário, Ribeiro (2009) afirma que a tradução técnica é compreendida, então, como uma “prestação de serviço” inserida em um sistema econômico globalizado, em que a relação tradutor-cliente, em meio a outros diversos níveis éticos, torna-se primordial. Segundo Esselink (2003 *apud* RIBEIRO, 2009, p. 54), está havendo uma mudança significativa no setor de localização de *softwares* e, consequentemente, na tradução técnica. Assim, o conhecimento linguístico do tradutor técnico e o domínio daquilo que ele traduzirá estarão diretamente relacionados à sua especialidade técnica e farão parte da promoção da simplificação técnica para os tradutores.

Tendo isso em mente, o objetivo deste capítulo foi discutir brevemente o papel da localização nos Estudos da Tradução. Assim, na seção 1.1., abordamos os processos de localização e suas especificidades, a partir do surgimento da indústria de localização, apresentando sua evolução e seu desenvolvimento ao longo do tempo, bem como sua relação com a Tecnologia de Informação – TI. Nesse sentido, por sua vez, na seção 1.2., realizamos uma breve revisão dos estudos sobre a localização no Brasil, estabelecendo sua relação com os Estudos da Tradução. Em seguida, na seção 1.3., abordamos a gestão terminológica da tradução técnica e suas especificidades. Por fim, na seção 1.4., sistematizamos as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas anteriormente.

CAPÍTULO II

A TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO (TI)

Segundo um estudo organizado pela ABES, Associação Brasileira das Empresas de Software, o Brasil é o país que mais investe em Tecnologia de Informação (TI) na América Latina. O mercado de TI está em alta, englobando *hardwares*, *softwares* e serviços, além de investimentos na conquista de melhorias na segurança e infraestrutura do setor de computação em nuvem.

Segundo Albertin (2001), as organizações empresariais buscam, cada vez mais, o uso intenso de TI – poderosa ferramenta de negócios, com o foco no investimento significativo e na implementação empresarial bem-sucedida, criando estratégias voltadas para o futuro dessas empresas.

Neste cenário, os principais esforços dessas organizações são identificar o valor estratégico dessa tecnologia e evidenciar o gerenciamento efetivo de seus projetos, com a finalidade de aumentar as chances de sucesso dessas implementações, alterando as bases de competitividade das empresas. Consequentemente, ainda segundo o autor, o ambiente empresarial tem passado por mudanças significativas nos últimos anos, diretamente relacionadas à TI.

Considerada fundamental para vários setores empresariais, tanto operacionalmente quanto estrategicamente, a TI é vista como uma das maiores e mais poderosas influências no planejamento das organizações.

Albertin (2001) afirma ainda que o crescimento tecnológico do setor de computação e de telecomunicações tem impactado, de maneira bastante positiva, “as economias de escala e de escopo” (ALBERTIN, 2001, p. 43), gerando impacto no funcionamento das organizações. A manipulação de um grande volume de transações por meio da tecnologia, com um custo médio decrescente, oferece novos produtos e canais de distribuição, definindo que o ambiente digital altera, de maneira significativa, a natureza dos negócios. Para que isso aconteça, Albertin (2001) aponta três pilares principais para a efetivação dessa infraestrutura, a saber: i) os computadores; ii) as comunicações; e iii) os *softwares*. Os outros pilares, não menos importantes, seriam

organizacionais: “planejamento estratégico, *marketing* agressivo e capacidade de assimilar os aspectos relacionados com computadores” (ALBERTIN, 2001, p. 44).

Tendo isso em mente, o objetivo deste capítulo é discutir brevemente sobre a Tecnologia de Informação (TI) como sendo um dos elementos essenciais do ambiente empresarial, destacando como ela tem sido adotada pelo setor. Nesse sentido, a intenção é discutir seus benefícios como estratégias de diferenciação e crescimento para essas empresas, inclusive, na tomada de decisões pelos gestores.

Assim, na seção 2.1., faremos uma caracterização geral sobre a área de TI, vista atualmente como uma das maiores e mais poderosas influências no planejamento estratégico das organizações. Em seguida, na seção 2.2., discutiremos os benefícios do uso de TI em um mundo globalizado. Nesse sentido, por sua vez, na seção 2.3, trataremos de TI como elemento essencial para o desenvolvimento capitalista. Em seguida, na seção 2.4., apontaremos a importância do uso de TI na gestão empresarial, verificando como ele está intrinsecamente relacionado aos processos de tradução e localização. Por fim, na seção 2.5., sistematizaremos as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas anteriormente.

2.1. A Tecnologia de Informação: caracterização geral

Vieira *et al.* (2010) consideram a tecnologia como um conjunto de conhecimentos que pode ser utilizado em uma determinada atividade, baseando-se na ciência e no avanço do conhecimento em auxílio da criação de bens e serviços.

Afunilando um pouco mais esse conceito, destacamos, neste capítulo, a Tecnologia de Informação (TI). No que se refere a ela, as autoras afirmam que a TI se baseia no desenvolvimento de sistemas de computação responsável pelas ações e pelos recursos necessários para o processamento da informação nas organizações empresariais.

Vieira *et al.* (2010) afirmam ainda que a TI, outrora, era considerada apenas um item de suporte à organização, que não produzia retorno algum ao negócio. Hoje essa perspectiva se modificou. Com a evolução da informática e, conseqüentemente, a redução do custo dos computadores e das telecomunicações, dos *hardwares* e *softwares*, aliada ao aumento da facilidade de manuseio desses equipamentos, as

organizações passaram a deter uma infraestrutura de TI mais complexa e essencial para seu desenvolvimento.

Essa nova realidade ocasionou mudanças no tratamento das informações, e a sobrevivência das organizações está diretamente relacionada à sua “capacidade de captar, absorver e responder às demandas requeridas pelo ambiente” (VIEIRA *et al.*, 2010, p. 69). A gestão de TI mostra, nesse sentido, tanto o contexto interno da organização, quanto o ambiente externo, diferenciando a qualidade dos produtos e dos serviços oferecidos.

Assim, investimentos necessários têm sido realizados na área de TI, tornando-a imprescindível em quase todos os setores da empresa moderna, pois seu uso eficiente gera “um diferencial que agrega valor ao produto, ao processo e/ou ao serviço, garantindo melhor desempenho na competitividade.” (VIEIRA *et al.*, 2010, p. 69). Cabe, portanto, aos administradores dessas empresas selecionarem quais informações são relevantes, com o objetivo de obter sucesso em seus negócios. A informação adequada, nesse contexto, faz com que a empresa obtenha um maior conhecimento de si própria, facilitando o planejamento estratégico.

Segundo CARR (2009, p. 3 *apud* VIEIRA *et al.*, 2010, p. 71), “o poder e a presença da Tecnologia de Informação se expandiram e as empresas passaram a considerá-la como um recurso cada vez mais decisivo para o sucesso”. Seu conceito é abrangente e engloba o conjunto de tecnologia capaz de gerar, armazenar e compartilhar as informações.

A evolução da TI, então, passou a figurar como um propósito estratégico dentro das organizações, pois é ela que sustenta as operações de negócios, tendo como principal benefício a melhoria na qualidade de informações, cuja importância afetará diretamente a empresa, os clientes e os fornecedores dos serviços prestados ao consumidor final. Abordaremos um pouco mais detalhadamente esses benefícios na próxima seção deste capítulo.

Com o advento da Internet e a globalização da economia, um maior alcance a mercados externos tornou-se possível. A consequente interação desses mercados fez com que a localização de *softwares* e de *websites* passasse a ser prioridade em empresas que agem globalmente, na tentativa de tornarem seus produtos viáveis em todo lugar.

Nos últimos anos, segundo Albertin (2004), tanto em nível mundial quanto em nível nacional, o ambiente corporativo tem passado por numerosas modificações diretamente relacionadas com a TI, em que o ambiente digital proporciona a realização de negócios e de comércio eletrônico.

Dentre as Tecnologias de Informação, a Internet é a que mais se destaca, segundo Albertin (2004), pois ela é mediada por computador, em uma combinação de diversos recursos que podem ser utilizados de maneira integrada ou em separado.

Consequentemente, as empresas no mundo inteiro têm utilizado largamente a indústria do setor de localização, estabelecendo uma ponte para interligar os fornecedores, os clientes e a globalização de seus produtos processando transações por meio da tradução técnica, atendendo ao consumidor final de forma rápida, segura e personalizada.

Albertin (2008) afirma que, em um nível mais elevado, a TI contribui de forma bastante efetiva para a criação dos modelos atuais de negócios. A competitividade do ambiente empresarial, nesse sentido, é um desafio constante para seus administradores, face ao emergente fortalecimento da economia global, exigindo mudanças na gestão das empresas, em que a Tecnologia de Informação se torna ferramenta essencial para o crescimento ou mesmo para a sobrevivência dessas organizações.

2.2. Os benefícios do uso de TI em um mundo globalizado

Souza e Szafir-Goldstein (2005) afirmam que, na década de 1990, houve uma mudança do foco de TI dentro das organizações. Anteriormente, as empresas possuíam equipes de analistas e programadores para o desenvolvimento de programas que atendiam a suas necessidades. A partir de então, com a rápida evolução da tecnologia, novas ferramentas e novos aplicativos surgiram. Assim, a substituição de sistemas desenvolvidos por programadores, dentro das próprias empresas, por sistemas comprados prontos – denominados pacotes – configurou mudanças na relação entre as empresas e as ferramentas de TI, buscando reduzir não somente o tempo de processamento de informações como o custo diluído entre os clientes.

Sistemas ERP – *Enterprise Resource Planning*, SCM – *Supply Chain Management* – e CRM – *Customer Relationship Management*, além dos DW – *Data Warehouses* – e sistemas de BI – *Business Intelligence* – que permitem a análise e a tomada de decisão a partir dos dados gerados – estão entre os grandes avanços da área de TI aplicada à gestão empresarial.

Laudon (2001 *apud* SOUZA; SZAFIR-GOLDSTEIN, 2005, p. 1) afirma que esses sistemas – Sistemas de Informação (SI) – são um conjunto de elementos responsáveis pelo armazenamento, pelo processamento e pela distribuição de dados e informações para dar suporte às atividades de uma organização. No que se refere à Tecnologia de Informação (TI), Laudon (2001) pontua que ela está diretamente ligada às tecnologias de computadores utilizadas nas organizações, relacionadas ao processamento e à transmissão de dados, que também pode incluir “tecnologias de conexão (redes), comunicação de dados, voz e imagens não diretamente ligadas a usos em sistemas de informação” (SOUZA; SZAFIR-GOLDSTEIN, 2005, p. 1). Embora os conceitos SI e TI estejam intrinsecamente relacionados, eles não são equivalentes.

Strassburg *et al.* (2007) afirmam que o ambiente empresarial em um mundo globalizado está em constante mudança, com menos previsibilidade e mais complexidade, permitindo o gerenciamento de grandes quantidades de dados. É preciso, então, que as empresas se dediquem com entusiasmo a essas mudanças, pois, caso contrário, perderão espaço e podem até desaparecer do mercado. Para que isso não aconteça, segundo esses autores, há a necessidade de as empresas se organizarem, possibilitando a elaboração de informações que contribuem para o desempenho de atividades e para a tomada de decisões eficazes em vários setores. Assim, para que haja o crescimento organizacional de forma global, faz-se necessário o uso de TI, o que possibilita a geração rápida, segura e eficaz das informações.

Os investimentos empresariais em TI oferecem muitos benefícios, porém, é preciso que se convertam em contribuições efetivas para o resultado da empresa. Segundo Albertin *et al.* (2004, p.51), esses benefícios que a TI oferece às empresas são comprovados em algumas áreas de aplicação desta tecnologia. Porém, esses mesmos autores sustentam também que, em alguns setores, o uso de TI, por si só, não determina o sucesso e o bom rendimento dos negócios, pois, alguns aspectos

como cultura e política organizacional, ou estrutura e processos, devem ser levados em conta no momento da utilização de TI para a gestão empresarial de forma global.

Stair e Reynolds (2006) afirmam que “uma vantagem competitiva é um benefício significativo e de longo prazo para uma companhia perante seus competidores” (2006, p.51 *apud* VIEIRA, 2010, p. 77).

Albertin (2008) aponta também que o “uso de TI oferece benefícios para os negócios que incluem custo, produtividade, qualidade, flexibilidade e inovação, e cada uso tem uma composição própria desses benefícios” (ALBERTIN, 2008, p. 278). O grande desafio é identificar quais são aqueles que serão positivos para o desempenho empresarial, além da resolução dos problemas de negócios e da diminuição de custos, utilizando a TI como vantagem competitiva no mercado globalizado.

A cada dia, novos desafios surgem para a administração de TI, e o seu uso emerge como um apoio à estratégia para alcançar vantagens competitivas sustentáveis e para gerir os negócios organizacionais como um todo.

2.3. A TI como elemento essencial para o desenvolvimento capitalista

Rosa *et al.* (2008) afirmam que o maior desafio para as organizações é alcançar um posicionamento no mercado globalizado, mantendo a fidelidade à marca. Diante desse cenário, o *marketing* proveniente de TI tornou-se peça fundamental para essas organizações no mercado capitalista.

Segundo as autoras, com a era virtual, as organizações foram obrigadas a entrar neste meio, como uma garantia para seu posicionamento, usando o *e-marketing* como uma das ferramentas essenciais para seu sucesso.

Os recursos disponíveis na Internet são ilimitados, e as organizações utilizam desde *softwares* até sites, como ferramentas que promovam suas marcas e seus produtos. Para isso, é necessária também uma boa estratégia de divulgação das empresas, alavancando a fidelidade dos clientes. Assim, a vantagem competitiva e o reconhecimento empresarial por meio da TI proporcionam resultados mais satisfatórios, originados pelo aumento das transações de negócios, promovidos pelo *e-business*. Além disso,

[...] a influência da Internet pode ser notada e comprovada por várias situações como o contato à distância das empresas com seus dirigentes; a comercialização de bens e serviços; [sic] administração governamental e o acesso para qualquer indivíduo do conhecimento total da humanidade. (ROSA *et al.*, 2008, p. 15).

Ainda de acordo com Rosa *et al.* (2008), o *e-business* tem como principal objetivo a integração entre o sistema da organização e o sistema dos seus fornecedores, como uma forma de agilizar processos como a reposição de estoque ou a procura por preços mais baixos.

Nesse sentido, muitos segmentos têm se fortalecido por meio das operações pela Internet – poderosa ferramenta de TI –, acarretando lucros para as organizações. A Tecnologia de Informação cresce a cada dia, em um *continuum*, gerando melhorias no desempenho dessas organizações. Segundo Beal (2007):

A expressão Tecnologia da Informação (TI) serve para referenciar a solução ou conjunto de soluções sistematizadas baseadas no uso de métodos, recursos de informática, de comunicação e multimídia que visam [sic] resolver problemas relativos à geração, armazenamento, veiculação, processamento e reprodução de dados e a subsidiar processos que convertam dados em informações. (BEAL, 2007, p. 17 *apud* VIEIRA *et al.*, 2010, p. 71)

De acordo com Beal (2007), a tecnologia e as soluções de TI têm sido adotadas pelas organizações para proporcionar “eficiência na produção, agregar valor aos processos, produtos e serviços ou ajudar os gestores na tomada de decisão” (BEAL, 2007, p. 17 *apud* VIEIRA *et al.*, 2010, p. 71). O diferencial que pode garantir o sucesso das organizações, em um mercado capitalista competitivo, consiste em obter, com maior rapidez, serviços e produtos de qualidade, melhorando o custo-benefício.

Rosa *et al.* (2008) afirmam ainda que, através do *e-business*,

[...] é possível globalizar a economia, reduzir os custos (downsizing), terceirizar serviços (outsourcing), expandir o mercado consumidor, dar novo ânimo as [sic] ferramentas como CRM – Customer Relationship Management (Gestão de Relacionamento com o Cliente) e ERP – Enterprise Resource Planning (Sistema Integrado de Gestão Empresarial) e ainda criar novos produtos e serviços voltados especificamente para a grande rede (ROSA *et al.*, 2008, p. 22-23).

Ainda conforme Rosa *et al.* (2008), o *e-business* estimula e possibilita a comparação de produtos e serviços, promovendo uma competição entre fornecedores, caracterizando concorrência – em que os fornecedores reduzem seus custos e auxiliam as organizações a solucionar os problemas da gestão do negócio eficazmente –, permitindo o controle daquilo que elas apontam como as três fases da venda remota – i) seleção; ii) compra; e iii) entrega do produto – e satisfazendo as necessidades de determinado público consumidor.

Para alcançar toda essa demanda das organizações, é necessário, então, criar sistemas que tragam facilidade à vida das pessoas e, neste contexto, o *e-commerce* torna-se tão primordial quanto indispensável, por se tratar da compra e da venda de bens e serviços factíveis por meio da TI, como a Internet.

O *e-commerce*, veiculado pela TI, ajuda as organizações a eliminarem “[...] as barreiras de comunicação entre clientes, parceiros de negócios e funcionários, e a se adaptarem facilmente a um cenário competitivo onde [sic] as mudanças são constantes [...]” (ROSA *et al.*, 2008, p. 24), no mundo capitalista.

Assim, as organizações utilizam o “*marketing* de nicho” – para públicos específicos de produtos especiais –, personalizando, cada vez mais, suas ações de *marketing*. E é neste cenário que o *e-marketing* acontece, via Internet, ferramenta de TI importantíssima que auxiliará a ampliação de negócios, de marcas, produtos e serviços, tornando-se elemento essencial para o desenvolvimento do mundo capitalista.

2.4. O uso de TI na gestão empresarial

Segundo Albertin (2008, p. 276), a TI “é um dos componentes mais importantes do ambiente empresarial atual, e as organizações brasileiras têm utilizado ampla e intensamente essa tecnologia, tanto em nível estratégico como operacional.”

Nos últimos anos, profundas mudanças estão ocorrendo no ambiente empresarial, relacionadas diretamente com a TI, desde o surgimento de novas tecnologias para atender às necessidades desse mercado, até o surgimento de oportunidades que essas novas tecnologias fomentam. Assim, empresas de vários setores têm considerado realizar investimentos significativos em TI, em uma

dependência cada vez maior e mais pontual, essencial para a sobrevivência dessas organizações.

Ainda segundo Albertin (2008, p. 285) “o uso de TI, tanto como infraestrutura ou como suas aplicações em processos organizacionais, oferece os benefícios de custo, produtividade, qualidade, flexibilidade e inovação”, na formação de um pilar para a gestão empresarial.

Nesse íterim, Albertin (2008) afirma também que as organizações brasileiras têm utilizado a TI para conectar suas várias áreas, além de seus fornecedores e clientes, atendendo-os de forma rápida, segura e personalizada, no processamento de numerosas transações.

Mesmo que os setores empresariais estejam passando por turbulências nos últimos anos, segundo Apte *et al.* (1990, *apud* ALBERTIN, 2001), a evolução tecnológica nas indústrias de computadores e de telecomunicações têm contribuído para o aumento das economias de escala e de escopo, ocasionando impacto positivo no funcionamento das empresas, com uma previsão de continuidade dessa situação nas próximas décadas.

Vista como uma das mais poderosas influências no planejamento estratégico das organizações, Albertin (2001) afirma que a TI pode contribuir para que essas organizações se tornem ágeis, flexíveis e fortes, fatores decisivos para o sucesso de sua gestão empresarial. Nesse íterim, “a TI pode ser incluída como uma tecnologia que altera as operações da empresa, seus produtos e serviços, seus relacionamentos com parceiros, mercados, concorrentes etc.” (ALBERTIN, 2001, p. 44).

Nesses contexto, as mídias são as responsáveis pela comunicação das empresas com seus clientes. Albertin (2001, p. 44) afirma que “os ambientes intermediados por computadores, como a Internet, permitem uma outra maneira de alcançar os consumidores e incentivam compradores e vendedores a incrementarem sua utilização”, possibilitando melhorias na comunicação com os clientes e mais atratividade nos seus mercados, por causa da eficiência nas relações de vendas.

Além disso, Albertin (2001, p. 44) aponta a customização de produtos em grande escala, oferecendo oportunidades aos clientes de fazerem parte do projeto do próprio produto ou serviço, por meio da flexibilidade e do “poder de resposta”, consideradas novas regras na gestão empresarial atual e facultadas pela TI.

Baseados na natureza instantânea, os sistemas de TI reduzem “o ciclo de vida de produzir e entregar produtos e serviços” (ALBERTIN, 2001, p. 44), representando um novo canal de vendas e de distribuição desses produtos e serviços, ensejando o surgimento de novos modelos de negócios.

A TI ainda pode contribuir com a estratégia competitiva das organizações, ao reduzir significativamente os custos de comercialização, distribuição e serviços a clientes.

Consequentemente, as empresas têm utilizado largamente a indústria da localização por meio da TI, e a tradução técnica adaptada culturalmente está intrinsicamente ligada a essa nova realidade, fazendo a ponte para interligar fornecedores, clientes e produtos e processar transações, atendendo de forma rápida, segura e personalizada. Com a intensificação das demandas por serviços de tradução e localização nos últimos anos, além das exigências de especializações, normatização técnica e suporte tecnológico para todos os envolvidos nesse processo, essas são etapas primordiais para o sucesso da gestão empresarial.

2.5. Conclusões

Conforme visto neste capítulo, discutimos brevemente sobre a Tecnologia de Informação (TI) como sendo um dos elementos essenciais do ambiente empresarial, destacando como ela tem sido adotada por esse setor, com o intuito de revelar seus benefícios como estratégias de diferenciação e crescimento para essas empresas, inclusive, na tomada de decisões pelos gestores.

Assim, na seção 2.1., fizemos uma caracterização geral acerca de TI, vista atualmente como uma das maiores e mais poderosas influências no planejamento das organizações. A evolução de TI passou a figurar como um propósito estratégico, pois é ela que sustenta as operações de negócios, tendo como principal benefício a melhoria na qualidade de informações, cuja importância afeta diretamente a empresa, os clientes e os fornecedores dos serviços prestados ao consumidor final.

Em seguida, na seção 2.2., discutimos os benefícios do uso de TI em um mundo globalizado. Albertin (2008, p. 278) aponta que o “uso de TI oferece benefícios para os negócios que incluem custo, produtividade, qualidade, flexibilidade e inovação, e

cada uso tem uma composição própria desses benefícios”. Nesse contexto, o grande desafio é identificar quais são aqueles que serão positivos para o desempenho empresarial, além da resolução dos problemas de negócios e da diminuição de custos, utilizando a TI como vantagem competitiva no mercado globalizado.

Nesse sentido, por sua vez, na seção 2.3, tratamos de TI como elemento essencial para o desenvolvimento capitalista. Os recursos disponíveis na Internet são ilimitados, e as organizações utilizam desde *softwares* até sites, como ferramentas que promovem suas marcas e seus produtos. Para isso, é necessária também uma boa estratégia de divulgação das empresas, alavancando a fidelidade dos clientes. Assim, a vantagem competitiva e o reconhecimento empresarial por meio da TI proporcionam resultados mais satisfatórios, originados pelo aumento das transações de negócios, proporcionados pelo *e-business*. E é neste cenário que o *e-marketing* acontece, via Internet, ferramenta de TI importantíssima que auxilia a ampliação de negócios, de marcas, produtos e serviços.

Em seguida, na seção 2.4., apontamos a importância do uso de TI na gestão empresarial, destacando como isso está intrinsecamente relacionado aos processos de tradução e localização, pois as demandas por serviços de tradução e localização da gestão terminológica de TI se intensificaram muito nos últimos anos, além das exigências de especializações, normatização técnica e suporte tecnológico para todos os envolvidos nesse processo.

Por fim, na seção 2.5., sistematizamos as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas anteriormente.

CAPÍTULO III

TRADUÇÃO E LÍNGUA EM USO: APLICAÇÕES DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar as aplicações da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – para os Estudos da Tradução.

Estudos no âmbito da abordagem construcional são relativamente recentes na Linguística. Consequentemente, pesquisas que estabelecem uma relação entre a LFCU e a tradução são mais recentes ainda e pouco exploradas. No Brasil, formalmente, temos apenas dois trabalhos publicados acerca dessa interface, entre a abordagem construcional no âmbito da LFCU e a tradução, a saber: o de Barbosa (2021) e o de Bastos (2021). Exploramos um pouco mais sobre esses importantes trabalhos na seção 3.2. deste capítulo.

A LFCU – caracterizada também como a versão contemporânea do funcionalismo – toma como referência os modelos construcionais da Gramática de Construções, constituindo-se a partir de suas noções e princípios basilares, assumindo “[...] o compromisso de explicar a estrutura linguística a partir de processos cognitivos gerais [...], identificados epistemologicamente com a Linguística Cognitiva e também com a Linguística Funcional” (CUNHA LACERDA, 2021).

Sendo assim, na seção 3.1., traçamos os pressupostos fundamentais da LFCU, cujo aporte teórico coaduna pressupostos fundamentais da Gramática de Construções e do funcionalismo clássico de vertente norte-americana (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), compartilhando a concepção de que os usos que fazemos da língua são resultados de modelos pré-estabelecidos, baseados na inter-relação entre linguagem, cognição e contexto de uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). Por sua vez, na seção 3.2., realizamos uma breve revisão da Linguística Funcional Centrada no Uso aplicada aos Estudos da Tradução. Ao longo do tempo, os Estudos da Tradução, desde sua origem como disciplina, têm se desenvolvido e ganhado espaço, e seus principais objetivos são descrever os fenômenos da tradução e suas manifestações. Por fim, na seção 3.3., sistematizamos as conclusões deste capítulo.

3.1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais

A Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – se refere às pesquisas funcionalistas contemporâneas, cujo aporte teórico coaduna pressupostos fundamentais da Gramática de Construções e do funcionalismo clássico de vertente norte-americana (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016).

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Funcionalismo se baseava, de modo específico, no estudo da correlação função > forma. Em sua fase inicial, o interesse recaía na mudança categorial de análise de itens isolados, cujo foco era em seus aspectos funcionais e em sua trajetória de mudança. Hoje nos referimos a essa fase como a “versão clássica do Funcionalismo”.

Segundo Rosário e Oliveira (2016), ainda que seja destacada a importância dos aspectos contextuais na mudança por gramaticalização², nas décadas iniciais do Funcionalismo não há um maior rigor ou critério ao definir e especificar “as propriedades do contexto em que determinado item é usado e seu papel em relação aos aspectos de sentido e forma” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 235).

Atualmente a pesquisa funcionalista está sendo denominada como *Usage Based Linguistics* – Linguística Centrada no Uso – ou *Cognitive-Functional Linguistics* – Linguística Cognitivo-Funcional (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), baseando-se na centralidade do papel do contexto e também considerando que a estrutura linguística deriva de processos cognitivos de domínio geral (CUNHA LACERDA, 2021). No Brasil, essa vertente mais atual do Funcionalismo está sendo denominada de Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, demarcando o “caráter” funcionalista em uma Linguística centrada no uso.

Para a LFCU os aspectos formais e funcionais de uma construção possuem uma relação indissociável. Diferentemente do que afirmam Rosário e Oliveira (2016) – os quais destacam que o funcionalismo clássico assume a correlação função > forma –, no caso da LFCU, vemos a bidirecionalidade função < > forma. A esse respeito, Goldberg (2016) considera que forma e função assumem igual estatuto e igual importância. Assim, a LFCU – caracterizada também como a versão

² A gramaticalização, nos termos assumidos pelo funcionalismo clássico (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), considera a mudança categorial [lexical] > [gramatical].

contemporânea do funcionalismo – toma como referência os modelos construcionais da Gramática de Construções, constituindo-se a partir de suas noções e seus princípios basilares, considerando “[...] o compromisso de explicar a estrutura linguística a partir de processos cognitivos gerais [...] identificados epistemologicamente com a Linguística Cognitiva e também com a Linguística Funcional” (CUNHA LACERDA, 2021).

Nesse sentido, Goldberg (2006 [1995]), Langacker (2008) e Croft (2001) defendem que a Gramática de Construções foi formulada no contexto da Linguística Cognitiva e que a língua é formada sincronicamente de pareamentos forma-significado – denominados construções. E essas construções são organizadas em rede. Assim, “[...] a Gramática das Construções (GrC) pode ser considerada uma teoria de gramática em sintonia com os pressupostos sociocognitivos enfeixados pela Linguística Cognitiva” (LAKOFF; JOHNSON, 1980; FAUCONNIER, 1985; FILLMORE, 1982; FILLMORE *et al.*, 2003; CROFT; CRUSE, 2004).

Sob essa ótica, a LFCU se respalda principalmente nos modelos da Gramática de Construções caracterizados pela Gramática de Construções Cognitiva – *Cognitive Construction Grammar* –, de Goldberg (1995, 2006, 2016), e pela Gramática de Construções Radical – *Radical Construction Grammar* –, de Croft (2001), assim como pelas afirmações de Langacker (1987), em sua Gramática Cognitiva – *Cognitive Grammar* –, encontradas epistemologicamente na base da LFCU.

Em todos os seus modelos, a GrC pode ser vista como uma “[...] teoria de gramática em sintonia com os pressupostos sociocognitivos enfeixados pela Linguística Cognitiva” (LAKOFF; JOHNSON, 1980; FAUCONNIER, 1985; FILLMORE, 1982; FILLMORE *et al.*, 2003; CROFT; CRUSE, 2004 *apud* CUNHA LACERDA, 2021).

No contexto da LFCU, destacamos, a seguir, algumas das contribuições basilares da GrC Cognitiva: i) bidirecionalidade forma < > significado (GOLDBERG, 1995, 2006); ii) bidirecionalidade forma < > função (GOLDBERG, 2016); e iii) igual estatuto e importância para forma e função.

Também, no contexto da LFCU, destacamos, a seguir, algumas das contribuições basilares da GrC Radical: i) nenhuma construção se faz de modo isolado, pois a língua é constituída por redes construcionais hierarquicamente organizadas, em que cada construção representa um nó específico (CROFT, 2001;

TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); e, ainda conforme Croft (2001), ii) além dos elementos que constituem a forma e o significado em uma construção – forma: fonética / morfologia / sintaxe; e significado: semântica / pragmática / discurso.

Ainda no contexto da LFCU, destacamos, a seguir, algumas das contribuições basilares da Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991): i) generalizações descritas com base nos elementos comuns entre os membros de uma categoria; ii) necessidade de assumir um modelo com base no uso, em que a frequência substancial mostra os usos convencionais e ratificados na língua; iii) categorizações por protótipos e por esquemas baseadas em graus de similaridade e categorização abstrata. A primeira categorização trata o protótipo como uma instância típica a qual pertence. Já a segunda é abstrata e compatível com todos os membros de sua categoria; e, finalmente, iv) a representação de conteúdos compartilhados e elencados pelos diferentes níveis de especificidade.

Para Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006), a construção é a unidade básica da língua, em que o conhecimento linguístico dos falantes é organizado em uma rede de construções, assumindo, assim, os pressupostos da GrC.

A partir da publicação da obra *Constructionalization and Constructional Changes*, de Traugott e Trousdale (2013), houve importantes contribuições no que tange ao tratamento de processos de mudança linguística que ocorrem na gramática e no léxico.

Traugott e Trousdale (2013) reconhecem, nesse sentido, “[...] a centralidade da noção de rede construcional e defendem que a língua, tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico, constitui-se a partir de redes taxonômicas de construções” hierarquicamente organizadas em sua constituição, representando um nó específico em cada construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 61, tradução nossa)³.

Ao defenderem que as construções da língua se organizam em redes taxonômicas de maneira hierárquica, Traugott e Trousdale (2013) realizam uma distinção entre quatro níveis, a saber: i) construtos, que são ocorrências empiricamente atestadas e caracterizadas como o *locus* da mudança, relacionados à frequência *token* – que, segundo Bybee, (2003, 2007, 2011), são os números de

³ Cf.: “The inventory of constructions is structured and may be represented in terms of a ‘taxonomic network’ of constructions, where each construction is a ‘node’ in the network” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 61)

ocorrências de determinada construção; ii) microconstruções, que são as construções individuais, realizadas a partir de um pareamento forma < > função, já convencionalizadas na língua; iii) subesquemas, que envolvem similaridades observadas em diversas microconstruções; e iv) esquemas, que compreendem construções mais genéricas da rede, de natureza abstrata e esquemática, com estruturas complexas com diferentes possibilidades de preenchimento, denominadas *slots*.

Traugott e Trousdale (2013) compreendem que a mudança linguística se enquadra a partir de duas diferentes dimensões, intituladas mudança construcional e construcionalização.

A mudança construcional, segundo os autores, se relaciona à dimensão interna da construção, afetando os subcomponentes de uma construção já existente e relacionados à forma – subcomponentes de natureza fonética, morfológica e sintática –, ou ao significado – subcomponentes de natureza semântica, pragmática e discursiva.

Já a construcionalização, ainda segundo Traugott e Trousdale (2013), refere-se à emergência de construções novas na língua, pareando-se forma e significado.

Segundo Goldberg (1995), a fronteira entre construções lexicais e construções gramaticais é difusa e reside no grau de complexidade interna de cada uma delas.

Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) propõem a co-ocorrência de três propriedades, a saber: i) a esquematicidade, que está relacionada à noção de rede construcional e à extensão em que padrões mais gerais são recrutados por meio de uma série de construções mais específicas; ii) a produtividade, que está relacionada à noção de frequência, a qual, nos termos de Bybee (2003, 2011), compreende a frequência *token* – extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes – e a frequência *type* – em que as construções, ao longo do tempo, podem ser empregadas em diferentes colocações, configurando o fenômeno que Himmelmann (2004) denomina de *host-class expansion* – expansão da classe hospedeira; e iii) a composicionalidade, que se refere ao nível de transparência da ligação entre forma e significado.

Desse modo, a partir do que foi especificado acima, podemos assumir que a língua deve ser entendida como uma combinação complexa de atividades cognitivas e sociocomunicativas, intimamente relacionadas a outros campos da cognição humana.

E, do ponto de vista empírico e epistemológico, a LFCU contribui sobremaneira no tratamento sistemático de processos de mudança.

3.2. Linguística Funcional Centrada no Uso aplicada aos Estudos da Tradução: uma breve revisão

Estudos no âmbito da abordagem construcional são relativamente recentes na Linguística. Consequentemente, pesquisas que estabelecem uma relação entre a LFCU e a tradução são mais recentes ainda e pouco exploradas.

No Brasil, formalmente, temos apenas dois trabalhos publicados acerca dessa interface entre a abordagem construcional no âmbito da LFCU e da tradução, os quais configuram trabalhos de conclusão de curso (TCCs) realizados por Barbosa (2021) e por Bastos (2021) e apresentados ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras - Tradução, sob a orientação da Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, os quais apresento de modo bastante breve abaixo.

Barbosa (2021), dentro deste contexto, realiza uma investigação das traduções das construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com “real” e “real oficial” da língua portuguesa para a língua inglesa, inseridos na legenda do reality show *The Circle Brasil*. De modo mais específico, a autora analisa os aspectos formais e funcionais dos padrões construcionais que foram identificados tanto na língua inglesa quanto na língua portuguesa, com o intuito de verificar se as traduções realizadas contemplam, de maneira satisfatória, os aspectos relevantes dos padrões construcionais identificados. A partir da análise realizada, Barbosa (2021) destaca a relevância de que a unidade básica da língua é a construção e do quanto essa noção pode favorecer a prática tradutória.

A partir desse levantamento – realizado em catorze ocorrências de traduções retiradas da legenda do reality show *The Circle Brasil* –, a autora consegue identificar os padrões construcionais, categorizando-os por subesquema e analisando seus aspectos formais e funcionais em ambas as línguas. Baseando-se em dados qualitativos, Barbosa (2021) verificou se as traduções realizadas contemplam ou não

as especificidades dos padrões construcionais com “real” e “real oficial” quanto à forma e função. Nos casos em que as traduções se mostraram insuficientes, ela propõe sugestões alternativas, com a intenção de diminuir essa lacuna.

A partir da análise realizada por Barbosa (2021), conclui-se que os objetivos inicialmente propostos por ela foram cumpridos de modo satisfatório. Mesmo reconhecendo as contribuições desse estudo, há ainda muito a se investigar sobre as traduções de construções instanciadas na língua bem como sobre as contribuições mais recentes de uma abordagem construcional para os Estudos da Tradução. Ressaltamos, portanto, que o trabalho de Barbosa (2021) contribui, de modo bastante assertivo, para a reflexão acerca das contribuições da abordagem construcional para os Estudos da Tradução.

Por sua vez, Bastos (2021), em seu trabalho, realiza uma reflexão sobre a importância de se assumir a abordagem construcional na tradução, também a partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, no que se refere, de modo particular, às proposições de Traugott e Trousdale (2013). Assim, a autora propõe uma análise da tradução do advérbio “realmente” para a língua francesa, descrevendo escolhas tradutórias e verificando se essas escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais das construções identificadas, com a intenção de salientar o quanto é relevante o tradutor ter consciência de que a unidade básica da língua é a construção.

Assim, Bastos (2021) realiza o levantamento das ocorrências a partir da obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. Nesse sentido, a autora analisou vinte ocorrências, sempre a primeira de cada capítulo, seguindo a categorização proposta por Cunha Lacerda (2012). Com base nas análises realizadas pela autora, constata-se que o advérbio “realmente”, objeto de seu estudo, assume diferentes funções na língua portuguesa, sendo traduzido para o francês por vocábulos diferentes, que tenham maior aproximação com as funções exercidas no contexto dado. Verifica-se, então, que o tradutor consegue manter as diversas funções exercidas pelo advérbio “realmente” nos contextos da obra original.

Após as análises realizadas, os objetivos inicialmente propostos por Bastos (2021), em seu trabalho, foram cumpridos satisfatoriamente. Vale ressaltar que o trabalho da autora, assim como o de Barbosa (2021), contribui também, de maneira substancial, para a reflexão acerca das contribuições da abordagem construcional

para a área de tradução. Mesmo havendo contribuições no estudo apresentado, investigações mais profundas acerca da contribuição da abordagem construcional para os Estudos da Tradução certamente virão e serão bastante produtivas.

3.3. Conclusões

Reiteramos aqui que os estudos no âmbito da abordagem construcional são relativamente recentes na Linguística. Consequentemente, pesquisas que estabelecem uma relação entre a LFCU e a tradução são mais recentes ainda e pouco exploradas.

Vimos também, neste capítulo, que, no Brasil, formalmente, temos apenas dois trabalhos realizados acerca dessa interface entre a abordagem construcional no âmbito da LFCU e a tradução, a saber: o de Barbosa (2021) e o de Bastos (2021), os quais foram brevemente discutidos na seção anterior.

Nesse sentido, ressaltamos aqui a importância deste trabalho, pois, ao evidenciarmos, em seu escopo, a interface produtiva entre a Linguística de *Corpus* e a terminologia técnica, usamos também como embasamento teórico os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), estabelecendo sua relação com a tradução.

Conforme exposto neste capítulo, fizemos uma breve revisão da Linguística Funcional Centrada no Uso aplicada aos Estudos da Tradução, discutindo brevemente suas aplicações.

Sendo assim, na seção 3.1., traçamos os pressupostos fundamentais da LFCU, cujo aporte teórico converge entre os pressupostos fundamentais da Gramática de Construções e do funcionalismo clássico de vertente norte-americana (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), compartilhando a concepção de que os usos que fazemos da língua são resultados de modelos pré-estabelecidos, baseados na inter-relação entre linguagem, cognição e contexto de uso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). Por sua vez, na seção 3.2., realizamos uma breve revisão da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – aplicada aos Estudos da Tradução. A partir do que foi exposto nessa seção, podemos assumir que a língua

deve ser entendida como uma combinação complexa de atividades cognitivas e sociocomunicativas, intimamente relacionadas a outros campos da cognição humana. E, do ponto de vista empírico e epistemológico, a LFCU contribui sobremaneira no tratamento sistemático de processos de mudança. Por fim, na seção 3.3, sistematizamos as conclusões deste capítulo.

CAPÍTULO IV

A LINGUÍSTICA DE *CORPUS* APLICADA À TRADUÇÃO

O objetivo deste capítulo é discutir brevemente as contribuições que a Linguística de *Corpus* pode trazer para a tradução, contribuindo sistematicamente para a investigação da língua.

A fim de cumprir esse objetivo, na seção 4.1., realizamos uma caracterização geral da Linguística de *Corpus*, estabelecendo sua relação com os Estudos da Tradução. Nesse sentido, por sua vez, na seção 4.2., abordamos uma breve revisão histórica de como a Linguística de *Corpus* Aplicada à Tradução vem crescendo significativamente nos últimos anos, gerando um impacto relevante na Linguística. Em seguida, na seção 4.3., abordamos os critérios para constituição de *corpora* e sua importância para a tradução. Já na seção 4.4., abordamos uma breve caracterização de *corpora* eletrônicos, destacando sua aplicabilidade na prática e na pesquisa em tradução. Em seguida, na seção 4.5., apresentamos o programa *AntConc* 3.5.9 e suas funcionalidades, as quais auxiliam, na Linguística de *Corpus*, a compilação e a análise de dados. Na seção 4.6., abordamos o método misto, nos termos de Johnson *et al.* (2007) e Cunha Lacerda (2016), destacando o papel do equacionamento entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa. Por fim, na seção 4.7., sistematizamos as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas anteriormente.

4.1. Linguística de *Corpus*: caracterização geral

Muito antes da invenção do computador, já se falava em *corpus* como um conjunto de textos escritos ou de registros orais de uma determinada língua ou de uma variedade linguística, com o objetivo de se tornar a base de uma análise. As informações eram compiladas manualmente, e o trabalho era bastante extenso e penoso. Podemos citar, como exemplos, o *Corpus* Helenístico, proveniente da Grécia Antiga, e *corpora* de citações da Bíblia, compilados na Antiguidade e na Idade Média (BERBER SARDINHA, 2000). Já em grande parte do século XX, muitos

pesquisadores, linguistas e educadores dedicaram-se ao estudo de *corpora* para descrever a língua, tendo como objetivo principal o ensino de línguas.

Com o advento de *corpora* eletrônicos, tornou-se possível examinar uma vasta extensão de material linguístico, resultando em informações precisas e confiáveis sobre o real comportamento de uma língua, possibilitando um acesso mais amplo, com um maior número de pesquisadores, e permitindo a eficiência e a complexidade maior de tarefas baseadas em *corpus*. Paralelamente, a capacidade de armazenamento tornou-se também muito maior e mais eficaz.

A partir dos anos de 1980, os *corpora* tornaram-se mais populares, bem como houve a evolução de ferramentas de processamento de dados e de computadores e softwares, contribuindo para o fortalecimento das pesquisas linguísticas com base em *corpus* em vários centros, entre eles, universidades localizadas globalmente, com uma relevância maior nos Estados Unidos, onde havia uma facilidade em adquirir os recursos necessários para esse fim e observavam-se parcerias dessas universidades com centros para o desenvolvimento de pesquisas linguísticas, com finalidades comerciais. Assim, como ressalta Berber Sardinha (2000, p. 329), podemos destacar, como parte desse desenvolvimento, “o processamento automático de textos, a informatização de grandes bases de dados e a montagem de sistemas inteligentes de reconhecimento de voz e gerenciamento de informação”. Além disso, empresas como as telecons – empresas de telecomunicação – e empresas que comercializam produtos de informática – como a *Microsoft*, a *AWS*, o *Google*, a *IBM*, entre outras – também possuem centros desenvolvidos de pesquisa de *corpus* e Processamento de Linguagem Natural (PLN).

O COBUILD foi o primeiro resultado dessa associação, fruto de uma parceria entre a Universidade de Birmingham, na Grã-Bretanha, e a editora Collins. Ele produziu vários dicionários, gramáticas e livros didáticos com a finalidade do ensino da língua inglesa. Atualmente, o COBUILD quase não é mais utilizado, mas permanece como referência para o desenvolvimento de pesquisas baseadas em *corpus*, para fins comerciais.

Como este trabalho assume os pressupostos da Linguística de *Corpus*, um conceito basilar a se definir é, nesse contexto, a noção de *corpus*. A esse respeito, Berber Sardinha (2000) assume a definição de *corpus* proposta por Sinclair (1991), a saber:

[...] uma coletânea de textos naturais ('naturally occurring'), escolhidos para caracterizar um estado ou variedade de linguagem'. [...] Por textos naturais entende-se 'autênticos', isto é, aqueles que existem na linguagem e que não foram criados com o propósito de figurarem no *corpus*. Além disso, amplia-se a idéia de 'natural' para incluir somente aqueles textos produzidos por humanos. Desta forma está excluída a produção provinda de programas de geração de textos. Um problema com esta definição é que ela não deixa claro o propósito da criação do *corpus*. (SINCLAIR, 1991, p. 171 *apud* BERBER SARDINHA, 2000, p. 336).

Como destaca Berber Sardinha (2000), a Linguística de *Corpus* vai além dessa definição, pois ela constitui uma abordagem teórico-metodológica, dedicando-se à criação e análise de *corpora* – conjunto de textos e transcrições de fala armazenado em arquivos de computador – em diversas áreas linguísticas, ou seja, ela se ocupa da coleta e da exploração de *corpora*, compilados criteriosamente, com o objetivo de pesquisar dados linguísticos textuais de uma língua ou variedade linguística, por meio de evidências empíricas, extraídas pelo computador.

Para os pesquisadores, de maneira geral, a Linguística de *Corpus* revolucionou o modo como uma língua é estudada, contribuindo para diversas áreas de pesquisa linguística – tais como a compilação de *corpora*, o desenvolvimento de ferramentas para uso de *corpora*, a descrição de linguagem, o Processamento de Linguagem Natural (PLN) por máquinas, entre outras – em um conjunto de dados linguísticos pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, que podem ser processados por computador e expressados na recorrência sistemática de unidades de várias ordens.

A língua, portanto, na Linguística de *Corpus* é vista como padronizada, exercendo grande influência na área de Linguística Aplicada, fornecendo teorias e metodologias e possibilitando o estudo de seus vários aspectos. Vale ainda ressaltar que a Linguística de *Corpus* está diretamente ligada, nesse contexto, ao uso do computador, visto que os *corpora* são eletrônicos, como já destacado anteriormente. Com a atualização constante dos computadores, no decorrer dos anos, a capacidade de armazenamento e de processamento de dados aumentou consideravelmente, impactando, de maneira bastante positiva, o número de *corpora* e as ferramentas disponibilizadas para pesquisas nessa área, o que contribuiu para seu avanço e fortalecimento.

A informática é considerada, sob essa perspectiva, um dos maiores propulsores dessa mudança, tornando possível ao linguista de *corpus* o uso de programas de computador, como o *WordSmith Tools* 8.0 (2021) e o *AntConc* 3.5.9 (*Windows*) 2020⁴, para compilar e acessar esses *corpora*, facilitando a observação de uma quantidade muito maior de dados a partir de um *corpus* eletrônico.

Assim, a Linguística de *Corpus* envolve a Linguística Computacional, que, segundo Vasilésvski (2007^{apud} KADER; RICHTER, 2013, p. 14), “compreende uma base metodológica incontestável e que ao ser tratada por metodologia, tem a possibilidade de ampliar o seu campo de atuação”, proporcionando maior teor científico, sem margem para erros. O *corpus*, nesse sentido, refere-se a um conjunto de dados linguísticos, de uso oral ou escrito da língua, extensos em amplitude e profundidade e processados por computador. O computador, então, “manuseia” esse conjunto de dados através de recursos matemáticos, interpretando-os. Após sua interpretação, há uma extração de significados, sendo aplicados a uma totalidade, a partir da análise de uma amostra. (VASILÉVSKI, 2007^{apud} KADER; RICHTER, 2013).

No que se refere à nomenclatura para definir tanto o conteúdo quanto o propósito dos *corpora*, Berber Sardinha (2000, 2004) destaca a existência de uma grande variedade terminológica e conceitual. Resumidamente, segundo o autor, há quatro pré-requisitos para que haja a formação de um *corpus* computadorizado: i) em primeiro lugar, os textos para a formação de *corpus* precisam ser autênticos e em uma linguagem natural, não devendo ser produzidos especificamente para uma pesquisa linguística; ii) o segundo pré-requisito diz respeito a esses textos serem autênticos, escritos por falantes nativos – se assim não for, eles devem ser classificados como *corpora* de aprendizes; iii) em terceiro lugar, deve-se escolher o conteúdo do *corpus* com bastante critério, privilegiando a naturalidade e a autenticidade para esse princípio; e iv) a representatividade do *corpus* deve ser compatível com a variedade linguística ou com a língua que se pretende estudar e analisar.

Podemos destacar também a existência de três vieses em que a Linguística de *Corpus* se encontra, a saber: a) o primeiro viés se encaixa em um quadro funcionalista, assumindo uma visão da língua como “um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura

⁴O programa *AntConc* 3.5.9 será descrito, mais criteriosamente, na seção 4.4 deste capítulo.

maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas” (KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 20). Assim, a forma se relaciona à função, em um determinado contexto linguístico; b) por sua vez, o segundo viés aponta para o empirismo. Oriundo da filosofia, o empirismo parte do princípio de conhecimento como experiência; e c) finalmente, o terceiro viés aborda “a concepção da língua como sistema probabilístico para o estudo da linguagem”, que “pressupõe que embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, eles não ocorrem com a mesma frequência” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 350). Porém, em sua essência, eles possuem uma função representativa. O autor ainda relaciona o terceiro viés ao primeiro, sinalizando opções diferentes de acordo com a função e o contexto.

Assim, podemos considerar que a Linguística de *Corpus* não é uma metodologia. Como defende Kennedy (1998, p. 9 *apud* BERBER SARDINHA, 2000, p. 356), seria enganoso afirmar que a “Linguística de *Corpus* é somente um meio mais rápido de descrever como a linguagem funciona”, pois a “análise de um *corpus* pode revelar fatos a respeito de uma língua que nunca se pensou em procurar” (KENNEDY, 1998, p. 9 *apud* BERBER SARDINHA, 2000, p. 356). Portanto, podemos inferir que a Linguística de *Corpus* é uma abordagem que revela fatos a respeito de uma língua nunca antes definidos.

4.2. A Linguística de *Corpus* aplicada à tradução: uma breve revisão

A Linguística de *Corpus* vem crescendo significativamente nos últimos anos, gerando um impacto relevante na Linguística, incluindo um posicionamento bastante positivo em relação aos debates correntes e, conseqüentemente, aos desenvolvimentos da área. Sendo assim, tanto os Estudos da Tradução que envolvem a prática tradutória quanto a área de pesquisa acadêmica, de modo geral, em contato com a Linguística de *Corpus*, têm muito a ganhar, “pois a linguagem é organizada de um modo muito mais complexo do que se imaginava” (BERBER SARDINHA, 2002, p.15).

O interesse em *corpora* na área de tradução surgiu a partir das necessidades reais decorrentes de traduções automáticas com extenso volume de dados, como é o

caso da União Europeia (UE), por exemplo, e de seus documentos que precisavam ser traduzidos para várias línguas.

Berber Sardinha (2002, p.25) afirma, nesse sentido, que Mona Baker⁵, a partir de seu trabalho pioneiro em 1993 e de várias outras publicações de sua autoria (BAKER, 1995, 1996, 1998, 1999), foi a responsável pelo grande impulso inicial em tradução com *corpora*.

Baker estabeleceu um programa de pesquisa, que foi seguido por outros linguistas e por um número considerável de estudiosos de tradução, elegendo quatro categorias relevantes para a pesquisa na área, a saber: i) simplificação (“simplification”), que ocorre quando há uma tentativa de facilitar a leitura de uma tradução, havendo uma tendência de simplificar a linguagem usada nessas traduções. Existe a possibilidade de se investigar esse princípio, através do computador, fazendo uma comparação das estatísticas de *corpora* relacionadas a variedades lexicais e ao tamanho das frases; ii) explicitação (“explicitation”), que ocorre quando há uma tendência de explicitar informações através da linguagem que é usada nas traduções, mesmo que esses aspectos estejam implícitos no original. Em *corpora*, existe a possibilidade de medir essas informações “extras” através de estatísticas do tamanho dos textos. A tendência, nesse caso, é que os textos traduzidos sejam mais longos, porque há uma maior quantidade de palavras, possivelmente necessárias para que as informações sejam mais explícitas nos textos da língua de chegada; iii) normalização (“normalization”), que ocorre quando há um excesso da utilização de algumas das características mais comuns da língua de chegada nas traduções, gerando uma minimização dos aspectos criativos ou incomuns da língua de partida. Nesse contexto, examinar as escolhas lexicais em originais e em suas traduções pode nos revelar uma normalização dessas escolhas, indicando, por exemplo, que as mais criativas foram escolhidas em detrimento de outras menos criativas; e iv) estabilização (“levelling out”), que ocorre quando há maior semelhança entre os textos de um *corpus* de tradução, em relação a seus diversos aspectos linguísticos, do que entre os textos de um *corpus* formado por textos originais (BAKER, 1993, p. 243 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 25-26).

⁵ Mona Baker é diretora do Centre for Translation and Intercultural Studies, da UMIST, que se destaca como centro de referência para Estudos da Tradução com *corpora*.

Porém, Baker (1999 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 18) esclarece que houve uma “tímida acolhida do uso de *corpora* pelos pesquisadores em tradução”, com o fato bastante peculiar:

[...] dado que a tradução é uma atividade linguística generalizada que deveria interessar aos linguistas de *corpus*, e que a linguística de *corpus* oferece aos estudiosos da tradução um poderoso conjunto de ferramentas que já revolucionou o estudo da linguagem em outras esferas. (BAKER, 1999, p. 281-282 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 18, tradução nossa)⁶.

Duas das três possíveis razões dessa “tímida acolhida” entre a Linguística de *Corpus* e os Estudos da Tradução são apontadas por Baker (1999), segundo Berber Sardinha (2002). A primeira razão é a ideia preconceituosa que os linguistas de *corpus* fazem sobre os textos traduzidos como sendo textos desviantes e não representativos da língua, fazendo com que eles não sejam incluídos em *corpora* de uma língua ou de uma variedade linguística. Sendo assim, o que acarreta o maior problema não é a rejeição da tradução em si, mas o fato de o texto traduzido ser o resultado das “condições de produção e recepção peculiares, diferentes daquelas em que outros textos são produzidos” (BAKER, 1999, p. 281-282 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 18-19).

A segunda razão para esse lento entrosamento entre a Linguística de *Corpus* e a Tradução, segundo Baker (1999), é a de que a pesquisa em tradução foi vista, por muito tempo, somente como uma aplicação de teorias linguísticas, em que questões sociais e ideológicas relativas à tradução são deixadas de lado, e as possibilidades que a Linguística de *Corpus* pode oferecer são encaradas como ocorrências de visões arcaicas de pesquisa. Baker destaca ainda que a Linguística de *Corpus* traz um novo olhar sobre a língua, mudando potencialmente os padrões da pesquisa linguística.

Complementando as duas razões apontadas por Baker, em 1999, Berber Sardinha (2002) nos traz uma terceira hipótese sobre o lento relacionamento entre a Linguística de *Corpus* e os Estudos da Tradução, que é a dificuldade de acesso à tecnologia enquanto *corpora*, em especial aqueles de maior interesse para a tradução,

⁶Cf.: “[...] given that translation is a pervasive linguistic activity that ought to interest corpus linguists and that corpus linguistics offers translation scholars a powerful set of tools that have already revolutionized the study of language in other spheres. (BAKER, 1999, p. 281-282 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 18).”

por serem mais raros e difíceis de coletar, além da dificuldade do acesso à tecnologia em si, como alinhadores e concordanciadores paralelos, por serem pouco numerosos e de acesso muito mais restrito.

Mesmo diante das dificuldades iniciais de acesso a *corpora* de tradução, por serem complicados de compilar e, conseqüentemente, considerados bastante demorados durante sua transferência para mídias eletrônicas, hoje, a Linguística de *Corpus* muito tem contribuído para a área dos Estudos da Tradução, refletindo todo seu potencial em uma perspectiva muito mais abrangente. Assim, Berber Sardinha (2007) destaca que os Estudos da Tradução, por meio da Linguística de *Corpus*, tem se tornado uma das mais relevantes linhas de pesquisa da atualidade por ter mudado a maneira como se investiga a língua.

Como exemplo dessa investigação da língua, podemos citar o conceito da equivalência, que é considerado “um dos conceitos mais tradicionais do campo da tradução” (BERBER SARDINHA, 2002, p. 28) devido à sua imprecisão. Esse conceito já foi questionado e revisto, porém, com a difusão do uso de *corpora* na tradução, essa “exploração” de conceitos é uma das características da pesquisa com *corpora* que pode nos oferecer evidências mais concretas sobre essa imprecisão. (TEUBERT; TOGNINI-BONELLI; VOLZ, 1998 *apud* BERBER SARDINHA, 2002).

Concomitantemente a essa discussão sobre o conceito de equivalência, a pesquisa da tradução com *corpus* repensa também o papel da intuição, sendo esse aspecto, anteriormente, muito criticado pela Linguística de *Corpus*. Segundo Hansen e Teich (2001), evidência e intuição assumem contornos específicos a partir do conhecimento de mundo do tradutor em um contexto, “[...] um processo de produção textual induzida por texto” (HANSEN; TEICH, 2001, p. 2 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 31, tradução nossa)⁷. Mesmo que ele use outras fontes de pesquisa para sua tradução, as escolhas linguísticas realizadas a partir de sua intuição são responsáveis pelos dados da tradução a serem compilados no *corpus*. Assim, o “papel da análise de *corpus* nesse processo não é o de confirmar ou desautorizar a intuição do analista, calcada em sua competência, mas sim o de refinar “[...] suposições iniciais de

⁷ “[...] a process of text-induced text production” (HANSEN; TEICH, 2001, p. 2 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 31)

similaridade” (ALTENBERG; GRANGER, 2002, p. 16 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 32)⁸.

4.3. Corpora: critérios de constituição e importância para a tradução

A relação entre a Linguística de *Corpus* e os Estudos da Tradução é bastante relevante, considerando atualmente como a tradução e os estudos tradutológicos podem se beneficiar a partir do uso de *corpora* eletrônicos. As traduções e os estudos linguísticos realizados por meio de um viés culturalista, com uma perspectiva funcionalista e empírica, revelam que os *corpora* se tornam cada vez mais necessários para a construção desses textos e estudos, além de referendar as escolhas tradutórias.

Apesar de um preconceito inicial por parte de alguns linguistas em relação ao uso de *corpora* em traduções – por considerá-los não representativos da linguagem ou desviantes, acreditando que fazem parte de um grande polissistema cultural (EVEN-ZOHAR, 1978 [2005]) de partida e de chegada, compondo gêneros específicos, após a virada cultural dos Estudos da Tradução –, essa visão foi se modificando.

A partir de então, entende-se que, além de fazer parte desses polissistemas, as traduções também se baseiam em dados empíricos e na convencionalidade, distanciando-se da noção de equivalência de outrora (CUNHA LACERDA, 2010). Hoje há um reconhecimento de que o tradutor é um intermediador entre culturas, e não somente um decodificador de línguas idealizadas.

A Linguística de *Corpus*, associada à tradução e aos estudos tradutológicos, desconstrói a noção de equivalência, porque se sabe que o processo tradutório é muito mais complexo do que esse conceito. Além disso, os *corpora* podem ajudar o tradutor em suas escolhas linguísticas e, ainda, na melhoria da formação e do treinamento de tradutores em áreas especializadas.

Segundo Berber Sardinha (2003, p. 44), Mona Baker influenciou grandemente “o crescimento da pesquisa em tradução baseada em *corpora*.” Tanto o produto

⁸[...] initial assumptions of similarity” (ALTENBERG; GRANGER, 2002, p. 16 *apud* BERBER SARDINHA, 2002, p. 32)

quanto o processo de manuseio das ferramentas utilizadas no âmbito da Linguística de *Corpus* são fundamentais para que o tradutor adquira uma otimização de seu trabalho tradutório. Delineando as contribuições que a Linguística de *Corpus* pode trazer para os Estudos da Tradução, Berber Sardinha (2003) aborda o uso de *corpora* na formação dos tradutores, suas aplicações e sua importância na constituição da linguagem durante o processo tradutório, intentando conscientizar os alunos de tradução e profissionais sobre sua importância. A esse respeito, de acordo com Laviosa (2002),

[...] mais recentemente, a abordagem baseada em *corpus* foi desenvolvida e aplicada na formação de tradutores, em que a pesquisa experimental e empírica andam conjuntamente com programas de ensino inovadores que envolvem diretamente os alunos na concepção, criação, e exploração de *corpora* para melhorar a qualidade de suas traduções.⁹ (LAVIOSA, 2002, p.22 *apud* BERBER SARDINHA, 2003, p.45, tradução nossa).

Os contextos referidos por Laviosa (2002) compreendem acesso a recursos variados, como *corpora* paralelos, *corpora* comparáveis, *corpora* representativos de textos específicos ou de concordanciadores bilíngues. Como os *corpora* paralelos e os *corpora* comparáveis se apresentam como extremamente relevantes no processo tradutório, a seguir, trataremos conceitualmente desses dois tipos de *corpora* em particular.

Nesse contexto, os *corpora* paralelos constituem um conjunto de textos em uma língua de partida com suas respectivas traduções em uma ou mais línguas de chegada, produzidas simultaneamente em mais de uma língua, em textos reunidos e organizados por meio de critérios necessários à investigação para a qual eles são utilizados. Geralmente bilíngues, os *corpora* paralelos podem ser também multilíngues, ou seja, podem incluir traduções de um mesmo texto de origem para diversos idiomas (OLOHAN, 2004).

Além disso, um *corpus* paralelo tem como principal objetivo possibilitar a identificação de um padrão ou de uma unidade nas línguas de partida e de chegada,

⁹Cf.: "More recently the corpus-based approach has been developed and applied in translator training where experimental and empirical research go hand in hand with innovative teaching programmes which directly involve students in designing, creating, exploring and exploiting *corpora* for improving the quality of their translations." (LAVIOSA, 2002, p.22 *apud* BERBER SARDINHA, 2003, p.45).

ao mesmo tempo. Assim, técnicas de alinhamento são utilizadas para que haja a possibilidade de se estabelecerem ligações entre os textos de origem e os de chegada. Eles ainda podem ser diferenciados em *corpora* unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais, de acordo com o escopo da tradução. Eles são unidirecionais se as traduções forem apenas em uma direção, ou seja, de uma língua A até uma língua B. Por sua vez, são bidirecionais quando ambas as línguas funcionam tanto como língua de partida como língua de chegada, em um mesmo *corpus*. E, por fim, são multidirecionais quando compreendem um maior número de textos ligados entre si, em duas formas específicas, a saber: i) ao utilizar o texto de origem em somente uma língua e suas traduções em diferentes línguas ou, ii) ao ligar várias línguas de partida a várias línguas de chegada.

Destacamos também que os *corpora* paralelos exercem uma importante função no treinamento de tradutores, além de atuarem no desenvolvimento de sistemas de tradução automática e na lexicografia bilíngue (BAKER, 1995), possibilitando uma mudança de uma perspectiva prescritiva para uma perspectiva descritiva, sendo essa a mais valiosa contribuição dos *corpora* paralelos para os Estudos da Tradução, segundo Baker (1995).

Laviosa (2002) e Olohan (2004) destacam, nesse sentido, que os *corpora* paralelos promovem evidências empíricas, estratégicas e alternativas que os tradutores podem adotar para solucionar as dificuldades durante a prática tradutória, as quais são extremamente úteis em contextos históricos e socioculturais específicos.

Por sua vez, os *corpora* comparáveis são conjuntos de textos constituintes de amostras comparáveis, representados por um *corpus* monolíngue composto por dois sub-*corpora* – um sub-*corpus* de textos traduzidos para uma língua e um outro de textos não-traduzidos. O primeiro surge a partir de uma ou mais línguas de partida. Já o segundo surge a partir de textos originalmente produzidos na própria língua de partida. Assim, os textos de um sub-*corpus* traduzido são produzidos por tradutores, e os textos de um sub-*corpus* não-traduzido não são produzidos por meio da tradução, mas sim são compostos por textos da língua de partida.

Os *corpora* comparáveis, assim como os *corpora* paralelos, também podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues, desde que os critérios para a escolha dos textos sejam levados em consideração para todos os sub-*corpora* presentes. O que os distingue é o fato de os *corpora* comparáveis não precisarem partir de um texto

original e de sua tradução, como os *corpora* paralelos. Porém, é preciso que haja critérios que possibilitem comparar dois *corpora*, o que permite que, de fato, se tornem passíveis de comparação.

Os parâmetros de construção de cada *corpus* devem ser definidos, levando-se em conta o tipo de pesquisa e a função que o *corpus* desempenha nessa pesquisa que está sendo realizada. É de vital importância manter os parâmetros claros e definidos ao longo da compilação de um *corpus*, garantindo, assim, resultados precisos e confiáveis do ponto de vista empírico. Nesse sentido, a forma e a estrutura do *corpus* devem ser definidas com base nos objetivos que se pretende alcançar e na metodologia de pesquisa que será usada, considerando a área temática que vai ser explorada e o tipo de textos que se pretende analisar, por exemplo, e definindo o tamanho do *corpus* que, mesmo não sendo muito extenso, terá de ser o mais representativo possível para a análise do objeto de pesquisa.

Partindo dessa premissa, destacamos também os trabalhos que propõem metodologias de exploração de *corpora* para tradução – por exemplo, as propostas de Bowker (2001), Kenny (1998) e Tognini-Bonelli (2001). Nesta seção, discutiremos, em especial, as principais proposições assumidas por Tognini-Bonelli (2001) para a constituição e o tratamento de um *corpus*.

Segundo Berber Sardinha (2002), a metodologia proposta por Tognini-Bonelli “define uma sequência de procedimentos e uma unidade de análise específicas para a exploração de *corpora* bi- ou multilíngues.” (BERBER SARDINHA, 2002, p. 33).

Vale ressaltar que essa metodologia está inserida em um contexto maior, no qual Tognini-Bonelli (2001) realiza uma série de propostas que visam ao reconhecimento da importância da pesquisa com *corpora* em geral, distinguindo dois tipos de abordagem na pesquisa linguística com *corpora* eletrônicos, a saber: i) “baseada em *corpus*” (*corpus-based*), em que o papel do *corpus* é o de um depósito de exemplos, ilustrando conceitos pré-estabelecidos, como a distinção clássica entre, de um lado, o léxico e, de outro lado, a sintaxe, distinção essa amplamente questionada pela Linguística de *Corpus*, mas não pela corrente “baseada em *corpus*”; e ii) “movida a *corpus*”, (*corpus-driven*), visando a uma descrição mais abrangente de dados, sem a seleção de exemplos para ilustrar elementos provenientes de uma teoria específica.

Na abordagem “baseada em *corpus*”, a metodologia da Linguística de *Corpus*, contrastando uma prévia formulação executada pelo pesquisador com dados empíricos originários de um *corpus*, é aplicada. Isso permite a verificação das evidências empíricas por meio do uso de um *corpus*, confirmando, refutando ou aprimorando uma teoria linguística ou determinando um fenômeno linguístico.

Por sua vez, a abordagem “movida a *corpus*” “busca derivar categorias linguísticas sistematicamente a partir dos padrões recorrentes e das distribuições de frequência que emergem da língua em contexto” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 878). Nela o foco está nos dados empíricos, tornando essa abordagem mais indutiva do que a “baseada em *corpus*”. Porém, “não existe indução pura” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 859), pois a interpretação dos dados é inerente às escolhas do pesquisador, que “faz sua própria seleção e agrupamento dos fatos, determinados pelas suas atitudes e teorias e pela natureza da sua experiência de realidade da qual ele mesmo faz parte” (FIRTH, 1969, p. 29 *apud* TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 851).

Quanto à constituição dos *corpora*, Vitral (2006) ainda aponta as seguintes diretrizes como sendo fundamentais: i) optar pela diversidade de gêneros textuais em um dado *corpus*, em cada período, quando possível, favorecendo o surgimento de ambientes semânticos diversos e ampliando os usos de objetos pesquisados; além disso, ii) os textos de cada *corpus* devem ser do mesmo tamanho, de medidas aproximadas, ou seja, preferivelmente, com o mesmo número de palavras; e, por último, mas não menos importante, iii) deve haver uma maior distância possível entre o último texto que representa um determinado período e o primeiro texto que compõe o período subsequente.

4.4. *Corpora* eletrônicos: uma breve caracterização

Berber Sardinha (2002) afirma que, atualmente, é unânime a utilização de *corpora* eletrônicos pelos pesquisadores de tradução e linguistas de *corpus*. O posicionamento é o de que, tanto para a área acadêmica dos Estudos da Tradução, quanto para a prática tradutória, o contato maior desses pesquisadores e linguistas com a Linguística de *Corpus* tem sido bastante positivo. As evidências obtidas no uso

de *corpora* para os Estudos da Tradução apontam para a certeza de que a língua é organizada com muito mais complexidade do que se imagina.

Nesse sentido, Tagnin (2002) destaca que o tradutor ingênuo pode ter problemas com suas habilidades de compreensão e produção de uma língua, pois é, no confronto entre duas línguas, que suas convenções se tornam mais evidentes. Expressões idiomáticas, fórmulas discursivas que determinam seu uso na língua de chegada, trocadilhos e referências humorísticas manipuladas pelas categorias convencionais da língua são alguns dos exemplos da não compreensão do tradutor durante o processo tradutório. Sendo assim, “a ingenuidade do tradutor se configura numa compreensão composicional do significado e numa falta de consciência do quanto uma língua é constituída dessas partes pré-fabricadas.” (TAGNIN, 2002, p. 193).

Segundo a autora, mesmo que o tradutor seja um falante nativo, ele pode ter problemas no nível de produção textual, caso não consiga encontrar soluções de uso corrente para uma tradução, escolhendo formas gramaticalmente possíveis em detrimento de formas mais prováveis de ocorrer, resultando em traduções literais e nada naturais. Em termos de convencionalidade, acreditar que dicionários resolveriam essas questões para o tradutor, seria bastante ingênuo também, “devido a uma escassez de recursos lexicográficos fraseológicos.” (TAGNIN, 2002, p. 196).

Nesse aspecto, segundo Tagnin (2002), existem categorias que apresentam um nível maior de dificuldade durante o processo tradutório. Um exemplo disso são as colocações. As colocações são palavras que se sucedem frequentemente e não ocorrem aleatoriamente. Em geral, as colocações não constituem problema de compreensão, mas, na maioria das vezes, passam despercebidas pelo tradutor. Ou seja, como são em grande parte composicionais, as colocações são fáceis de compreender. Entretanto, ao tentar produzi-las, buscá-las na memória não é fácil, pois, conscientemente, não houve um esforço para memorizá-las, tornando-se “entraves” no momento da tradução.

Diante desse cenário, Tagnin (2013) afirma que a Linguística de *Corpus*, impulsionada pelos avanços da computação em relação ao desenvolvimento de interfaces produtivas para o incentivo do uso de *corpora* eletrônicos, abre caminhos para aqueles que se dedicam a seus estudos e buscam soluções para esses entraves que ocorrem durante o processo tradutório. Sendo um conjunto de pressupostos

teórico-metodológicos e de abordagens empíricas, a Linguística de *Corpus* pode proporcionar o aprofundamento teórico e a confirmação de hipóteses, através do uso de *corpora* eletrônicos, que, hoje, são ferramentas de computação tecnologicamente mais desenvolvidas e de maior velocidade, ideais para o detalhamento das análises linguísticas. Portanto, os *corpora* eletrônicos podem ser instrumentos fundamentais para auxiliar o tradutor no desenvolvimento de suas traduções.

Nesse sentido, conforme Berber Sardinha (2002), a pesquisa com *corpora* tem revelado aspectos de extrema relevância sobre a constituição textual de uma tradução, assim como de sua relação com o texto fonte, além de ajudar na compreensão direta de muitos aspectos do processo tradutório, entre eles, os culturais. O conhecimento adquirido com o manuseio dos *corpora* é muito mais variado e rico, já que as escolhas linguísticas não giram em torno somente daquilo que é certo ou errado, para se chegar a uma escolha única ou inquestionável. Os *corpora* eletrônicos, nesse contexto, tendem a mostrar várias opções, algumas mais apropriadas ao contexto do que outras. Porém, a palavra final será sempre a do tradutor, que precisará examinar as evidências fornecidas pelos *corpora*, aprendendo a lidar com as probabilidades, já internalizadas pelos usuários de uma língua, com um resultado cumulativo. Ao tomar consciência da existência dessas probabilidades, de suas manifestações e de como elas podem ser pesquisadas, os *corpora* eletrônicos constituem práticas enriquecedoras para todo aprendiz e profissional. A esse respeito, inclusive, Berber Sardinha (2002, p. 68) considera que os “[...] *corpora* eletrônicos perfazem esse papel como nenhum outro recurso”.

Diferentemente da web, que não nos faculta ter um critério de representatividade para o processo tradutório (BERBER SARDINHA, 2003), além de informações encontradas em gramáticas e dicionários, o uso de *corpora* eletrônicos pode referendar, de uma forma representativa, as escolhas tradutórias, porque, segundo o autor, eles trazem uma conscientização “sobre as especificidades das escolhas linguísticas” feitas pelo tradutor para uma tradução adequada a seu contexto, pois, “[...] ‘mexer com os dados’ é um elemento-chave da Linguística de *Corpus* e, por conseguinte, da pesquisa em tradução com *corpora* eletrônicos.” (BERBER SARDINHA, 2003, p.47).

Tagnin (2018) afirma, nesse sentido, que um dos mais antigos e mais usados softwares criados para a análise de *corpora* é o *WST*, desenvolvido em 2006 pelo

pesquisador Mike Scott. Porém, em 2014, Laurence Anthony criou o programa *AntConc*, que vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas no campo da Linguística de *Corpus* Aplicada à Tradução, principalmente porque Anthony está sempre lançando novas versões do *AntConc* – algumas vezes, com a colaboração de outros pesquisadores –, que possibilitam análises mais complexas e multifacetadas.

Especificamente para este trabalho, a seguir, tratamos, de maneira pontual, do *AntConc*, caracterizando-o e apresentando suas funcionalidades.

4.5. O programa *AntConc*: caracterização e funcionalidades

Como já apontamos anteriormente, a Linguística de *Corpus* é uma abordagem teórico-metodológica (BERBER SARDINHA, 2000) e, como metodologia de pesquisa, constitui uma área dedicada à criação e análise de *corpora*, cujas contribuições vêm mudando sistematicamente o modo de investigação da língua.

A informática, nesse contexto, é considerada um dos maiores propulsores dessa mudança, tornando possível ao linguista de *corpus*, o uso de programas de computador, como o *WordSmith Tools* 8.0 e o *AntConc* 3.5.9, para acessar esses *corpora*, facilitando a observação de uma quantidade muito maior de dados a partir de um *corpus* eletrônico. Para este trabalho, foram utilizadas as ferramentas do programa *AntConc* 3.5.9. e suas funcionalidades.

O programa *AntConc* foi desenvolvido por Laurence Anthony¹⁰, professor da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade Waseda¹¹, no Japão, e atual diretor do *Center for English Language Education in Science and Engineering* (CELESE)¹² dessa mesma entidade. O *AntConc* é um concordanciador, que é utilizado para a compilação e listagem de ocorrências de uma palavra – construção – ou frase em contextos. Os concordanciadores, de maneira geral, executam “outras funções, como listar palavras em um texto ou *corpus*, extrair palavras-chave e colocados. O *AntConc* é um software livre para os sistemas Windows, Mac OSX e Linux” (KADER; RICHTER, 2013, p. 13-14).

¹⁰Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

¹¹Disponível em: https://stringfixer.com/pt/Waseda_University. Acesso em: 15 nov. 2021.

¹²Disponível em: <https://celese.jp/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Ressaltamos que, nesse sentido, o tamanho pequeno do arquivo, que permite um *download* rápido do programa *AntConc*, além de sua utilização sem a necessidade de instalação e licenciamento, são fatores bastante positivos para sua escolha. Além disso, sua *interface* é extremamente simples, já que, em uma mesma janela, existe a possibilidade de navegação por diferentes opções, permitindo a descoberta de ocorrências do objeto a ser pesquisado, o quanto esse objeto ocorre e em que contextos ele ocorre.

Esse programa está disponível gratuitamente no site do professor Laurence Anthony¹³, e nos faculta o desenvolvimento de várias pesquisas com determinado *corpus* ou *corpora*. Vale ressaltar ainda que o programa *AntConc* analisa textos de modo automático, facilitando a coleta, a investigação e a análise de dados.

Com o programa *AntConc*, aspectos linguísticos são alcançados por meio de análises criteriosas realizadas por suas ferramentas. Diferentemente da *web*, que não nos faculta ter um critério de representatividade (BERBER SARDINHA, 2003), inferimos que o uso de *corpora* eletrônicos consegue referendar as escolhas tradutórias porque traz uma conscientização sobre as escolhas linguísticas realizadas pelo tradutor. Assim, é necessário que o tradutor esteja sempre atento a todos os detalhes, com um olhar crítico, analisando o que tem em mãos por meio das informações disponibilizadas por programas como o *AntConc*.

Com evidências muito mais pontuais e precisas que o programa *AntConc* nos faculta, é possível, nesse sentido, comprovar a importância do seu uso na descrição e na análise da língua, no âmbito da Linguística de *Corpus*, contribuindo sistematicamente para as pesquisas de natureza funcionalista – em especial para aquelas realizadas no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, tal como concebida por Furtado da Cunha *et al.* (2013, 2016), Rosário e Oliveira (2016) e Bispo e Silva (2016).

O *AntConc* possui sete funcionalidades, ferramentas que, quando aplicadas no campo de domínio de pesquisas realizadas no contexto da LFCU, podem trazer indicações empiristas das traduções, fornecendo resultados a serem interpretados sob seus aspectos qualitativo e quantitativo. Seu formato eletrônico proporciona essa investigação quando utilizamos suas ferramentas computacionais específicas para o

¹³Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

processamento dos *corpora*, listadas a seguir: i) *Word List*; ii) *Concordance* e iii) *Concordance Plot*; iv) *Clusters/N-Grams*; v) *Collocates*; vi) *File View* e vii) *Keyword List*, que nos permitem fazer buscas, além de realizar cálculos estatísticos das ocorrências das palavras ou construções em um *corpus*. A seguir, abordaremos, de modo mais detido, cada uma dessas ferramentas.

4.5.1. *Word List*

Primeiramente podemos citar a ferramenta *Word List*. Para o uso dessa ferramenta, não há uma pesquisa específica, de caráter geral, que compõe uma lista com a totalidade das palavras do *corpus* selecionado, apresentadas com uma ordenação estabelecida em função da frequência encontrada, em ordem alfabética ou em frequência decrescente de todas as construções ou palavras. Clicando sobre cada uma delas, o contexto de uso da referida construção se expande, permitindo uma análise mais apurada do termo, com a indicação das mais frequentes ou das com menor ocorrência no *corpus*.

A ferramenta *Word List* possui as seguintes colunas: i) *Rank*, que classifica as palavras do *corpus* por ordem de frequência; ii) *Freq*, que ressalta a frequência de cada palavra que ocorre no *corpus*; e iii) *Word*, que mostra as palavras referentes aos itens das duas colunas anteriores. Essa lista pode ser organizada conforme o critério escolhido dentre os três disponíveis, a saber: a) *Sort by Freq*, que gera uma lista de palavras por critério de frequência; b) *Sort by Word*, que organiza as palavras por ordem alfabética; e c) *Sort by Word End*, que é feita a partir da ordenação segundo as terminações.

4.5.2. *Concordance e Concordance Plot*

Por sua vez, a ferramenta *Concordance* nos mostra o termo pesquisado e as linhas de concordância em um formato 'KWIC' (*KeyWord In Context*), o que nos permite ver as construções mais comumente usadas em um *corpus* em sua distribuição no contexto, além de proporcionar um levantamento entre a proeminência

de um termo no *corpus* do original e no *corpus* da tradução, respectivamente¹⁴. Para isso, é necessário que se opere com mais de um arquivo, para conseguir equacionar melhor o perfil quantitativo das ocorrências daquele termo destacado e, conseqüentemente, analisar inconsistências na tradução do original. O resultado é apresentado em três colunas. Na primeira coluna, as ocorrências são quantificadas; na segunda, as linhas de concordância se apresentam, destacando-se as palavras-chave no contexto; e na terceira, ocorre a identificação do arquivo no qual a palavra se encontra.

No âmbito da LFCU, as pesquisas realizadas pela ferramenta *Concordance* conseguem destacar os padrões construcionais representativos do termo escolhido para análise, combinando construções ou palavras com as quais eles ocorrem. Assim, o programa fornece *tokens* – ocorrências empiricamente atestadas (BYBEE, 2016 [2010]) – considerados pelo software representativos de um determinado padrão construcional, dentro de um contexto de uso, facultando obter resultados de natureza quantitativa por meio da frequência desse determinado padrão construcional nos *corpora* investigados. Na opção de *Token Definition*, em “*Global Settings*”, há a definição de quais *tokens* o *AntConc* vai considerar durante o processamento de dados.

Por sua vez, a ferramenta *Concordance Plot* mostra os resultados encontrados em um formato de código de barras ou gráfico – também chamado plotografia de concordância –, permitindo uma visualização em qual arquivo – *File* –, ou arquivos, o termo aparece com mais frequência, em uma visão pormenorizada de cada arquivo. Esse dispositivo possibilita visualizar os resultados da pesquisa, mostrando a distribuição da construção que está sendo analisada pelo *corpus*, o que também contribui para as nossas pesquisas no âmbito da LFCU e também dos Estudos da Tradução.

¹⁴ Vale destacar que, em sua aplicação na área de tradução, é necessário rodar as funcionalidades do Programa *AntConc* separadamente para a língua de partida e para a língua de chegada. Isso quer dizer que o programa não processa, ao mesmo tempo, textos pertencentes a duas ou mais línguas distintas.

4.5.3. *Clusters/N-Grams*

A ferramenta *Clusters/N-Grams* vem complementar todas as outras destacadas anteriormente. Essa ferramenta realiza uma busca do termo pesquisado combinado com duas ou mais palavras que podem ocorrer em uma frequência determinada, gerando uma lista com o resultado da pesquisa, em ordem alfabética, de frequência, de probabilidade ou de terminações. Há ainda a possibilidade de se inverter a ordem dessas listas, usando a opção *Invert Order*.

Além disso, a ferramenta *Clusters/N-Grams* consegue agrupar os resultados compilados pelas ferramentas *Concordance* e *Concordance Plot* em uma busca padrão do programa, com as palavras mais próximas à esquerda (*On Left*), ou de acordo com a opção assinalada, à direita do termo de pesquisa (*On Right*).

Na abordagem construcional, essa ferramenta é extremamente importante porque ela valida questões de tradução, tornando possível a análise de Unidades de Construção (UCs) em *clusters* – termos pesquisados combinados a duas ou mais palavras que ocorrem em determinada frequência –, verificando quais elementos aparecem mais à direita ou mais à esquerda após a investigação do padrão de construções. Com a ferramenta *Clusters/N-Grams*, o programa disponibiliza as combinações que são mais fixas, ou seja, mais comuns na língua, sugerindo escolhas tradutórias mais adequadas ao contexto. Vale ainda destacar que podemos escolher o comprimento mínimo e máximo de cada *cluster*, por meio do número de palavras e da frequência mínima da exibição de *clusters*, possibilitando localizar as expressões mais comuns em todo o *corpus*.

4.5.4. *Collocates e File View*

Por sua vez, a ferramenta *Collocates* permite investigar padrões não sequenciais na língua. Para a tradução, essa é uma das ferramentas mais utilizadas do programa *AntConc*, além das ferramentas *Concordance* e *Keyword List*, porque elas cotejam o *corpus* de referência, ou o original em inglês, compilado para a pesquisa, para sua validação. Ela nos proporciona o ranqueamento, a frequência de ocorrências e os tipos de combinações a partir das quais aquele termo pode ser

encontrado no contexto, gerando listas ordenadas pela frequência total, à esquerda ou à direita do objeto de pesquisa, ou pelo início ou final da construção, apresentando uma média estatística, que o programa gera automaticamente, medindo a relação entre o termo pesquisado e o colocado.

Por sua vez, a ferramenta *File View* proporciona uma análise qualitativa dentro do seu contexto de uso, após o rastreio. A função *File View* mostra o texto bruto de arquivos individuais, que permite investigar, mais detalhadamente, os resultados gerados pelas ferramentas *Concordance* e *Concordance Plot*, sinalizando as diferentes ocorrências. Assim, se um determinado padrão construcional for especificado, os resultados são destacados em todo o contexto. Com o botão *Hit Location*, podemos saltar através das ocorrências sem precisar analisar todo o arquivo.

4.5.5. Keyword List

Por fim, a ferramenta *Keyword List* nos mostra quais palavras são incomumente frequentes (ou infrequentes) no *corpus* em comparação com as palavras em um *corpus* de referência – também conhecido como *corpus* de controle; a sua função, nesse sentido, é fornecer uma norma a partir da qual se pode realizar a comparação das frequências encontradas no *corpus* de estudo (BERBER SARDINHA, 2000, 2004) – aquele que se pretende descrever representado por uma lista de frequência de palavras –, que ocorre por meio de uma prova estatística selecionada pelo usuário. Isso permite que sejam identificadas palavras características no *corpus*, por exemplo, como parte de um gênero ou de uma variedade linguística.

Assim, para que seja criada uma lista de palavras-chave, é necessário que se defina primeiro um *corpus* de referência que pertença a um gênero textual diferente do gênero que caracteriza o *corpus* de estudo. Ao comparar as ocorrências do *corpus* de estudo às ocorrências do *corpus* de referência, a ferramenta *Keywords* consegue, portanto, listar os padrões que realmente são mais peculiares no *corpus* de estudo que está sendo pesquisado.

4.6. Procedimentos metodológicos: o papel do método misto na tradução

A fim de realizar a caracterização do papel do método misto para este trabalho, a seguir, apontamos algumas questões de natureza linguística, baseadas nos trabalhos de Schiffrin (1987), Bybee (2003, 2007, 2011), Martelotta (2009) e Traugott (2011). Entretanto, antes de realizar essa caracterização, segue uma breve descrição sobre os fundamentos das metodologias qualitativa e quantitativa, fundadoras do método misto, pois o desenvolvimento dessas metodologias gerou uma popularização desse tipo de pesquisa, abrangendo seus pontos fortes e proporcionando uma compreensão maior dos problemas linguísticos estudados. Destacamos ainda que as metodologias qualitativa e quantitativa não se excluem, mesmo tendo suas especificidades (CRESWELL, 2010).

Segundo Bryman (1998), a análise qualitativa de dados é possível a partir da interpretação do pesquisador sobre o objeto. Assim, a metodologia qualitativa busca uma descrição mais detalhada do objeto a ser investigado, a partir de seu contexto. Segundo o autor, o pesquisador deve se preocupar em: i) descrever detalhadamente o objeto de análise; ii) compreender o contexto do objeto analisado; e iii) considerar o surgimento desses conceitos não intuitivamente, mas a partir dos dados.

Já no que se refere à metodologia quantitativa, Diehl (2004) se pauta na quantificação dos dados analisados, evitando resultados com possíveis distorções de análise e interpretação. Assim, o método quantitativo se caracteriza pelo emprego de técnicas estatísticas, com o objetivo de obter o levantamento e a análise de dados, simples ou complexas (RICHARDSON, 1989).

Por sua vez, o método misto consiste na combinação de elementos das abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa, tendo como objetivo ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o objeto a ser analisado, nos termos de Johnson *et al.* (2007).

Historicamente, sempre houve a tendência de se estabelecer uma dicotomia entre o método qualitativo e o método quantitativo. Porém, na virada do século XX para o século XXI, percebe-se uma tentativa de unir essas duas metodologias (CRESWELL, 2007 *apud* CUNHA LACERDA, 2016, p. 86), tendo como questão principal a definição do posicionamento das práticas de pesquisa – baseadas no

método misto – entre os dois polos, tendendo a ser mais qualitativa ou mais quantitativa.

Nesse contexto, Schiffrin (1987) defende objetivamente equacionar as metodologias qualitativa e a quantitativa, no que se refere à análise linguística. Segundo ela, quando essas metodologias são associadas, mesmo em diferentes simetrias, há a possibilidade de o pesquisador obter um grande número de ocorrências, em que a formação e a estrutura de determinados padrões sejam adequadamente analisadas, pautando-se em uma prévia descrição das categorias, “nas quais os dados serão enquadrados e na elaboração de generalizações analíticas a partir da quantificação das ocorrências” (SCHIFFRIN, 1987 *apud* CUNHA LACERDA, 2016, p. 86). Assim, segundo a autora, o método misto permite que o pesquisador consiga um número elevado de ocorrências, com padrões estabelecidos, obtendo uma análise mais apurada tanto do objeto a ser investigado quanto do seu contexto.

Já Bybee (2003, 2007, 2011), Martelotta (2009) e Traugott (2011) defendem, pontualmente, o papel da frequência de uso no processo de mudança linguística, com uma tendência de se abordar o viés quantitativo como explicação para a própria ocorrência da mudança.

Traugott e Trousdale (2013), nesse sentido, trazem uma breve reflexão sobre a importância do equacionamento entre as metodologias qualitativa e quantitativa. Os autores destacam que a análise quantitativa, aliada à análise qualitativa, contribui para a compreensão das inovações na língua, fornecendo evidências empíricas sobre a ocorrência de processos de construcionalização, ou seja, processo que dizem respeito à emergência de novos padrões construcionais na língua – conforme já discutido no Capítulo III.

Para uma análise qualitativa de dados, pode-se, portanto, observar as seguintes funções: i) a descrição do pareamento entre forma e significado no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e a ii) descrição dos contextos de uso em que os construtos na língua emergem. Traugott e Trousdale (2013) sinalizam, ainda, que as metodologias quantitativa e qualitativa podem contribuir para as pesquisas linguísticas relacionadas e confirmadas empiricamente, embora não mencionem o papel da frequência de uso no equacionamento entre ambas.

Creswell (2010, p.39), nesse contexto, apresenta três estratégias para os procedimentos da pesquisa no método misto – mesmo não sendo tão conhecidas quanto a abordagem quantitativa ou a abordagem qualitativa. A primeira delas seria a dos (i) métodos mistos sequenciais, em que o investigador inicia sua pesquisa usando uma abordagem qualitativa, seguida de uma abordagem quantitativa, ou ao contrário; a segunda estratégia seria a de (ii) métodos mistos concomitantes, em que o investigador coleta as duas formas ao mesmo tempo e depois faz uma integração das informações no momento da interpretação dos resultados; e, finalmente, a estratégia de (iii) métodos mistos transformativos, em que o investigador amplamente utiliza um enfoque teórico de dados quantitativos e qualitativos de um projeto, envolvendo uma abordagem sequencial ou concomitante.

Essa discussão ensejada teoricamente na tradução se aplica aos *corpora* eletrônicos ou a programas como o *AntConc* ou o *WordSmith Tools*. Em um possível levantamento que nos é facultado por essas duas ferramentas on-line e pelos programas, temos a possibilidade de, quantitativamente, verificar o número de ocorrências que é levantado, buscando o termo que é pesquisado no *corpus* e tendo ali uma indicação do total de ocorrências que aquele elemento perfaz em determinado *corpus*.

No que se refere ao ponto de vista qualitativo, sejam os *corpora* on-line ou qualquer tipo de programa que usamos, temos qualitativamente um levantamento dos contextos de uso daquele elemento que está sendo pesquisado. Ou seja, empiricamente na tradução, essa coadunação do qualitativo com o quantitativo é possível através do método misto, sendo realizado tanto nos *corpora* eletrônicos como nos programas, por meio do levantamento do total de ocorrências do elemento pesquisado, o que configura uma pesquisa quantitativa. E, por outro lado, quando são arroladas as ocorrências que caracterizam o objeto pesquisado em seu contexto de uso, temos um viés qualitativo, constituindo o método misto.

4.7. Conclusões

Conforme visto neste capítulo, discutimos brevemente as contribuições que a Linguística de *Corpus* pode trazer para a tradução, colaborando sistematicamente

para a investigação da língua. Para os pesquisadores, de maneira geral, a Linguística de *Corpus* revolucionou o modo como uma língua é estudada, contribuindo para diversas áreas de pesquisa linguística – tais como a compilação de *corpora* e o desenvolvimento de ferramentas para uso de *corpora*, destacados neste capítulo – em um conjunto de dados linguísticos pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, que podem ser processados por computador e expressados na recorrência sistemática de unidades de várias ordens.

Vimos também que, mesmo diante das dificuldades iniciais de acesso a *corpora* de tradução – por serem complicados de compilar e, conseqüentemente, considerados bastante demorados durante sua transferência para mídias eletrônicas –, hoje esse cenário mudou, e a Linguística de *Corpus* muito tem contribuído para a área dos Estudos da Tradução, refletindo todo seu potencial em uma perspectiva muito mais abrangente. Nesse sentido, Berber Sardinha (2007) destaca que os Estudos da Tradução, por meio da Linguística de *Corpus*, tem se tornado uma das mais relevantes linhas de pesquisa da atualidade por ter mudado a maneira como se investiga a língua.

Referendamos também, através do que foi exposto neste capítulo, que a relação entre a Linguística de *Corpus* e os Estudos da Tradução é bastante relevante, considerando atualmente como a tradução e os estudos tradutológicos podem se beneficiar a partir do uso de *corpora* eletrônicos, cujos critérios para sua constituição e sua importância para a tradução abordamos, destacando sua aplicabilidade na prática e na pesquisa em tradução.

Para a complementação desse contexto, exploramos os procedimentos metodológicos, por meio da caracterização do papel do método misto, e apontamos algumas questões de natureza linguística, baseadas nos trabalhos de Schiffrin (1987), Bybee (2003, 2007, 2011), Martelotta (2009) e Traugott (2011). Nesse sentido, abordamos o método misto, nos termos de Johnson *et al.* (2007) e Cunha Lacerda (2016), e destacamos o papel do equacionamento entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa empiricamente na tradução, concluindo que a coadunação do qualitativo com o quantitativo é possível através do método misto, sendo realizado tanto nos *corpora* eletrônicos como em programas, como o *AntConc*, de Lawrence Anthony, o qual vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas no campo da Linguística de *Corpus* aplicada à tradução

Conforme Berber Sardinha (2002), podemos concluir, então, que a pesquisa com *corpora* tem revelado aspectos de extrema relevância sobre a constituição textual de uma tradução, assim como de sua relação com o texto fonte, além de ajudar na compreensão direta de muitos aspectos do processo tradutório. Conforme discutimos, o conhecimento adquirido com o manuseio de *corpora* é muito mais variado e rico, já que as escolhas linguísticas não giram em torno somente daquilo que é certo ou errado, para se chegar a uma escolha única ou inquestionável. Os *corpora*, sob essa perspectiva, tendem a mostrar várias opções, algumas mais apropriadas ao contexto do que outras. Porém, sabemos que a palavra final será sempre a do tradutor, que precisará examinar as evidências fornecidas pelos *corpora*, aprendendo a lidar com as probabilidades, já internalizadas pelos usuários de uma língua, com um resultado cumulativo.

CAPÍTULO V

UMA ANÁLISE SOBRE AS INCONSISTÊNCIAS NA TRADUÇÃO DO PADRÃO CONSTRUCIONAL *BUILD* A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL E PAUTADA NO USO

O objetivo deste capítulo é realizar uma análise sobre as inconsistências na tradução do padrão construcional *build* a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso.

A fim de cumprir esse objetivo, na seção 5.1., apresentamos uma explanação sobre os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, constituindo *corpora* a partir da compilação de um *corpus* do inglês norte-americano e de seu correspondente, um *corpus* do português brasileiro, extraídos de *live pages* de produtos da Microsoft, do Google e da AWS, na nuvem, destinadas a usuários de TI e selecionadas aleatoriamente a partir do navegador *Edge*, da Microsoft. Para isso, delimitamos o método misto como paradigma metodológico a ser assumido. Desta forma, do ponto de vista metodológico, utilizamos o programa *AntConc* 3.5.9, o qual foi apresentado na seção 4.5. do Capítulo IV. Nesse sentido, descrevemos o *corpus* compilado e analisado, delimitando as categorias de análise referentes aos padrões construcionais, a saber: i) *build*^{Verbo}; ii) *build*^{Adjetivo}; e iii) *build*^{Nome}. Por sua vez, na seção 5.2., categorizamos o padrão construcional *build*^{Verbo} em tradução. Seguindo com a nossa análise, na seção 5.3., categorizamos o padrão construcional *build*^{Adjetivo} em tradução. Da mesma forma, na seção 5.4., categorizamos o padrão construcional *build*^{Nome} em tradução. Por fim, na seção 5.5., sistematizamos as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas anteriormente.

5.1. Procedimentos metodológicos

Apesar de um preconceito inicial por parte de alguns linguistas em relação ao uso de *corpora* em traduções – por considerá-los não representativos da língua ou desviantes, acreditando que fazem parte de um grande polissistema cultural (EVEN-

ZOHAR, 2005 [1978]) de partida e de chegada, compondo gêneros específicos –, após a virada cultural dos Estudos da Tradução, essa visão foi se modificando.

A partir de então, entende-se que, além de fazer parte desses polissistemas, as traduções também se baseiam em dados empíricos e na convencionalidade, distanciando-se da noção de equivalência de outrora (CUNHA LACERDA, 2010). Hoje há um reconhecimento de que o tradutor é um intermediador entre culturas e não somente um decodificador de línguas idealizadas. E assim também o é para a tradução técnica de TI.

Tendo isso em mente, como aporte teórico para esta pesquisa, utilizamos a Linguística de *Corpus* e os conceitos de uso de *corpora* na formação de tradutores, destacando sua importância para a tradução (BERBER SARDINHA, 2000, 2002, 2003), suas possibilidades e seus avanços (KADER; RICHTER, 2013), além do crescimento na pesquisa em tradução baseada em *corpora* (BAKER, 1993, 1995, 1996), levando-se em consideração o destaque dos *corpora* eletrônicos como recursos importantes para a prática profissional do tradutor (BERBER SARDINHA, 2002) em relação às especificidades da linguagem técnica utilizada em TI (RIBEIRO, 2009). Nesse sentido, evidenciamos a interface produtiva entre a Linguística de *Corpus* e a terminologia técnica e de *corpora* na Tradução, para profissionais de diferentes áreas do conhecimento (TAGNIN, 2013, 2015). Como embasamento teórico, consideramos também os pressupostos fundamentais da Gramática de Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e da bidirecionalidade função <> forma assumida pela Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

O objeto de análise para esta pesquisa são os padrões construcionais de *build* e suas possíveis traduções. *Build* é largamente utilizado em linguagem de programação por desenvolvedores de aplicativos, engenheiros de *software* e usuários de TI.

A fim de cumprir os objetivos propostos para esta pesquisa, constituímos um *corpus* representativo do inglês norte-americano e de seu correspondente – um *corpus* do português brasileiro – extraídos de *live pages* de produtos da *Microsoft*, do *Google* e da *AWS*, na nuvem, destinadas a usuários de TI e selecionadas aleatoriamente a partir do navegador *Edge*, da *Microsoft*.

Build pode ter um significado ligeiramente diferente, dependendo de ser usado como nome, adjetivo ou verbo, na língua portuguesa. Por esse motivo, encontramos muitas inconsistências nas traduções para esse termo e outras terminologias associadas a ele. Assim, com base no *corpus* selecionado, mapeamos suas ocorrências, com o intuito de averiguar a tradução realizada. Cada *corpus* – o do inglês norte-americano e o do português brasileiro – é constituído com base nos critérios propostos por Berber Sardinha (2000), para o que seria um *corpus* médio-grande (de 1 milhão a 10 milhões de palavras).

Em relação ao percurso analítico, em um primeiro momento, realizaremos um levantamento de natureza quantitativa a fim de atestar a frequência de *build* nos padrões construcionais identificados. Nesse sentido, verificaremos o número de ocorrências representativas dos seguintes padrões construcionais: i) *build*^{Verbo}; ii) *build*^{Adjetivo}; e iii) *build*^{Nome}. Já em um segundo momento, a partir da análise quantitativa realizada, procederemos a uma análise de caráter qualitativo, pautada em três ocorrências representativas de cada padrão construcional. Para a realização da análise qualitativa, apresentaremos as ocorrências em quadros, contendo o original na língua inglesa e sua tradução para a língua portuguesa e, quando convier, também proporemos sugestões de tradução para os casos em que houver inconsistências na tradução de *build*.

Para a análise pretendida, usaremos as ferramentas disponibilizadas pelo programa *AntConc* 3.5.9 e o método misto, nos termos de Johnson *et al.* (2007), equacionando os dados entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, de forma pareada e comparativa, com o propósito de aprofundar o conhecimento acerca do objeto analisado, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística de *Corpus* (KADER; RICHTER, 2013), aliada aos pressupostos fundamentais da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e da bidirecionalidade função <> forma assumida pela Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Como já apontamos anteriormente, a Linguística de *Corpus* é uma abordagem teórico-metodológica (BERBER SARDINHA, 2000) e, como metodologia de pesquisa, constitui uma área dedicada à criação e análise de *corpora*, cujas contribuições vêm mudando sistematicamente o modo de investigação da língua.

A informática, nesse contexto, é considerada um dos maiores propulsores dessa mudança, tornando possível ao linguista de *corpus* o uso de programas de computador, como o *WordSmith Tools* 8.0 e o *AntConc* 3.5.9, para acessar esses *corpora*, facilitando a observação de uma quantidade muito maior de dados a partir de um *corpus* eletrônico. Para este trabalho, utilizamos as ferramentas do programa *AntConc* 3.5.9. e suas funcionalidades, as quais foram sistematicamente apresentadas na seção 4.5. do Capítulo IV.

Com evidências muito mais pontuais e precisas que o programa *AntConc* nos faculta, é possível, nesse sentido, comprovar a importância do seu uso na descrição e na análise da língua, no âmbito da Linguística de *Corpus*, contribuindo sistematicamente para as pesquisas de natureza funcionalista – em especial para aquelas realizadas no âmbito da LFCU –, tal como concebida por Furtado da Cunha *et al.* (2013, 2016), Rosário e Oliveira (2016) e Bispo e Silva (2016).

Como já vimos anteriormente, o *AntConc* possui sete funcionalidades, ferramentas que, quando aplicadas no campo de domínio de pesquisas realizadas no contexto da LFCU, podem trazer indicações empiristas das traduções, fornecendo resultados a serem interpretados sob seus aspectos qualitativo e quantitativo. Seu formato eletrônico proporciona essa investigação quando utilizamos suas ferramentas computacionais específicas para o processamento dos *corpora*, listadas a seguir: i) *Word List*; ii) *Concordance*; iii) *Concordance Plot*; iv) *Clusters/N-Grams*; v) *Collocates*; vi) *File View*; e vii) *Keyword List*, que nos permitem fazer buscas, além de realizar cálculos estatísticos das ocorrências das palavras ou construções em um *corpus*.

Nesse sentido, abordamos o método misto, nos termos de Johnson *et al.* (2007) e Cunha Lacerda (2016), e destacamos o papel do equacionamento entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa empiricamente na tradução, concluindo que a coadunação do qualitativo com o quantitativo é possível por meio do método misto, sendo realizado tanto nos *corpora* eletrônicos como em programas, como o *AntConc*, de Lawrence Anthony, o qual vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas no campo da Linguística de *Corpus* aplicada à tradução. A fim de realizar a caracterização do papel do método misto para este trabalho, apontamos algumas questões de natureza linguística, baseadas nos trabalhos de Schiffrin (1987), Bybee (2003, 2007, 2011), Martelotta (2009) e Traugott (2011).

Essa discussão ensejada teoricamente na tradução se aplica aos *corpora* eletrônicos ou a programas como o *AntConc* ou o *WordSmith Tools*. Em um possível levantamento que nos é facultado por essas duas ferramentas *on-line* e pelos programas, temos a possibilidade de, quantitativamente, verificar o número de ocorrências que é levantado, buscando o termo que é pesquisado no *corpus* e tendo ali uma indicação do total de ocorrências que aquele elemento perfaz em determinado *corpus*.

No que se refere ao ponto de vista qualitativo, sejam os *corpora on-line* ou qualquer tipo de programa que usamos, temos qualitativamente um levantamento dos contextos de uso daquele elemento que está sendo pesquisado. Ou seja, empiricamente na tradução, essa coadunação do qualitativo com o quantitativo é possível através do método misto, sendo realizado tanto nos *corpora* eletrônicos como nos programas, por meio do levantamento do total de ocorrências do elemento pesquisado, o que configura uma pesquisa quantitativa. E, por outro lado, quando são arroladas as ocorrências que caracterizam o objeto pesquisado em seu contexto de uso, temos um viés qualitativo, constituindo o método misto.

Nesse contexto, propomos fazer uma pesquisa sobre as inconsistências na tradução de *build* a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso.

O padrão construcional *build* pode ter um significado ligeiramente diferente, dependendo de ser usado como nome, adjetivo – mais precisamente com uma função adjetiva, qualificando um nome – ou verbo, na língua portuguesa. Por esse motivo, encontramos muitas inconsistências nas traduções para esse padrão e outras terminologias associadas a ele.

Sendo assim, começamos essa análise, implementando uma breve descrição do termo a ser analisado.

Sawaya (1999, p. 60-61), em seu *Dicionário de Informática e Internet – Inglês/Português* – da Editora Nobel, traz as seguintes definições para *build* e respectivas derivações para o termo destacado:

<i>Build</i>
<i>Build</i> – construir, formar, estabelecer. (E-249) <i>Builder</i> – construtor. (D-223) <i>Building</i> – construção. (V-69) <i>Built in</i> – embutido. (1) Qualquer objeto, dispositivo ou ação embutida em outra. (V-203) (2) Integrado, incorporado; característica especial que já está incluída em um determinado sistema. (E-142) <i>Built-in automatic</i> – função automática. Nas planilhas, uma fórmula pronta para ser usada que executa cálculos matemáticos, estatísticos, trigonométricos, financeiros, lógicos de data e outros. Também chamada de função interna. (S-323) <i>Built-in data type</i> – tipo de dados de construção interna. Tipo de dados definido na própria linguagem. (K-22) <i>Built-in function</i> – função incorporada. (1) Denominação da codificação representada pelo nome de referência da função. (U-583) (2) Função já instalada ou predefinida. (R-184) <i>Built-in I/O</i> – I/O embutida. Dispositivo de entrada e saída embutido no sistema. (D-478) <i>Built-in macro</i> – macroembutida. Macro que está disponível em um programa. (R-114) <i>Built-in speaker</i> – alto-falante embutido. Dispositivo de saída sonora utilizado em micro-computadores. (D-1)

Quadro 1 – Sentidos atribuídos ao padrão construcional *build* de acordo com o *Dicionário de Informática e Internet – Inglês/Português* compilado por Sawaya (1999)

Encontramos traduções similares para *build* no dicionário eletrônico *Cambridge English-Portuguese Dictionary* © ¹⁵ da *Cambridge University Press*:

¹⁵ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/build> Acesso em: 28 de mai. de 2022

Build

Tradução de ***build*** — Dicionário inglês-português

build

verb

UK /bɪld/ US /bɪld/

built* | *built

to make something by putting bricks or other materials together
construir, edificar, erigir

They're *building* new houses by the river.

The birds *built* their nest in the tree.

These old houses are *built* (= made) of stone.

Contractors have started *building* on waste land near the town.

Mais exemplos:

We want to buy a plot of land to *build* a house.

There are plans to *build* a hotel on the most northerly point of the island.

We've had to *build* some cupboards to give us more storage space.

They're *building* a new bridge across the river.

He gathered some wood to *build* a fire.

Verbo frasal

build on sth

build

noun

UK /bɪld/ US /bɪld/

OF BODY

the size and shape of a person's body

constituição

The suspect was of slim build with short, dark hair.

The two players have similar builds, and both have strong serves and forehands.

(Tradução de ***build***: *Cambridge English-Portuguese Dictionary* © Cambridge University Press)

Quadro 2 – Sentidos atribuídos ao padrão construcional *build* de acordo com o dicionário eletrônico *Cambridge English-Portuguese Dictionary* © Cambridge University Press

De forma diversa às traduções destacadas acima, especificamente para a *Microsoft*, o termo *build*, no que se refere ao *Windows*, é aquilo que conhecemos como as atualizações de segurança, que ocorrem mensalmente para seu sistema operacional (SO). Essas atualizações melhoram a *performance* do sistema, além de corrigir *bugs* e de solucionar problemas relativos à segurança computacional e de *softwares*.

Neste contexto, destacamos que uma das etapas mais importantes da criação de um *software* é o processo de compilação, em que os arquivos de código-fonte são convertidos em código executável. Esse processo de compilação de *softwares* geralmente é gerenciado por uma ferramenta de *builds*. Os *builds* são criados quando um determinado ponto do desenvolvimento é alcançado ou o código é considerado pronto para implementação, seja para o teste ou para o lançamento imediato de um *software*.

Categorizando o padrão construcional *build* – e o de outras terminologias associadas a ele em traduções técnicas de TI – para a *Microsoft*, o *Google* e a *AWS*, além do referenciado acima, trata-se também de uma versão compilada de um programa ou aplicativo. Quando um aplicativo de *software* é criado e atualizações importantes são feitas, o número do *build* é atribuído ao *software*. Os fabricantes também adicionam o número do *build* do *software* à versão, quando são feitas atualizações menores. Assim, o *build* do *software* funciona como um número de uma subversão. *Patches* para corrigir *bugs*, solução de problemas – principalmente pequenos problemas, mas também problemas maiores – e, às vezes, até pequenas adições de recursos, geralmente, resultam em uma alteração no *build* do *software*. Por padrão, as versões são identificadas por um número de 4 dígitos e os *builds* usam 7 ou 8 dígitos, no formato XXXXX.XX ou XXXXX.XXX.

Entre outros sentidos, *build*, em termos gerais, refere-se também à “criação” de aplicações modernas, para encontrar o equilíbrio entre gerenciar tecnologia e criar novos recursos. Essas aplicações são criadas com uma arquitetura modular, modelos operacionais sem servidor e processos de desenvolvedores rápidos, inovando com mais facilidade, reduzindo riscos, acelerando o tempo de entrada no mercado e diminuindo o custo total de propriedade (TCO, na sigla em inglês)¹⁶.

¹⁶ Disponível em: https://aws.amazon.com/modern-apps/?nc1=h_ls. Acesso em: 28 de mai. de 2022.

Podemos citar alguns contextos possíveis para *build*. Essa terminologia é amplamente utilizada em construções linguísticas específicas para o contexto de TI, pelos desenvolvedores de *softwares* e para as linguagens de computação.

Desta forma, destacamos também algumas traduções de terminologias associadas a *build*, como “versão” e “compilação”, além do próprio termo sem estar traduzido. A “versão” é uma maneira de categorizar os estados exclusivos do *software* de computador à medida que é desenvolvido e lançado – ainda que *build* se refira ao código dessa versão. A “compilação” é a ação de compilar códigos. É o processo que o computador realiza para converter uma linguagem de programação de alto nível em uma linguagem de máquina, que o computador possa entender. Para este trabalho, o uso da terminologia “versão” para a tradução do padrão construcional *build* ficará fora do escopo.

Assim, o objetivo da nossa pesquisa é o de compilar e encontrar um padrão tradutório para as construções com *build*, com o objetivo de minimizar as inconsistências em sua tradução, a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso.

Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) propõem – conforme discutido no Capítulo III – a co-ocorrência de três propriedades, a saber: i) a esquematicidade, que está relacionada à noção de rede construcional e à extensão em que padrões mais gerais são recrutados por meio de uma série de construções mais específicas; ii) a produtividade, que está relacionada à noção de frequência, a qual, nos termos de Bybee (2003, 2011), compreende a frequência *token* – extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes – e a frequência *type* – em que as construções, ao longo do tempo, podem ser empregadas em diferentes colocações, configurando o fenômeno que Himmelmann (2004) denomina de *host-class expansion* – expansão da classe hospedeira; e iii) a composicionalidade, que se refere ao nível de transparência da ligação entre forma e significado.

Para este trabalho, delimitamos as seguintes categorias analíticas a partir de uma perspectiva construcional, a saber: i) *build*^{Verbo}; ii) *build*^{Adjetivo}; e iii) *build*^{Nome}.

Pelo exposto acima, para o início da nossa análise, selecionamos a ferramenta *Word List*. Para o uso dessa ferramenta não há uma pesquisa específica, porque ela é de caráter geral e compõe uma lista com a totalidade das palavras do *corpus* selecionado, apresentadas com uma ordenação estabelecida em função da

frequência encontrada, em ordem decrescente. Clicando sobre cada uma delas, o contexto de uso daquela palavra se expande, permitindo uma análise mais apurada do termo.

Assim, conforme podemos observar, na *Figura 1*, correspondente ao *corpus* do original em inglês, verifica-se que estão presentes 8.011 entradas lexicais – *Word Types* – e 2.003.105 ocorrências empiricamente atestadas – *Word Tokens*.

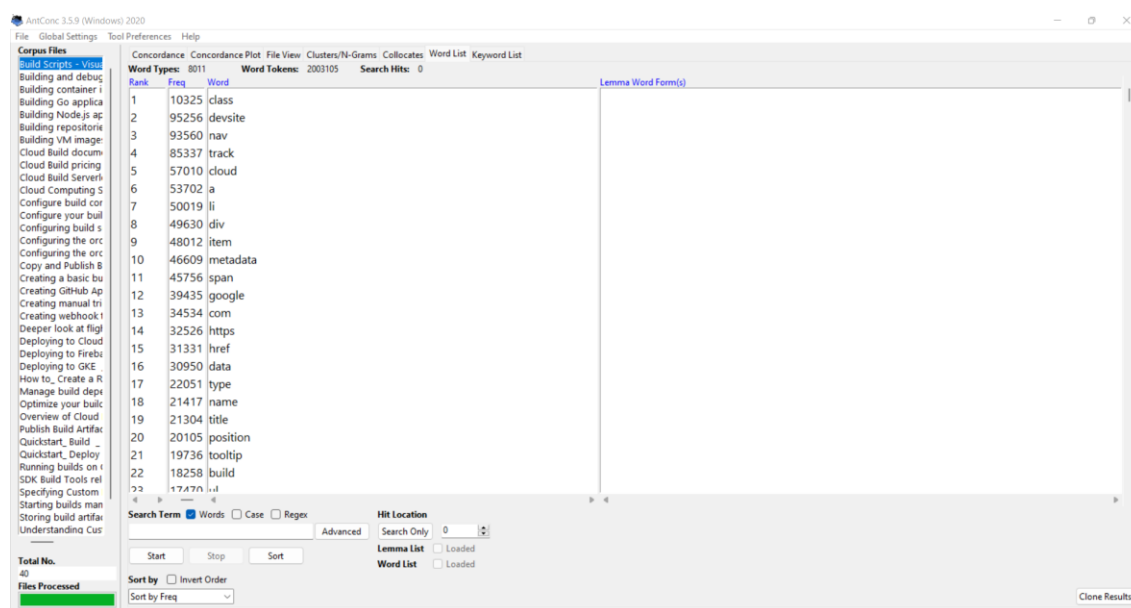


Figura 1 – Representação do levantamento das ocorrências das entradas lexicais e empiricamente atestadas no *corpus* do original em inglês
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Do mesmo modo, na *Figura 2*, correspondente ao *corpus* da tradução em português, verifica-se que estão presentes 8.772 entradas lexicais – *Word Types* e 2.050.691 ocorrências empiricamente atestadas – *Word Tokens*.

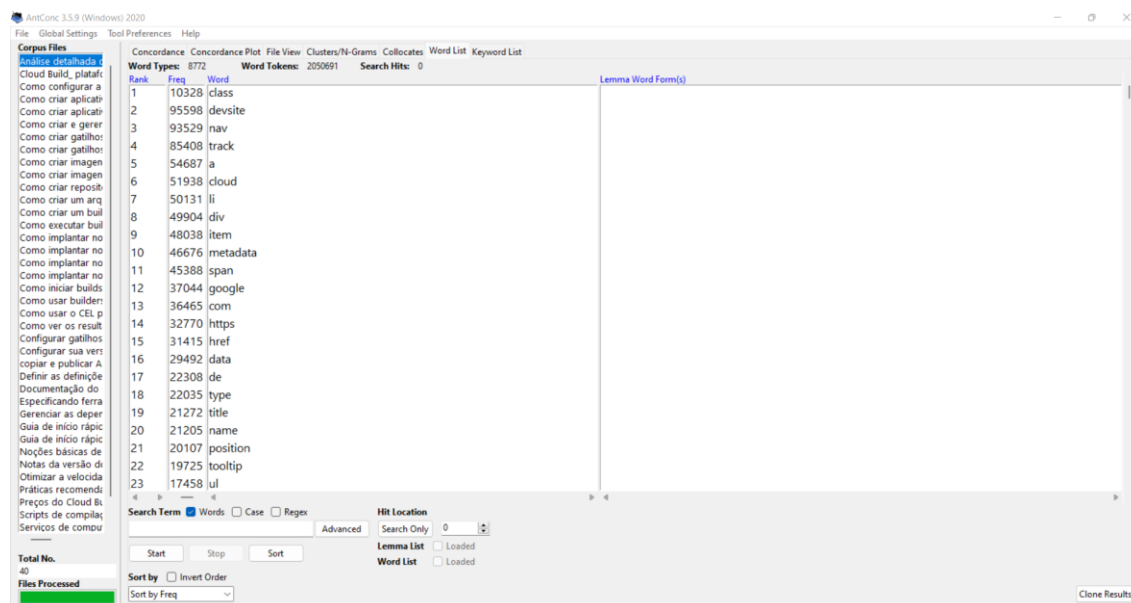


Figura 2 – Representação do levantamento das ocorrências das entradas lexicais e empiricamente atestadas no *corpus* da tradução em português
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Os resultados revelam que há uma discrepância entre o *corpus* do original e o *corpus* da tradução, em termos gerais. Quantitativamente, o *corpus* da tradução em português é maior do que o *corpus* do original em inglês, tanto para as entradas lexicais – *Word Types* –, quanto para as ocorrências empiricamente atestadas – *Word Tokens*.

Em uma análise de cunho quantitativo, segue abaixo a *Tabela 1* com a frequência de *build* por padrão construcional, em relação ao *corpus* do inglês como um todo. Para isso, utilizamos a ferramenta *Concordance* para fazer uma busca do termo pesquisado combinado com duas ou mais palavras que podem ocorrer em uma frequência determinada.

Conforme discutido no Capítulo IV, na abordagem construcional, a ferramenta *Concordance* é extremamente importante porque ela nos mostra o termo pesquisado e as linhas de concordância em um formato 'KWIC' (*KeyWord In Context*), o que nos permite ver as construções mais comumente usadas em um *corpus* em sua distribuição no contexto, além de proporcionar um levantamento entre a proeminência de um termo no *corpus* do original e no *corpus* da tradução, respectivamente¹⁷. Para

¹⁷ Vale destacar que, em sua aplicação na área de tradução, é necessário rodar as funcionalidades do Programa *AntConc* separadamente para a língua de partida e para a língua de chegada. Isso quer dizer que o programa não processa, ao mesmo tempo, textos pertencentes a duas ou mais línguas distintas.

isso, é necessário que se opere com mais de um arquivo, para conseguir equacionar melhor o perfil quantitativo das ocorrências daquele termo destacado e, consequentemente, analisar inconsistências na tradução do original.

O resultado é apresentado em três colunas. Na primeira coluna, as ocorrências são quantificadas; na segunda, as linhas de concordância se apresentam, destacando-se as palavras-chave no contexto; e na terceira, ocorre a identificação do arquivo no qual a palavra se encontra:

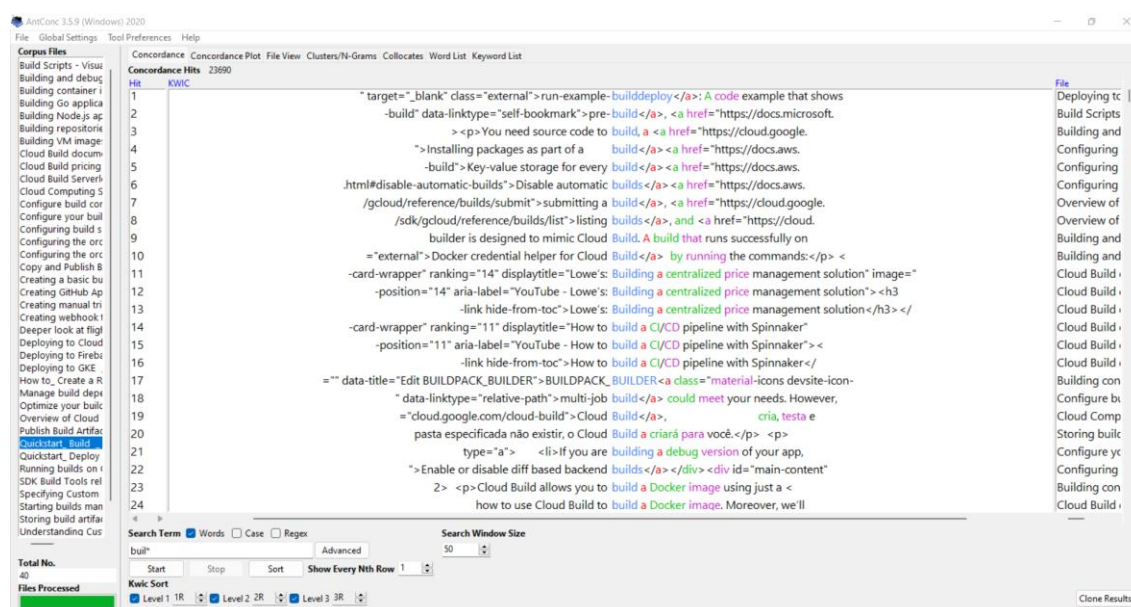


Figura 3 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional **build** no corpus do original em inglês com a ferramenta *Concordance*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No âmbito da LFCU, as pesquisas realizadas pela ferramenta *Concordance* conseguem destacar os padrões construcionais representativos do termo escolhido para análise, combinando construções ou palavras com as quais eles ocorrem. Assim, o programa fornece *tokens* – ocorrências empiricamente atestadas (BYBEE, 2016 [2010]) – considerados pelo software representativos de um determinado padrão construcional, dentro de um contexto de uso, facultando obter resultados de natureza quantitativa por meio da frequência desse determinado padrão construcional nos corpora investigados. Na opção de *Token Definition*, em “*Global Settings*”, há a definição de quais *tokens* o *AntConc* vai considerar durante o processamento de dados.

Ressaltamos que toda a análise com os padrões construcionais *build*^{Verbo}, *build*^{Adjetivo} e *build*^{Nome} foi realizada também em suas outras formas, além de *build*, a seguir: *builds*, *building* e *built*, assim como, para seus correspondentes no *corpus* do português brasileiro.

Para a compilação correta desses padrões construcionais, tanto no *corpus* do original em inglês quanto no *corpus* da tradução em português, usamos o caractere curinga asterisco (*) para o processamento correto dos padrões analisados, no seguinte formato: para *build*^{Verbo} destacamos a forma *buil**, para localizarmos manualmente o verbo *build*, que representa, na língua inglesa, o infinitivo, a 1ª e a 2ª pessoas do presente no singular e todas as pessoas do presente no plural. Além disso, procuramos manualmente também suas outras possíveis formas, como *building*, que pode ser sua forma progressiva ou sua forma gerundiva em inglês; compilamos também a forma *builds*, que representa a terceira pessoa do singular no presente; e *built*, que pode ser a forma do *simple past* e também a forma do *past participle* da língua inglesa.

Consideramos, também, para este trabalho, os seguintes padrões: para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} compilamos as formas *build*, *building* e *built*. As formas *building* e *built* são consideradas funções adjetivas participiais, com suas terminações “-ing” e “-ed” – no caso de *build* compilamos a forma *built*, por ser este um verbo irregular. As formas com a terminação “-ing” – como em *building* – são usados para qualificar coisas e situações e têm significado ativo, descrevendo “algo que está causando algo”. Já as formas que terminam em “-ed” – no caso do nosso estudo, a forma *built* – são usados para qualificar o estado de pessoas ou coisas, tendo significado passivo, descrevendo algo que recebe algum tipo de ação, ocasionando uma reação.

Já para o padrão construcional *build*^{Nome} foi considerado o nome *build*, no singular e no plural, além da forma *building* como nome. Assim, conseguimos compilar manualmente a frequência de *build* por padrão construcional, em relação ao *corpus* do inglês como um todo, como exposto na tabela a seguir:

	Número de ocorrências	
	n.º	%
Build ^{Verbo}	3.723	15,72%
Build ^{Adjetivo}	4.465	18,85%
Build ^{Nome}	15.502	65,43%
Total (buil*)	23.690	100%

Tabela 1: Representação da frequência de **build** por padrão construcional, em relação ao *corpus* do inglês como um todo.

Fonte: elaborada pela autora (2022)

A partir da leitura da *Tabela 1* e conforme a *Figura 3* – em que fizemos a representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional *build* no *corpus* do original em inglês com a ferramenta *Concordance* – verificamos que estão presentes 23.690 entradas lexicais para este padrão construcional, divididas entre as categorias analíticas, a seguir: i) *build*^{Verbo}; ii) *build*^{Adjetivo}; e iii) *build*^{Nome}.

Assim, para o padrão construcional *build*^{Nome}, quantificamos a presença de 15.502 entradas lexicais, o que corresponde a um percentual de 65,43% de sua totalidade. Já para o padrão construcional *build*^{Adjetivo}, observamos um percentual de 18,85%, o que corresponde, quantitativamente, a 4.465 entradas lexicais. Finalmente, no que tange ao padrão construcional *build*^{Verbo}, observamos a quantidade de 3.723 entradas lexicais, correspondendo ao percentual de 15,72% do total.

Podemos observar a partir dessa análise que, quantitativamente, o número de ocorrências para o padrão construcional *build*^{Nome} – no *corpus* original e suas respectivas formas compiladas manualmente – foi maior do que para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} e, por último, para o padrão construcional *build*^{Verbo}, respectivamente.

Com base nesses resultados quantitativos compilados nesta seção, apresentaremos, nas próximas seções deste capítulo, uma análise qualitativa para cada um dos padrões construcionais identificados aqui, a partir das propriedades da

esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

5.2. Padrão construcional *build*^{Verbo} em tradução

Categorizando o padrão construcional *build*^{Verbo} em traduções técnicas de TI para a *Microsoft*, o *Google* e a *AWS*, encontramos as seguintes traduções para essa categoria: “criar” e “compilar”. Apesar dessa diferença de sentidos, tradutores que possuem pouca ou nenhuma experiência em tradução técnica de TI, geralmente, confundem esses dois conceitos, gerando erros e muitas inconsistências na tradução. *Build* pode ser encontrado nas classes gramaticais da língua inglesa nas funções de verbo, adjetivo e nome.

No que se refere ao sentido de “criar” (ação) – para *build*^{Verbo} –, inferimos que é um termo bastante geral e que pode se referir à criação de qualquer coisa que seja necessária, de materiais de origem editável – como código-fonte, *scripts*, arquivos de dados brutos etc. – a produtos de *software*. Essa criação geralmente envolve várias etapas – como pré-processamento, compilação, vinculação, conversão de arquivos de dados, execução de testes automatizados, empacotamento etc..

Já no que tange ao sentido de “compilar” (ação) – para *build*^{Verbo} –, é mais específico e quase invariavelmente se refere a um processo que recebe um código-fonte como entrada, gerando algo executável. Em uma compilação de dados, por exemplo, agrupam-se dados não processados transformados em um formato manipulável ou combinado com outros dados, que serão analisados posteriormente.

Em um primeiro momento, utilizamos para a análise de *build*^{Verbo} a ferramenta *Concordance*. Essa ferramenta mostra o termo pesquisado e as linhas de concordância. Ela proporciona um levantamento entre a proeminência de um termo no *corpus* do original em inglês e no *corpus* da tradução em português, respectivamente, escolhido para essa análise. Para isso, é necessário que se opere com mais de um arquivo, para conseguirmos equacionar melhor o perfil quantitativo e, conseqüentemente, o perfil qualitativo das ocorrências da construção destacada.

Para essa pesquisa, analisamos, como já mencionamos no início do capítulo, 40 arquivos extraídos de *live pages* de produtos da *Microsoft*, do *Google* e da *AWS*,

na nuvem, destinadas a usuários de TI e selecionadas aleatoriamente a partir do navegador *Edge*, da *Microsoft*.

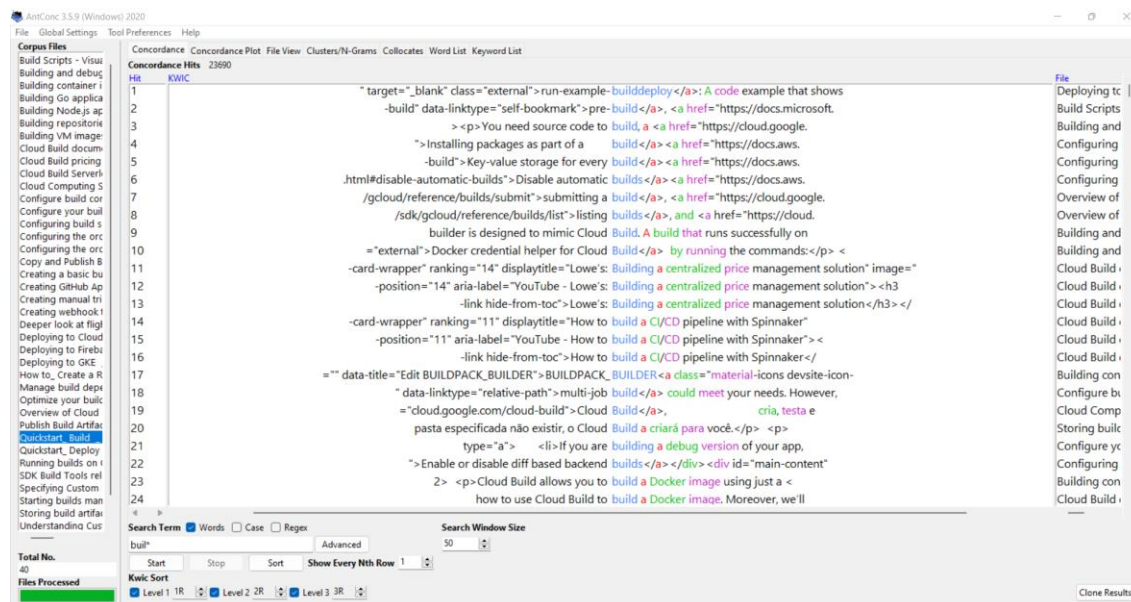


Figura 4 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional *build*^{Verbo} no corpus do original em inglês com a ferramenta *Concordance*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Em uma etapa posterior, selecionamos a ferramenta *File View* para buscarmos os três excertos em que *build*^{Verbo} aparece, conforme proposto no início do capítulo.

Vale ressaltar que, para esse padrão construcional, tomamos o cuidado de não considerar *build* quando ele aparece como *build*^{Nome} e *build*^{Adjetivo} e nem como parte de endereços eletrônicos – links – pois desviaríamos do objetivo desta pesquisa.

Após as escolhas, salvamos os excertos para análise de *build*^{Verbo} em um documento de texto, sendo apresentados aqui em quadros, após serem compilados manualmente pela ferramenta *File View*, representados aqui como nas Figuras 5 e 6, a seguir:

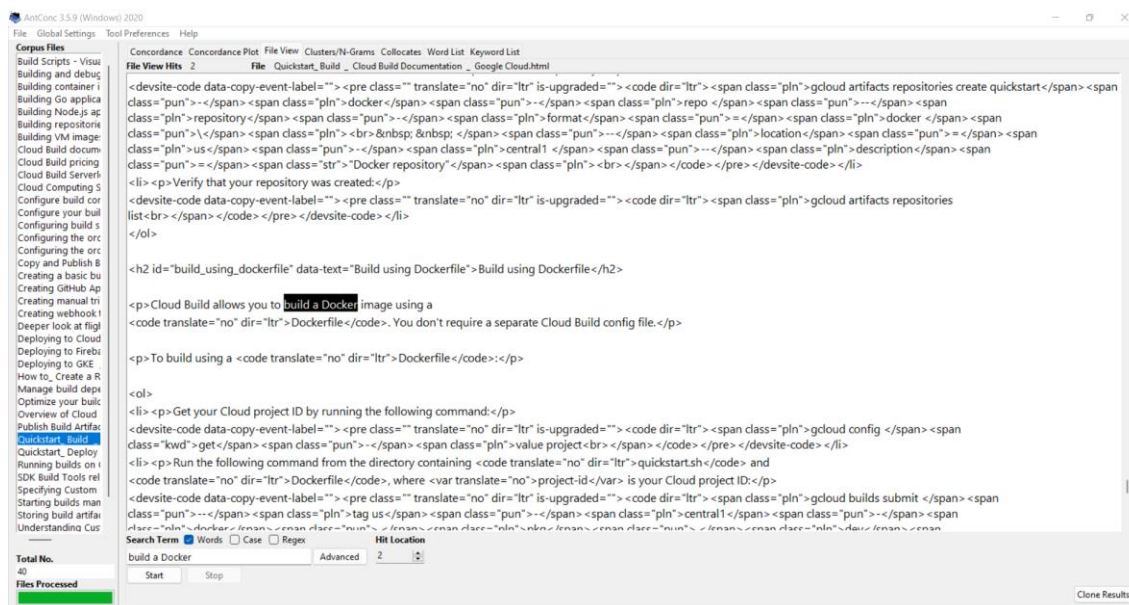


Figura 5 – Representação da primeira ocorrência do padrão construcional **build**^{Verbo} no corpus do original em inglês com a ferramenta File View
Fonte: elaborada pela autora (2022)

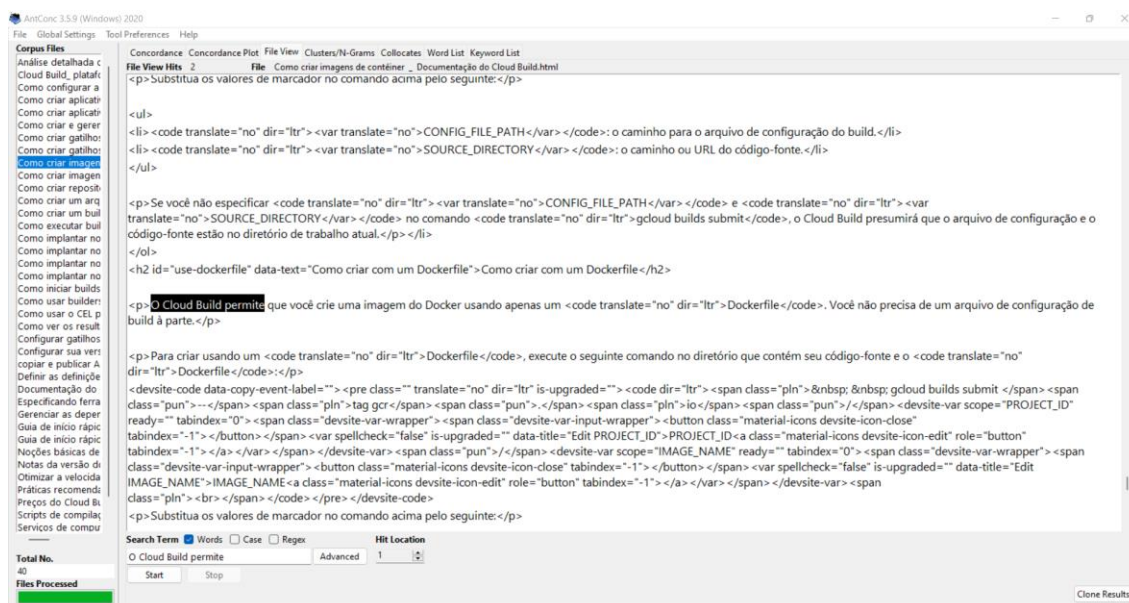


Figura 6 – Representação da primeira ocorrência do padrão **build**^{Verbo} no corpus da tradução em português com a ferramenta File View
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No quadro abaixo, apresentamos a primeira ocorrência do padrão construcional **build**^{Verbo} – selecionada manualmente tanto no corpus do original em inglês, quanto no corpus da tradução em português, respectivamente:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Cloud Build allows you to build a Docker image using just a Dockerfile. You don't require a separate build config file.	O <i>Cloud Build</i> permite que você crie uma imagem do <i>Docker</i> usando apenas um <i>Dockerfile</i> . Você não precisa de um arquivo de configuração de <i>build</i> à parte.

Quadro 3 – Excerto 1 para o padrão construcional *build*^{Verbo} com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Neste excerto, ao traduzir *build*^{Verbo} – diferentemente das definições que o *Dicionário de Informática e Internet (inglês/português)* compilado por Sawaya (1999) e o *Cambridge English-Portuguese Dictionary* ©¹⁸ trazem para *build* –, o tradutor usou o verbo “criar” da língua portuguesa, seguindo o padrão construcional *build*^{Verbo} em traduções técnicas de TI para a *Microsoft*, o *Google* e a *AWS*.

Assim, o tradutor segue o padrão construcional *build*^{Verbo} para o *corpus* da tradução como “criar”, inserido em um grau de generalização, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir.

Segundo Goldberg (1995), este é um caso de construção transitiva prototípica, cujo padrão formal é SN1 V SN2. Ele é utilizado como modelo na formação de microconstruções pseudotransitivas – ou seja, naquelas em que a ação realizada pelo sujeito não afeta o objeto, como ocorre com os verbos de movimento: “O *Cloud Build* permite que você **crie** uma imagem do *Docker* [...]”.

Para o levantamento das ocorrências, mapeamos todos os casos do padrão construcional *build*^{Verbo} começados com o radical *cri-* descartando os padrões *build*^{Nome} e *build*^{Adjetivo}, no *corpus* da tradução. Como discutido na seção anterior, aspectos relacionados às propriedades de esquematicidade e de produtividade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), inter-relacionam-se no que diz respeito ao grau de generalização ou abstração de uma construção, com estruturas complexas com diferentes possibilidades de preenchimento, denominadas *slots* – já referenciado

¹⁸ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/build> – Acesso em: 28 de mai. de 2022

no Capítulo III deste estudo. Segundo os autores, essas propriedades se definem pela gradiência, implicando a existência de construções mais ou menos esquemáticas, produtivas e composicionais. Neste caso, após o mapeamento, observamos que para o padrão construcional *build*^{Verbo}, relacionado ao *corpus* da tradução como “criar”, a produtividade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), foi muito maior do que para o *corpus* da tradução como “compilar”. Neste excerto, observamos que a generalização dos aspectos relacionados às propriedades de esquematicidade e de produtividade foi maior do que a abstração, como demonstrado quantitativamente na tabela a seguir:

Build ^{Verbo}	Número de ocorrências	
	n. °	%
Criar -> cri*	3.684	99,03%
Compilar -> compil*	36	0,97%
Total	3.720	100%

Tabela 2: Representação da frequência do padrão construcional *build*^{Verbo}, relacionada ao destaque do excerto 1 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No segundo excerto para o padrão construcional *build*^{Verbo} buscado pela ferramenta *File View*, observamos que o tradutor escolheu o verbo “compilar” para traduzir esse padrão:

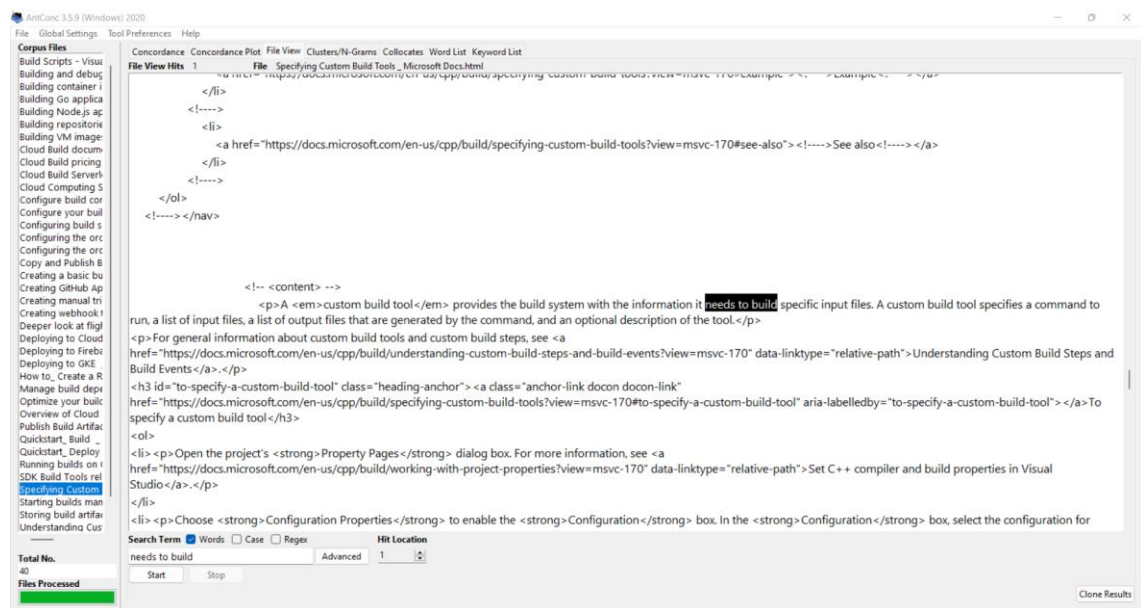


Figura 7 – Representação da segunda ocorrência do padrão construcional **build^{Verbo}** no corpus do original em inglês com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

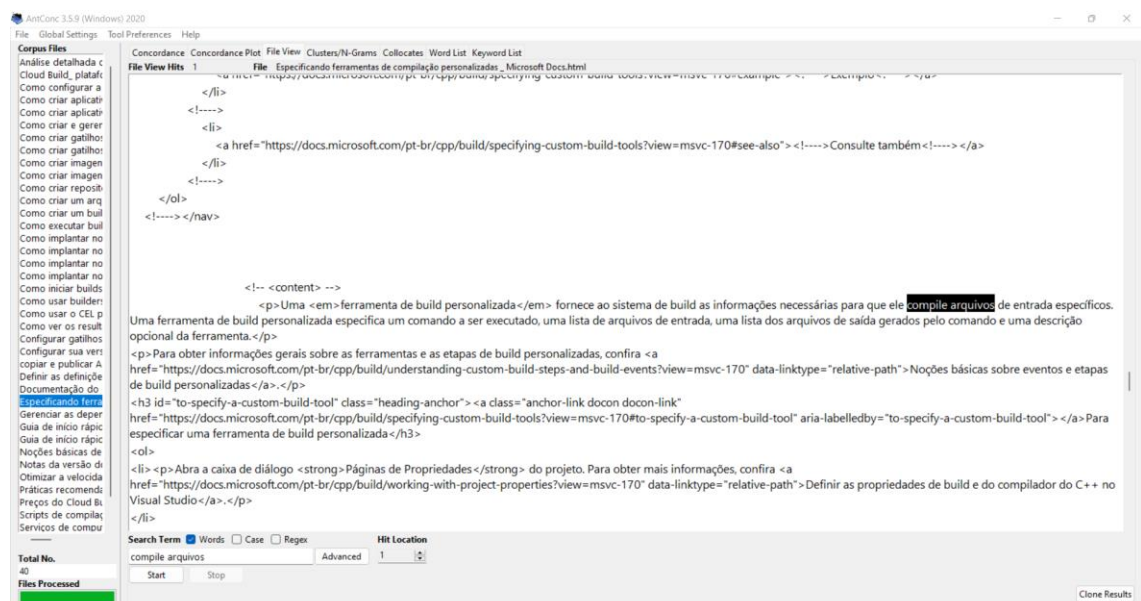


Figura 8 – Representação da segunda ocorrência do padrão **build^{Verbo}** no corpus da tradução em português com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No quadro abaixo, apresentamos a segunda ocorrência do padrão construcional **build^{Verbo}**, compilada também pela ferramenta *File View*, representada acima pelas Figuras 7 e 8:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
A custom build tool provides the build system with the information it needs to build specific input files.	Uma ferramenta de <i>build</i> personalizada fornece ao sistema de <i>build</i> as informações necessárias para que ele compile arquivos de entrada específicos.

Quadro 4 – Excerto 2 para o padrão construcional *build*^{Verbo} com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Neste excerto, como no anterior, ao traduzir *build*^{Verbo}, o tradutor usou o verbo “compilar” da língua portuguesa, seguindo o padrão construcional *build*^{Verbo} inserido em um grau de generalização inferior ao de “criar”, porém, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir. Este também é um caso de construção transitiva prototípica, segundo Goldberg (1995): “[...] para que ele **compile** arquivos de entrada específicos”.

Como no excerto anterior, para este excerto fizemos o levantamento das ocorrências, mapeando todos os casos do padrão construcional *build*^{Verbo} começados com o radical *compil*-, descartando também os padrões *build*^{Nome} e *build*^{Adjetivo}, no *corpus* da tradução. Neste caso, após o mapeamento, observamos que para o padrão construcional *build*^{Verbo} relacionado ao *corpus* da tradução como “compilar”, a produtividade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), foi muito menor do que para o *corpus* da tradução como “criar”. Aqui, ao contrário do excerto anterior, a abstração dos aspectos relacionados às propriedades de esquematicidade e de produtividade, que se inter-relacionam nos termos dos autores, foi maior do que a generalização, como demonstrado quantitativamente na tabela a seguir:

Build ^{Verbo}	Número de ocorrências	
	n. °	%
Criar -> cri*	3.684	99,03%
Compilar -> compil*	36	0,97%
Total	3.720	100%

Tabela 3: Representação da frequência do padrão construcional *build*^{Verbo}, relacionada ao destaque do excerto 2 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Continuando a nossa análise, segue abaixo o exemplo compilado pela ferramenta *File View* para o excerto n.º 3, para o padrão construcional *build*^{Verbo}:

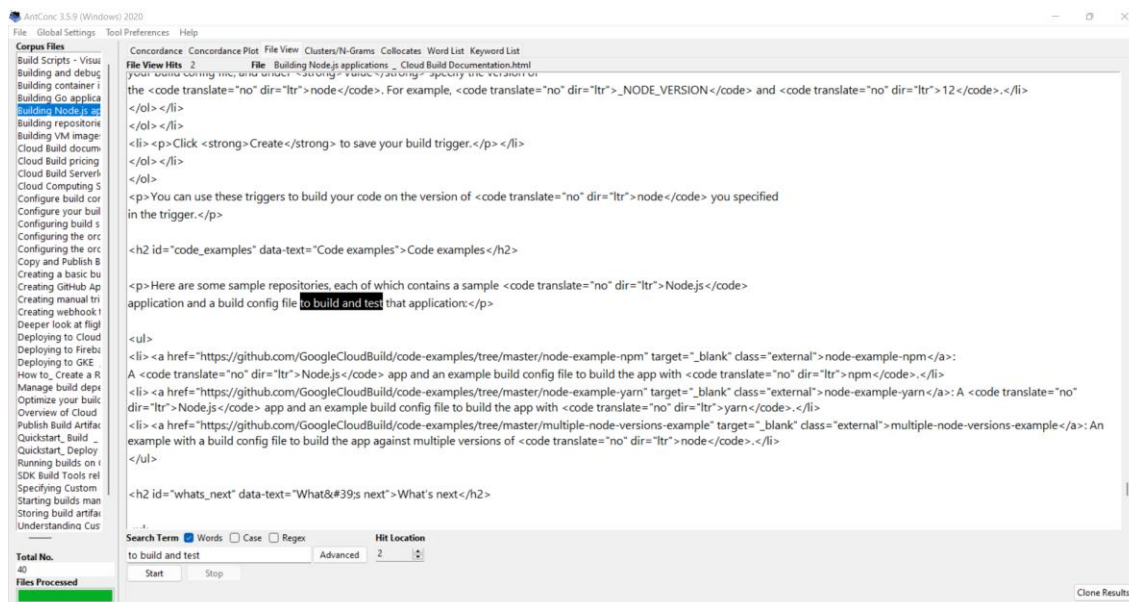


Figura 9 – Representação da terceira ocorrência do padrão construcional *build*^{Verbo} no corpus do original em inglês com a ferramenta *File View*. Fonte: elaborada pela autora (2022)

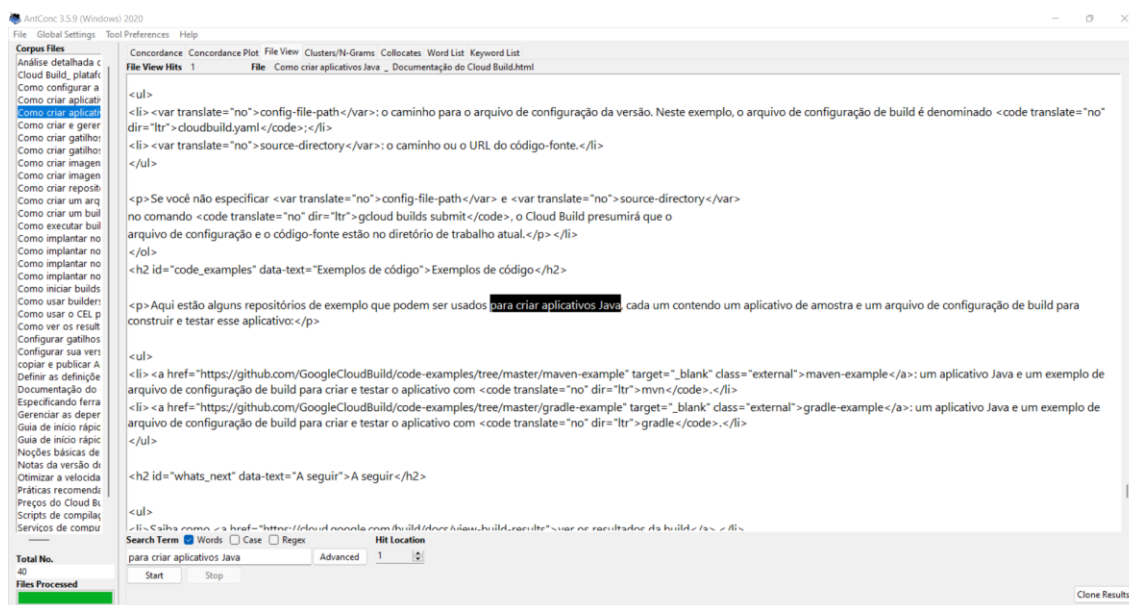


Figura 10 – Representação da segunda ocorrência do padrão *build*^{Verbo} no corpus da tradução em português com a ferramenta *File View*. Fonte: elaborada pela autora (2022)

No quadro abaixo, apresentamos a terceira ocorrência do padrão construcional *build*^{Verbo}. Neste excerto, destacamos duas ocorrências para esse padrão:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Here are some example repositories you can use to build Java apps, each of which contain a sample application and a build config file to build and test that application:	Aqui estão alguns repositórios de exemplo que podem ser usados para criar aplicativos Java, cada um contendo um aplicativo de amostra e um arquivo de configuração de <i>build</i> para construir e testar esse aplicativo:

Quadro 5 – Excerto 3 para o padrão construcional *build*^{Verbo} com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No excerto acima, ao traduzir *build*^{Verbo}, o tradutor também optou pelo verbo “criar” da língua portuguesa – no primeiro destaque – seguindo também o padrão construcional *build*^{Verbo} em traduções técnicas de TI, inserido em um grau de generalização superior ao de “compilar”, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir. Como nos excertos anteriores, este também é um caso de construção transitiva prototípica, de acordo com Goldberg (1995): “Aqui estão alguns repositórios de exemplo que podem ser usados para **criar** aplicativos Java [...]”.

Porém, no próximo destaque, o tradutor sai totalmente do grau de generalização reconhecido no esquema, usando a definição dos dicionários destacados para esta pesquisa, quando traduz esse padrão construcional literalmente como “construir”.

Como no excerto anterior, aqui também fizemos o levantamento das ocorrências, mapeando todos os casos do padrão construcional *build*^{Verbo} começados com os radicais *cri-* e *constr-*, descartando também os padrões *build*^{Nome} e *build*^{Adjetivo}, no *corpus* da tradução. Neste caso, após o mapeamento, observamos que para o padrão construcional *build*^{Verbo}, no primeiro destaque relacionado ao *corpus* da tradução como “criar”, a produtividade nos termos de Traugott e Trousdale (2013), foi muito maior do que para o *corpus* da tradução como “compilar”. Aqui, ao contrário do excerto anterior, a generalização dos aspectos relacionados às propriedades de esquematicidade e de produtividade foi maior do que a abstração. Já, para o destaque seguinte deste excerto, a abstração dos aspectos relacionados às propriedades de esquematicidade e de produtividade foi maior do que a generalização. Isso ocorreu porque o tradutor se afastou totalmente da esquematicidade nos termos de Traugott

e Trousdale (2013), ao escolher “construir” para a tradução do padrão construcional *build*^{Verbo}, como demonstrado quantitativamente na tabela a seguir:

Build ^{Verbo}	Número de ocorrências	
	n. °	%
Criar -> cri*	3.684	98,95%
Compilar -> compil*	36	0,97%
Construir -> constr*	3	0,08%
Total	3.723	100%

Tabela 4: Representação da frequência do padrão construcional *build*^{Verbo}, relacionada ao destaque do excerto 3 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Ressaltamos aqui que o escopo da nossa pesquisa é o de compilar e encontrar um padrão tradutório para as construções com *build*, com o objetivo de minimizar as inconsistências em sua tradução, a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso.

Sabemos que a produtividade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) está relacionada à noção de frequência, a qual, nos termos de Bybee (2003, 2011), compreende a frequência *token* – extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes – e a frequência *type* – em que as construções, ao longo do tempo, podem ser empregadas em diferentes colocações. Além disso, apontamos também a propriedade da esquematicidade, segundo esses autores, que está relacionada diretamente à produtividade, à noção de rede construcional e à extensão em que padrões mais gerais são recrutados por meio de uma série de construções mais específicas.

Desse modo, quando o tradutor se afastou totalmente da esquematicidade nos termos de Traugott e Trousdale (2013) – aqui diretamente relacionada quantitativamente à produtividade, em termos de abstração ao escolher “construir” para a tradução do padrão construcional *build*^{Verbo} –, observamos a inconsistência na tradução.

Vale ressaltar que um dos objetivos propostos para esta pesquisa é o de sugerir traduções para os casos em que houver essas inconsistências. Assim, no quadro abaixo, sugerimos uma tradução para o segundo destaque do terceiro excerto,

optando por “criar” – em que seguimos o padrão construcional *build*^{Verbo} em traduções técnicas de TI, inserido em um grau de generalização superior ao de “construir” –, cuja abstração se fez presente quando o tradutor se afastou totalmente da esquematicidade nos termos de Traugott e Trousdale (2013), ao escolher essa tradução.

Assim, segue, no quadro abaixo, a nossa sugestão tradutória, substituindo “construir” por “criar”, resgatando a propriedade da produtividade nos termos dos autores citados acima, com um grau superior de generalização:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Here are some example repositories you can use to build Java apps, each of which contain a sample application and a build config file to build and test that application:	Aqui estão alguns repositórios de exemplo usados para criar aplicativos Java, cada qual contendo um aplicativo de amostra e um arquivo de configuração de <i>builds</i> para criar e testar esse aplicativo:

Quadro 6 – Sugestão tradutória para o segundo destaque do excerto n.º 3 para o padrão construcional *build*^{Verbo} com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Conforme apresentado no início deste capítulo, o padrão construcional *build* pode ter um significado ligeiramente diferente, dependendo também do contexto em que ele se apresenta. Assim, com base no *corpus* selecionado, mapeamos suas ocorrências, com o intuito de averiguar se a tradução realizada está de acordo.

No que se refere ao sentido de “criar” – para *build*^{Verbo}, conforme referenciamos no início desta seção –, escolhido como a nossa sugestão tradutória para o segundo destaque deste excerto em vez de “compilar”, inferimos sua pertinência, porque além do sentido correto no que tange à criação de materiais de origem editável – como códigos-fonte, *scripts*, arquivos de dados brutos etc. –, *build*, nesse sentido, refere-se também à criação de aplicativos e produtos de *software*, relativo ao contexto do referido escopo: “[...] cada qual contendo um aplicativo de amostra e um arquivo de configuração de *builds* para **criar** e testar esse aplicativo”. Além disso, nossa escolha tradutória está inserida em um grau de generalização superior ao de “compilar”,

reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como demonstrado na *Tabela 4* deste capítulo.

5.3. Padrão construcional *build*^{Adjetivo} em tradução

Categorizando o padrão construcional *build*^{Adjetivo} em traduções técnicas de TI para a *Microsoft*, o *Google* e a *AWS*, destacamos para nossa análise as seguintes traduções para essa categoria: “de *build(s)*”, “de criação(ões)” e de “compilação(ões)”. Vale ressaltar que, também para este padrão construcional, os tradutores, geralmente, confundem esses conceitos, gerando erros e inconsistências na tradução. Fora do nosso escopo, no que se refere aos excertos escolhidos para a análise deste padrão construcional, estão as formas *building* e *built* – consideradas adjetivos participiais, tanto na língua inglesa quanto em suas respectivas traduções na língua portuguesa.

Da mesma forma que usamos no padrão construcional *build*^{Verbo}, utilizamos também para a análise de *build*^{Adjetivo} a ferramenta *Concordance*, por meio da qual analisamos o padrão pesquisado e suas linhas de concordância. Aqui também foi necessário operarmos com mais de um arquivo, para conseguirmos equacionar o perfil qualitativo das ocorrências da construção destacada.

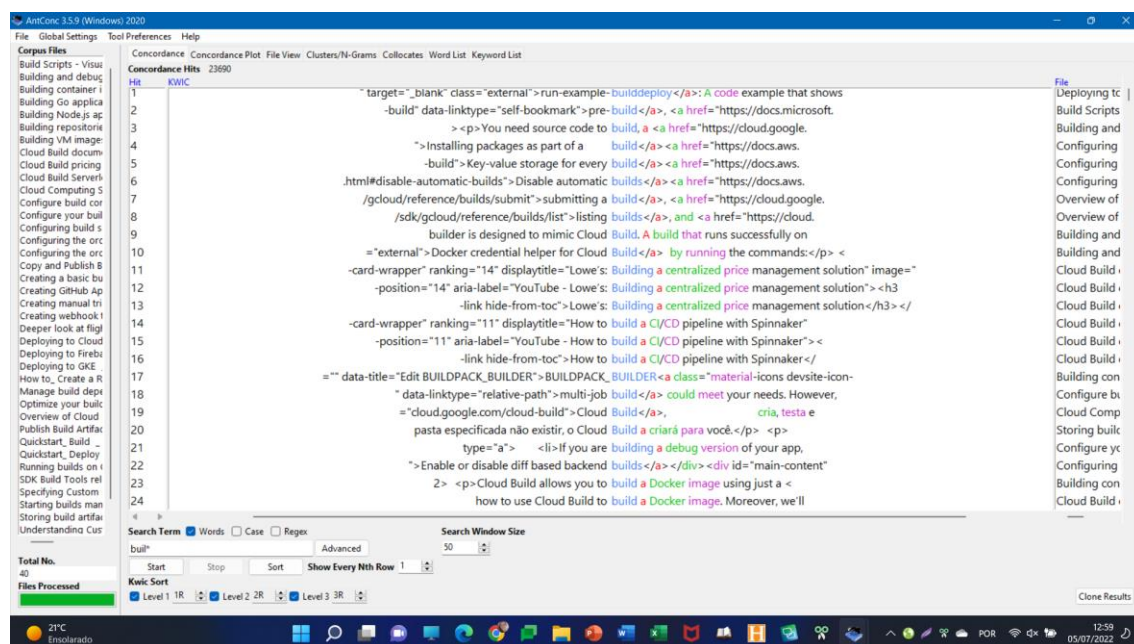


Figura 11 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional *build*^{Adjetivo} no corpus do original em inglês com a ferramenta *Concordance*

Fonte: elaborada pela autora (2022)

Em uma etapa posterior, selecionamos a ferramenta *File View* para buscarmos os três excertos em que *build*^{Adjetivo} aparece, conforme proposto no início do capítulo.

Para esse padrão construcional, tomamos o cuidado de não considerar *build* quando ele aparece como *build*^{Nome} e *build*^{Verbo} e nem como parte de endereços eletrônicos – links – pois desviaríamos do objetivo desta pesquisa. Além disso, não consideramos também, no cômputo total do *corpus* da tradução em português para o padrão construcional *build*^{Adjetivo}, as formas *built* e *building* consideradas adjetivos participiais. Para esse padrão construcional, os nomes de produtos e *links* também não foram computados.

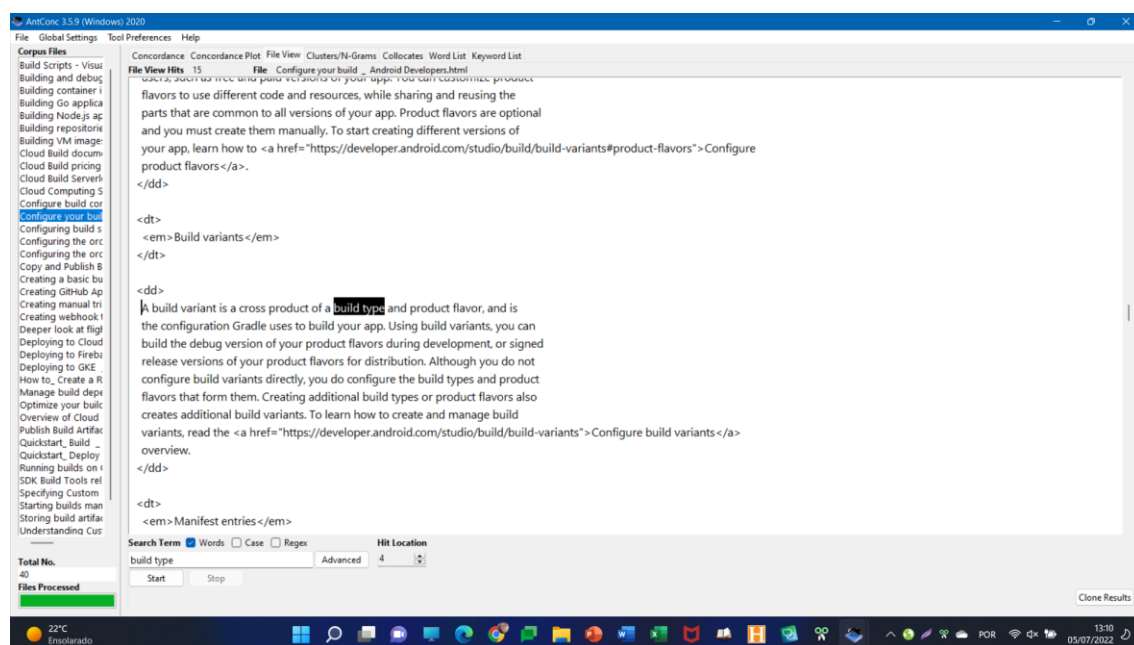


Figura 12 – Representação da primeira ocorrência do padrão construcional *build*^{Adjetivo} no *corpus* do original em inglês com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

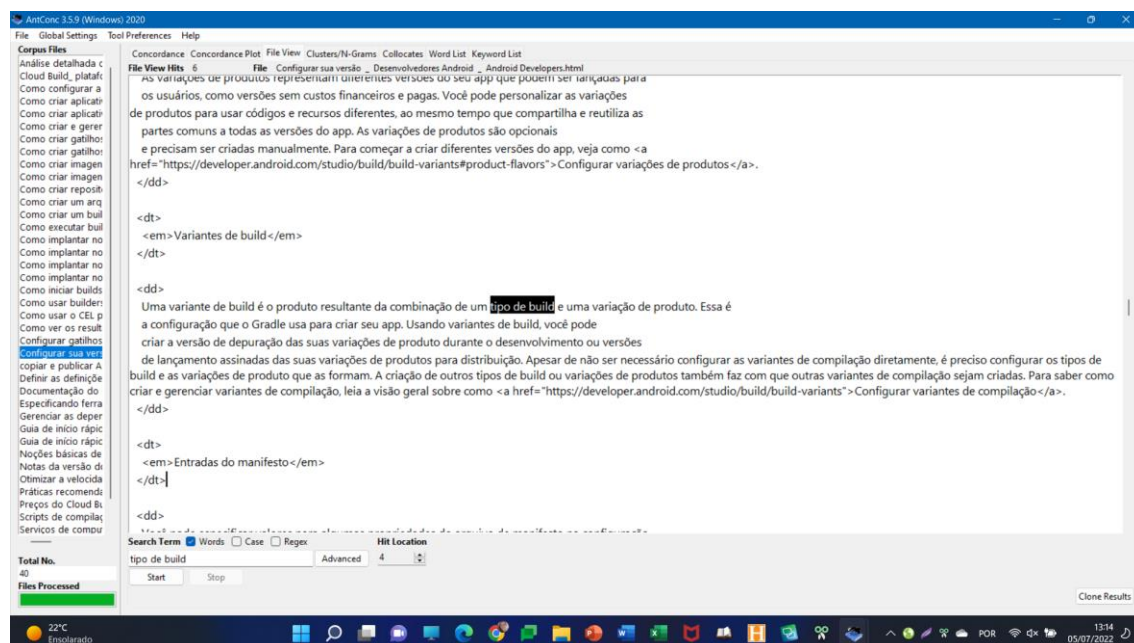


Figura 13 – Representação da primeira ocorrência do padrão *build*^{Adjetivo} no corpus da tradução em português com a ferramenta File View
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Após as escolhas, salvamos os excertos para análise de *build*^{Adjetivo} em um documento de texto, apresentando-os aqui em quadros.

Desse modo, segue no quadro abaixo a primeira ocorrência do padrão construcional *build*^{Adjetivo}:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
A build variant is a cross product of a build type and product flavor, and is the configuration Gradle uses to build your app. Using build variants, you can build the debug version of your product flavors during development, or signed release versions of your product flavors for distribution.	Uma variante de <i>build</i> é o produto resultante da combinação de um tipo de build e uma variação de produto. Essa é a configuração que o Gradle usa para criar seu app. Usando variantes de <i>build</i> , você pode criar a versão de depuração das suas variações de produto durante o desenvolvimento ou versões de lançamento assinadas das suas variações de produtos para distribuição.

Quadro 7 – Excerto 1 para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No excerto acima, o tradutor segue o padrão construcional *build*^{Adjetivo} para o *corpus* da tradução, mantendo a permanência de *build* em inglês, inserido em um grau de generalização, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir.

Após a análise, observamos que a permanência de *build* em inglês para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} foi mais produtiva do que as traduções deste padrão, a seguir: i) “de compilação(ões)”; e ii) “de criação(ões)”, respectivamente, em ordem decrescente de produção, como demonstrado na tabela a seguir:

Build ^{Adjetivo}	Número de ocorrências	
	n. °	%
de <i>build</i> (s)	1.265	78,37%
de compilação(ões)	273	16,92%
de criação(ões)	76	4,71%
Total	1.614	100%

Tabela 5: Representação da frequência do padrão construcional *build*^{Adjetivo}, relacionada ao destaque do excerto 1 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Além disso, podemos afirmar que a maior produtividade da microconstrução *build*^{Adjetivo} em relação à microconstrução *build*^{Verbo}, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), deve-se, provavelmente, à trajetória de flutuação do esquema do paradigma verbal para a classe dos adjetivos, nesta ordem: i) *build* -> de *build*(s); ii) *compilar* -> de compilação(ões); e iii) *criar* -> de criação(ões), respectivamente na ordem decrescente, como demonstrado na *Tabela 5*, acima.

No segundo excerto para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} buscado pela ferramenta *File View*, observamos que o tradutor escolheu o adjetivo “de criação” para traduzir esse padrão:

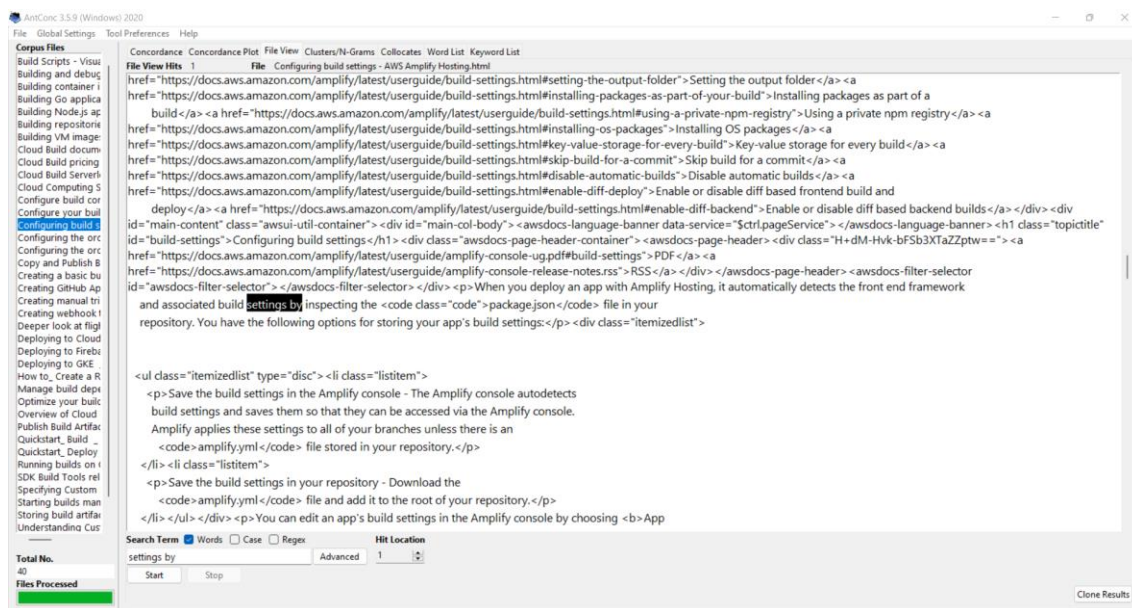


Figura 14 – Representação da segunda ocorrência do padrão construcional **build**^{Adjetivo} no *corpus* do original em inglês com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

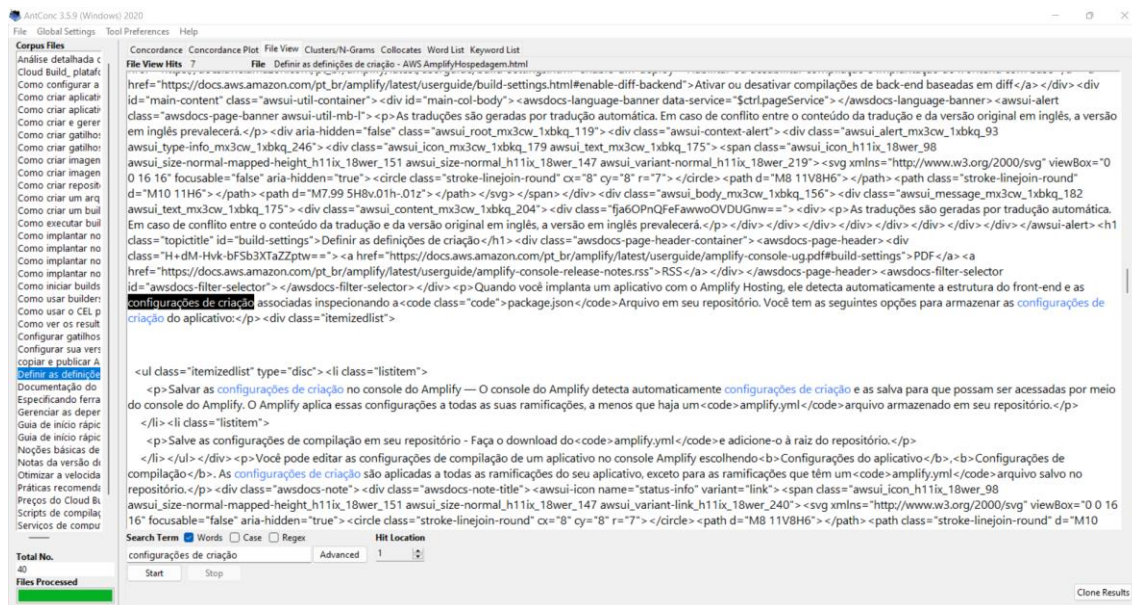


Figura 15 – Representação da segunda ocorrência do padrão **build**^{Adjetivo} no *corpus* da tradução em português com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No quadro abaixo, apresentamos a segunda ocorrência do padrão construcional **build**^{Adjetivo} – também selecionada manualmente tanto no *corpus* do original em inglês, quanto no *corpus* da tradução em português, respectivamente.

ORIGINAL	TRADUÇÃO
When you deploy an app with Amplify Hosting, it automatically detects the front end framework and associated build settings by inspecting the package.json file in your repository.	Quando você implanta um aplicativo com o <i>Amplify Hosting</i> , ele detecta automaticamente a estrutura do front-end e as configurações de criação associadas inspecionando o arquivo <i>package.json</i> em seu repositório.

Quadro 8 – Excerto 2 para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Após a análise deste segundo excerto, observamos que o tradutor segue o padrão construcional *build*^{Adjetivo}, usando para esse contexto a escolha “de criação” para o *corpus* da tradução, inserida em um grau maior de abstração nos termos de Traugott e Trousdale (2013), ainda que reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir, como demonstrado na tabela a seguir:

Build ^{Adjetivo}	Número de ocorrências	
	n. °	%
de <i>build</i> (s)	1.265	78,37%
de compilação(ões)	273	16,92%
de criação(ões)	76	4,71%
Total	1.614	100%

Tabela 6: Representação da frequência do padrão construcional *build*^{Adjetivo}, relacionada ao destaque do excerto 2 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Ressaltamos que, para a abordagem construcional, a ferramenta *Concordance* é extremamente importante, pois, assim como a ferramenta *Cluster/N-Grams*, a ferramenta *Concordance* fornece *tokens* – ocorrências empiricamente atestadas (BYBEE, 2016 [2010]) – considerados pelo software representativos de um determinado padrão construcional, dentro de um contexto de uso, além de validar questões de tradução, tornando possível a análise de Unidades de Construção – UCs. Assim, os padrões linguísticos que causam problemas na tradução poderão ser analisados a partir da perspectiva da Gramática de Construções e da Linguística de

Corpus, trazendo consistência às escolhas tradutórias, envolvendo funções específicas.

Como explicamos no início do Capítulo V, sabemos que a esquematicidade está diretamente relacionada à produtividade das construções, pois, quanto mais ou menos esquemáticas são as construções, mais ou menos produtivo pode ser um esquema. Desse modo, os *Concordance Hits* tornam-se um importante índice de produtividade dessas construções, pois, quantitativamente, evidenciam a confirmação de diferentes tipos construcionais.

Assim, sua alta frequência mostra, consequentemente, uma alta produtividade, implicando o uso do esquema para a formação de um número cada vez maior de itens lexicais. Proporcionalmente, sua baixa frequência mostra, consequentemente, uma baixa produtividade, implicando o uso do esquema para a formação de menos itens lexicais, como é o caso da escolha tradutória “de criação” destacada no segundo excerto, ainda que o tradutor tenha reconhecido o esquema – não fugindo ao contexto – e o utilizado para produzir, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Continuando a nossa análise, segue abaixo o exemplo compilado pela ferramenta *File View* para o terceiro excerto, para o padrão construcional *build*^{Adjetivo}:

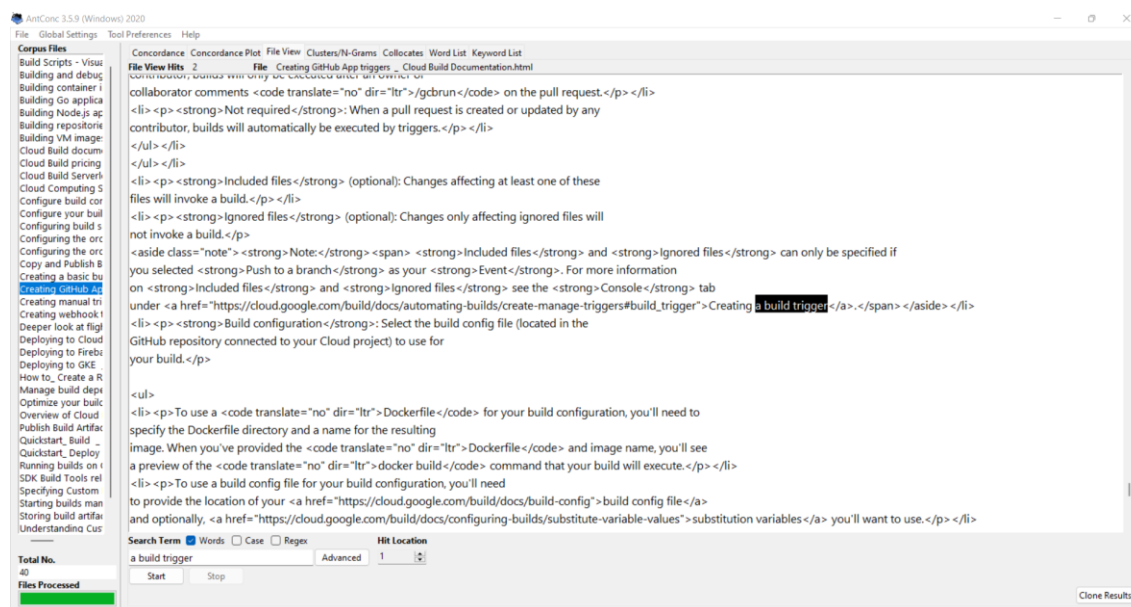


Figura 16 – Representação da terceira ocorrência do padrão construcional *build*^{Adjetivo} no corpus do original em inglês com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

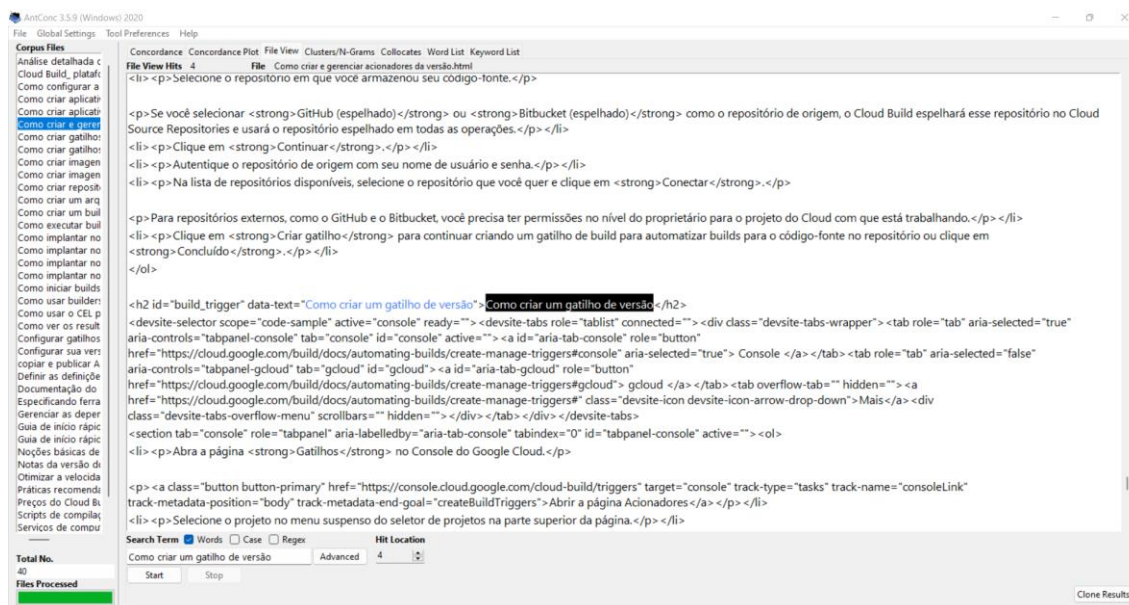


Figura 17 – Representação da terceira ocorrência do padrão **buildAdjetivo** no corpus da tradução em português com a ferramenta File View
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No quadro abaixo, apresentamos a terceira ocorrência do padrão construcional **buildAdjetivo** – também selecionada manualmente:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Creating a build trigger You can configure the trigger to build your code on any changes to the source repository or only changes that match certain criteria.	Como criar um gatilho de versão É possível configurar o gatilho para compilar o código em qualquer alteração no repositório de origem ou somente alterações que correspondam a determinados critérios.

Quadro 9 – Excerto 3 para o padrão construcional **buildAdjetivo** com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No excerto acima, ao traduzir o padrão construcional **buildAdjetivo**, o tradutor sai totalmente do grau de generalização reconhecido no esquema, usando a definição dos dicionários destacados nessa pesquisa, quando traduz esse padrão construcional literalmente como “versão”.

Como no excerto anterior, aqui também fizemos o levantamento das ocorrências, mapeando todos os casos do padrão construcional **buildAdjetivo**,

destacando para nossa análise as seguintes traduções para essa categoria: i) “de build(s)”; ii) “de criação(ões)”; iii) “de compilação(ões)”; e iv) “de versão(ões)”, como demonstrado na tabela abaixo:

Build^{Adjetivo}	Número de ocorrências	
	n.º	%
de <i>build(s)</i>	1.265	71,07%
de compilação(ões)	273	15,34%
de criação(ões)	76	4,27%
de versão(ões) -> obs.: considerada tradução fora do escopo em TI	166	9,32%
Total	1.780	100%

Tabela 7: Representação da frequência do padrão construcional **build^{Adjetivo}**, relacionada ao destaque do excerto 3 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Neste caso, após o mapeamento, observamos que para este padrão construcional, ao escolher “gatilho de versão” para a tradução, o tradutor se afastou totalmente da esquematicidade nos termos de Traugott e Trousdale (2013) – aqui diretamente relacionada quantitativamente à produtividade em termos de abstração – , causando a inconsistência na tradução.

Assim, no quadro abaixo, sugerimos uma tradução para o terceiro excerto, optando por “gatilho de compilação” – inserido em um grau de generalização superior ao de “gatilho de versão” –, resgatando a propriedade da produtividade nos termos dos autores citados acima, com um grau superior de generalização:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Creating a build trigger You can configure the trigger to build your code on any changes to the source repository or only changes that match certain criteria.	Como criar um gatilho de compilação É possível configurar o gatilho para compilar o código em qualquer alteração no repositório de origem ou somente alterações que correspondam a determinados critérios.

Quadro 10 – Sugestão tradutória para o destaque do excerto 3 para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No que se refere ao sentido de “gatilho de compilação” em vez de “gatilho de versão – para *build*^{Adjetivo}, conforme referenciamos no início desta seção –, escolhido como nossa sugestão tradutória para o destaque do terceiro excerto, inferimos sua pertinência para este contexto.

É relevante mencionar aqui que, em TI, os desenvolvedores de *softwares* usam “gatilhos de compilação” para compilar códigos em repositórios, a partir de um servidor se a instância estiver hospedada em um ambiente local. Além disso, nossa escolha tradutória está inserida em um grau de generalização superior ao de “gatilho de versão”, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

5.4. Padrão construcional *build*^{Nome} em tradução

Categorizando o padrão construcional *build*^{Nome} em traduções técnicas de TI para a *Microsoft*, o *Google* e a *AWS*, encontramos as seguintes traduções para essa categoria: i) *build*(s); ii) “compilação(ões)”; e iii) “criação(ões)”.

No que se refere ao sentido de “criação(ões)” – para *build*^{Nome} –, inferimos que é um termo bastante geral e que pode se referir à criação de qualquer coisa que seja necessária, de materiais de origem editável – como código-fonte, *scripts*, arquivos de dados brutos etc. – a produtos de *software*. Essa criação geralmente envolve várias

etapas – como pré-processamento, compilação, vinculação, conversão de arquivos de dados, execução de testes automatizados, empacotamento etc..

Já no que tange ao sentido de “compilação” – para *build*^{Nome} –, é mais específico e quase invariavelmente se refere a um processo que recebe um código-fonte como entrada, gerando algo executável.

Além disso, observamos também, após a nossa análise, a permanência de *build(s)* em inglês, cujas ocorrências foram significativamente maiores do que para “compilação(ões)” e “criação(ões)”, respectivamente em ordem decrescente, no *corpus* da tradução em português brasileiro. Para este padrão construcional, tomamos o cuidado de não considerar *build* quando ele aparece como *build*^{Adjetivo} e *build*^{Verbo} e nem como parte de endereços eletrônicos – *links* –, pois desviaríamos do objetivo desta pesquisa, como demonstrado na tabela a seguir:

<i>Build</i>^{Nome}	Número de ocorrências	
	n. °	%
<i>build(s)</i>	14.800	95,47%
compilação(ões)	424	2,74%
criação(ões)	278	1,79%
Total	15.502	100%

Tabela 8: Representação da frequência do padrão construcional *build*^{Nome}, relacionada ao destaque do excerto 1 do *corpus* da tradução. Fonte: elaborada pela autora (2022)

Em um primeiro momento, utilizamos para a análise de *build*^{Nome} a ferramenta *Concordance*, o que nos proporcionou um levantamento entre a proeminência do termo pesquisado no *corpus* do original em inglês e no *corpus* da tradução em português, respectivamente. Como na análise dos outros padrões construcionais, para este padrão também operamos com mais de um arquivo, para conseguirmos equacionar melhor o perfil quantitativo e, conseqüentemente, o perfil qualitativo das ocorrências da construção destacada:

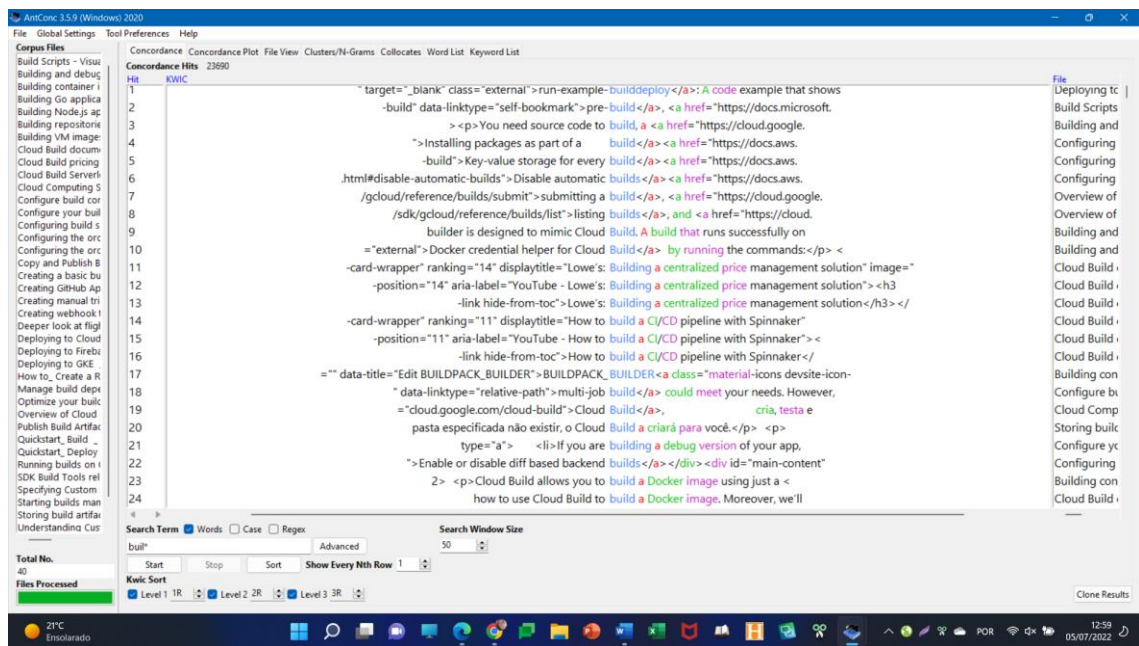


Figura 18 – Representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional **build^{Nome}** no corpus do original em inglês com a ferramenta Concordance
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Como fizemos anteriormente, em uma etapa posterior, selecionamos a ferramenta *File View* para buscarmos os três excertos em que **build^{Nome}** aparece, conforme proposto no início do capítulo.

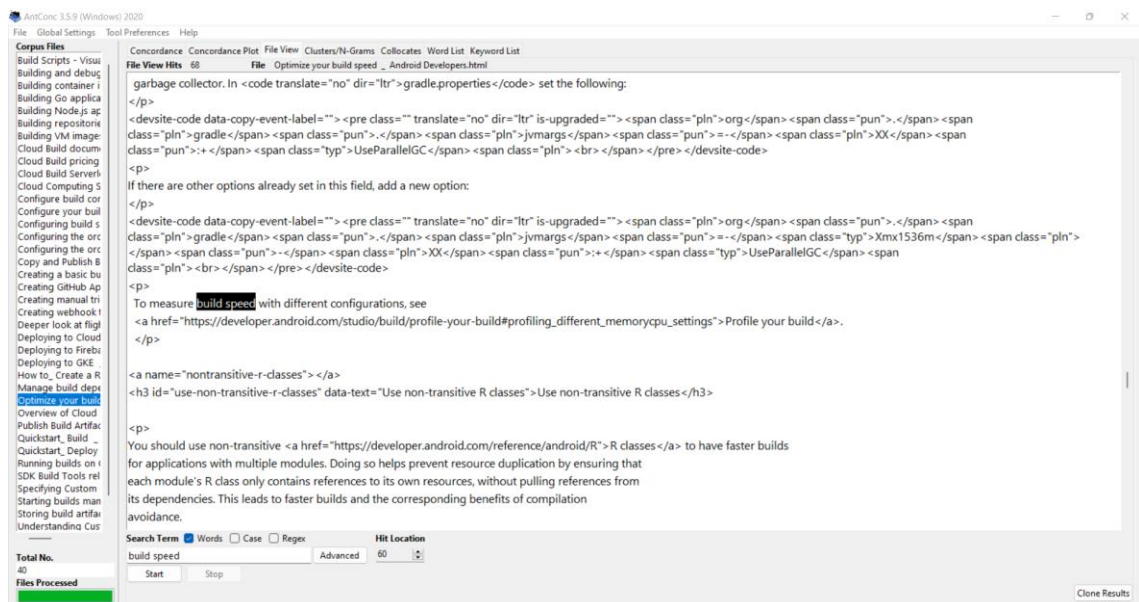


Figura 19 – Representação da primeira ocorrência do padrão construcional **build^{Nome}** no corpus do original em inglês com a ferramenta File View
Fonte: elaborada pela autora (2022)

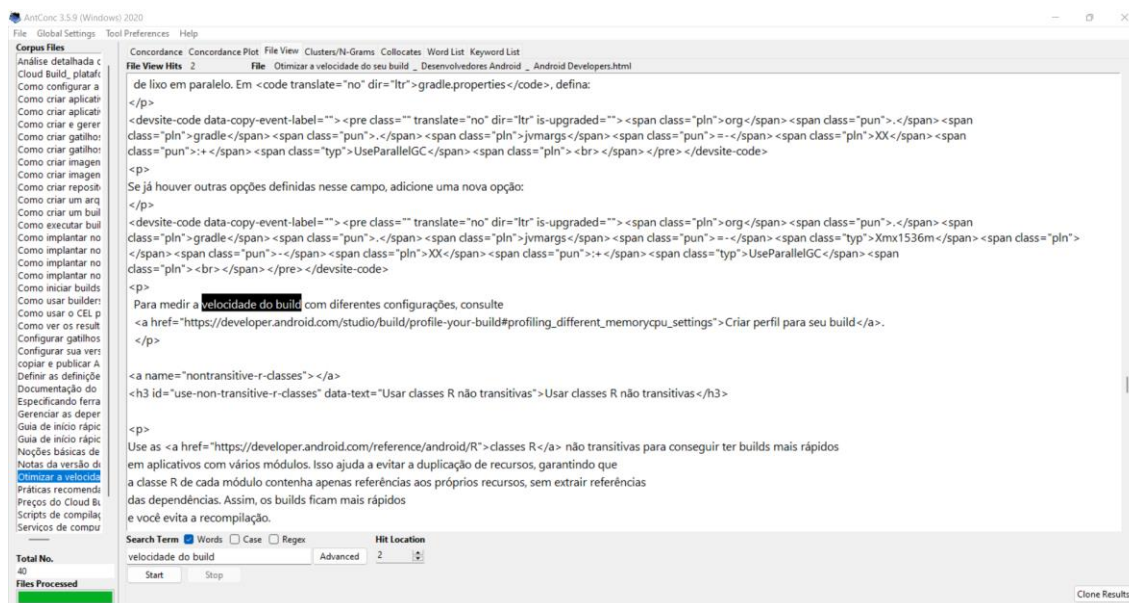


Figura 20 – Representação da primeira ocorrência do padrão *build^{Nome}* no *corpus* da tradução em português com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Desse modo, segue, no quadro abaixo, a primeira ocorrência do padrão construcional *build^{Nome}*:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
To measure build speed with different configurations, see:	Para medir a velocidade do build com diferentes configurações, consulte:

Quadro 11 – Excerto 1 para o padrão construcional *build^{Nome}* com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No excerto acima, o tradutor segue o padrão construcional *build^{Nome}* para o *corpus* da tradução, mantendo a permanência de *build* em inglês, inserido em um grau de generalização, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir.

Após a análise, observamos que a permanência de *build* em inglês para o padrão construcional *build^{Nome}* foi muito mais produtiva do que as traduções deste padrão, a seguir: i) *build(s)*; ii) “compilação(ões)”; e iii) “criação(ões)”, respectivamente, em ordem decrescente de produção, como demonstramos da Tabela 8 acima. Além disso, podemos afirmar que a maior produtividade da

microconstrução *build*^{Nome} em relação à microconstrução *build*^{Verbo}, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), deve-se, provavelmente, à trajetória de flutuação do esquema do paradigma verbal para a classe dos nomes, nesta ordem: i) *build(s)* -> *build(s)*; ii) compilar -> compilação(ões); e iii) criar -> criação(ões), respectivamente.

Seguindo com a nossa análise, no segundo excerto para o padrão construcional *build*^{Nome} buscado pela ferramenta *File View*, observamos que o tradutor escolheu o nome “compilação” para traduzir esse padrão:

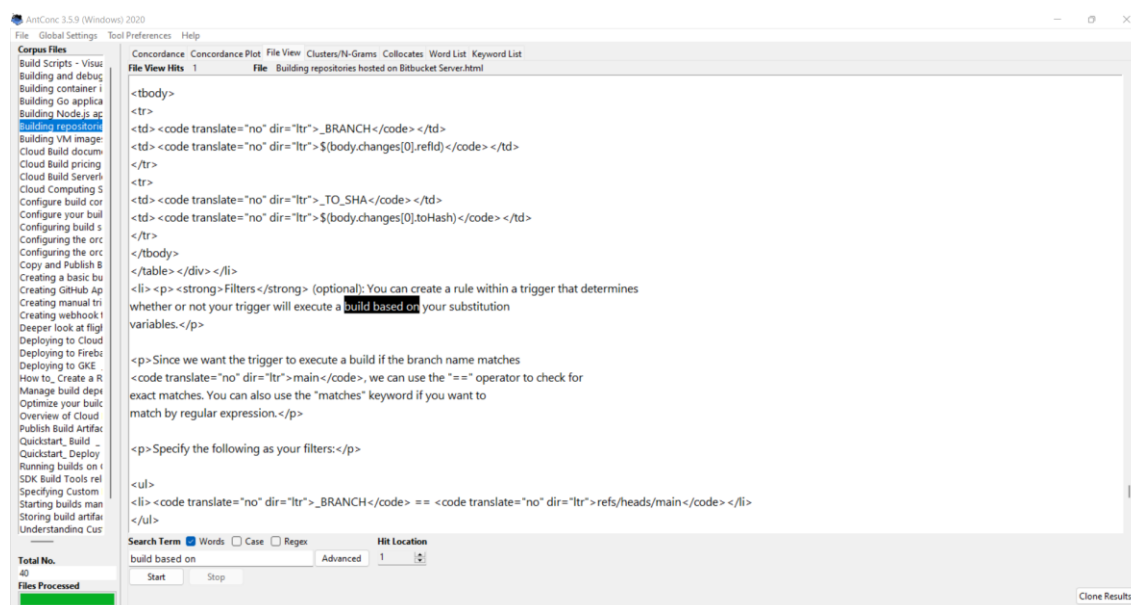


Figura 21 – Representação da segunda ocorrência do padrão construcional *build*^{Nome} no corpus do original em inglês com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

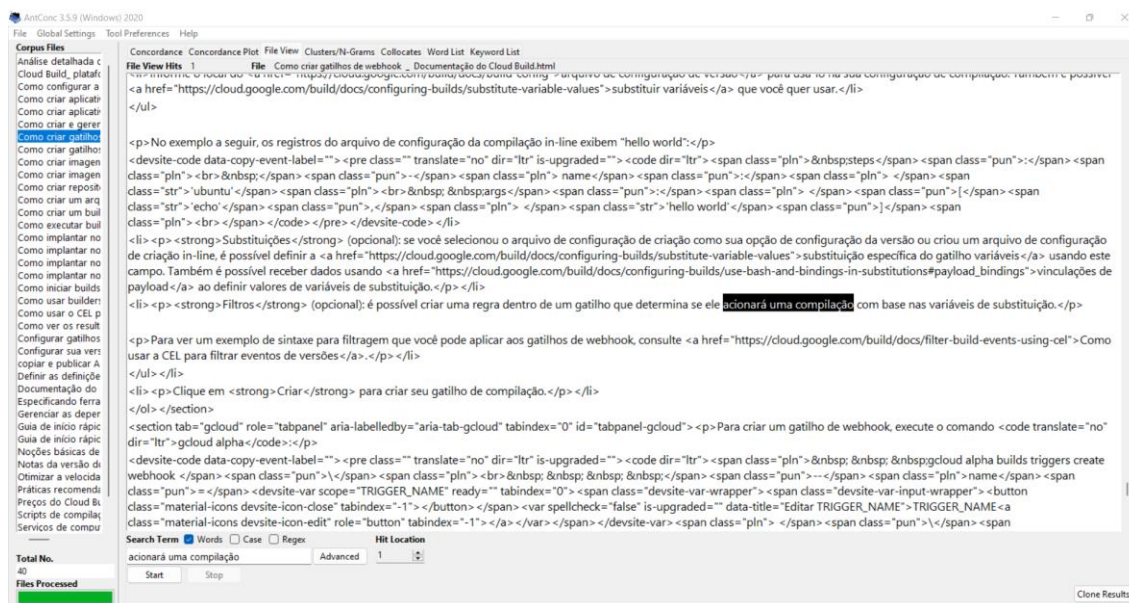


Figura 22 – Representação da segunda ocorrência do padrão *build^{Nome}* no *corpus* da tradução em português com a ferramenta *File View*
 Fonte: elaborada pela autora (2022)

No quadro abaixo, apresentamos a segunda ocorrência do padrão construcional *build^{Nome}* – também selecionada :

ORIGINAL	TRADUÇÃO
You can create a rule within a trigger that determines whether or not your trigger will execute a build based on your substitution variables.	É possível criar uma regra dentro de um gatilho que determina se ele acionará uma compilação com base nas variáveis de substituição.

Quadro 12 – Excerto 2 para o padrão construcional *build^{Nome}* com o original e a tradução
 Fonte: elaborada pela autora (2022)

Após a análise deste segundo excerto, observamos que o tradutor segue o padrão construcional *build^{Nome}*, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir, usando para esse contexto a escolha de “compilação” para o *corpus* da tradução, inserida em um grau maior de abstração do que para a tradução “*build*”. Porém, essa tradução também está inserida em um grau maior de generalização, por ser sua

produtividade quantitativamente maior do que para a tradução “criação”, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como demonstra a tabela abaixo:

<i>Build</i>^{Nome}	Número de ocorrências	
	n. °	%
<i>build(s)</i>	14.800	95,47%
compilação(ões)	424	2,74%
criação(ões)	278	1,79%
Total	15.502	100%

Tabela 9: Representação da frequência do padrão construcional ***build*^{Nome}**, relacionada ao destaque do excerto 2 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Continuando a nossa análise, segue abaixo o exemplo compilado pela ferramenta *File View* para o terceiro excerto, referente ao padrão construcional ***build*^{Nome}**:

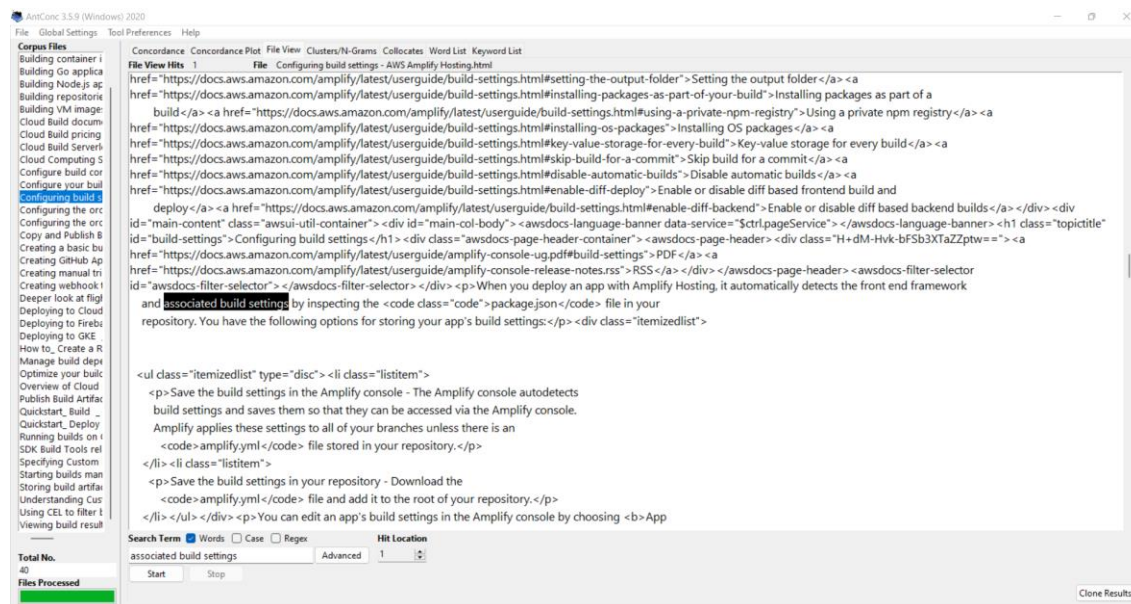


Figura 23 – Representação da terceira ocorrência do padrão construcional ***build*^{Nome}** no *corpus* do original em inglês com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

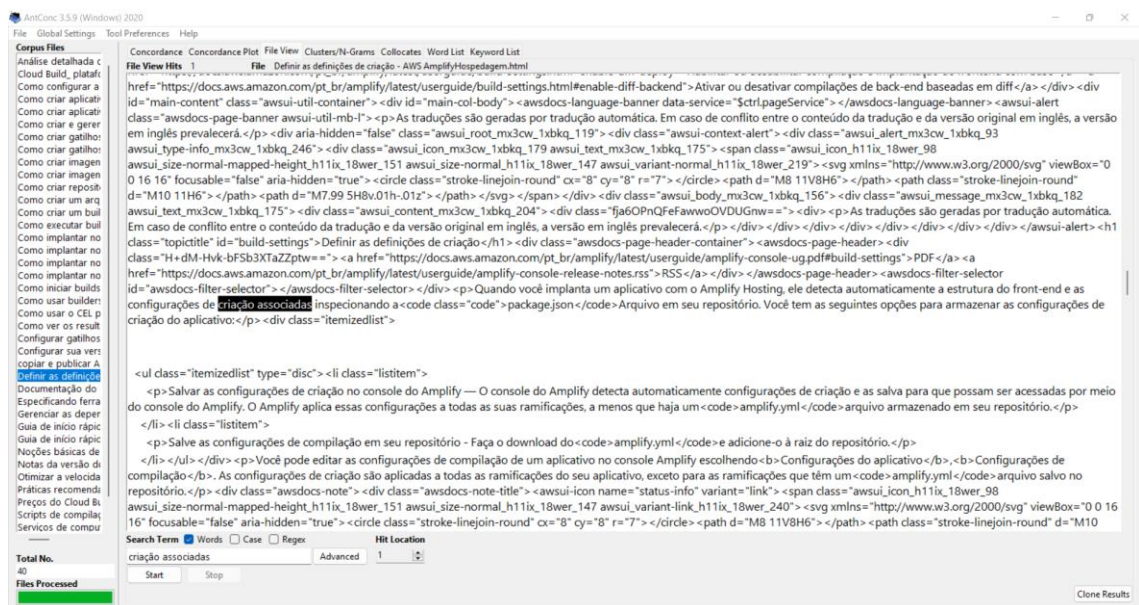


Figura 24 – Representação da terceira ocorrência do padrão **build^{Nome}** no *corpus* da tradução em português com a ferramenta *File View*
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No quadro abaixo, apresentamos a terceira ocorrência do padrão construcional **build^{Nome}** – também selecionada manualmente tanto no *corpus* do original em inglês, quanto no *corpus* da tradução em português, respectivamente:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
When you deploy an app with Amplify Hosting, it automatically detects the front end framework and associated build settings by inspecting the <i>apackage.json</i> file in your repository.	Quando você implanta um aplicativo com o Amplify Hosting, ele detecta automaticamente a estrutura do front-end e as configurações da criação associadas inspecionando o arquivo <i>apackage.json</i> em seu repositório.

Quadro 13 – Excerto 3 para o padrão construcional **build^{Nome}** com o original e a tradução
Fonte: elaborada pela autora (2022)

No excerto acima, ao traduzir o padrão construcional **build^{Nome}**, o tradutor sai do grau de generalização reconhecido no esquema, ao usar “configurações da criação” para traduzir “*build settings*”.

Como no excerto anterior, aqui também fizemos o levantamento das ocorrências, mapeando todos os casos do padrão construcional *build*^{Nome}, destacando para nossa análise as seguintes traduções para essa categoria: i) *build(s)*; ii) compilação(ões); e iii) criação(ões), demonstrado na tabela a seguir:

<i>Build</i>^{Nome}	Número de ocorrências	
	n. °	%
<i>build(s)</i>	14.800	95,47%
compilação(ões)	424	2,74%
criação(ões)	278	1,79%
Total	15.502	100%

Tabela 10: Representação da frequência do padrão construcional *build*^{Nome}, relacionada ao destaque do excerto 3 do *corpus* da tradução.
Fonte: elaborada pela autora (2022)

Após o mapeamento, observamos que o tradutor se afastou da esquematicidade nos termos de Traugott e Trousdale (2013) diretamente relacionada quantitativamente à produtividade em termos de abstração ao escolher “configurações da criação” para a tradução deste padrão construcional, causando a inconsistência na tradução.

Assim, segue, no quadro abaixo, a nossa sugestão tradutória, substituindo “configurações da criação” por “configurações do *build*” e resgatando a propriedade da produtividade nos termos dos autores citados acima, com um grau superior de generalização:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
When you deploy an app with Amplify Hosting, it automatically detects the front end framework and associated build settings by inspecting the <i>apackage.json</i> file in your repository.	Quando você implanta um aplicativo com o <i>Amplify Hosting</i> , ele detecta automaticamente a estrutura do <i>front-end</i> e as configurações do build associadas, inspecionando o arquivo <i>apackage.json</i> em seu repositório.

Quadro 14 – Sugestão tradutória para o destaque do excerto 3 para o padrão construcional *build*^{Nome} com o original e a tradução. Fonte: elaborada pela autora (2022)

No que se refere ao sentido de “configurações do *build*” em vez de “configurações da criação” – para *build*^{Nome}, conforme referenciamos no início desta seção –, escolhido como nossa sugestão tradutória para o destaque do terceiro excerto, inferimos sua pertinência para este contexto.

É relevante mencionar aqui que, em TI, os desenvolvedores de *softwares* usam *kits* de ferramentas de compilação avançados, para automatizar e gerenciar o processo de compilação, permitindo que definamos “configurações do *build*” personalizadas. Cada “configuração do *build*” define o próprio conjunto de códigos e recursos, reutilizando as partes comuns a todas as versões do *app*. Além disso, nossa escolha tradutória está inserida em um grau de generalização superior ao de “configuração da criação”, reconhecendo o esquema e o utilizando para produzir, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como demonstra a *Tabela 10* acima.

É de extrema importância ressaltar aqui também que, durante a nossa análise para o padrão construcional *build*^{Nome} cujas traduções são “compilação(ões)” e “criação(ões)”, observamos a propriedade da composicionalidade – referida no início deste capítulo –, além das propriedades da esquematicidade e da produtividade, segundo Traugott e Trousdale (2013).

Sabemos que a composicionalidade diz respeito ao grau em que os aspectos da forma e/ou do sentido das partes componentes da construção permitem chegar ao todo, em termos de forma e de função. Assim, quanto mais houver uma transparência desse todo, maior será o grau de composicionalidade.

Após a nossa análise para o padrão construcional *build*^{Nome}, observamos que as ocorrências “compilação(ões)” e “criação(ões)”, sancionadas pelas construções aqui analisadas, representam formações nominais, cuja base verbal apresenta correspondência com os verbos reconhecidos no português brasileiro contemporâneo.

Desse modo, as ocorrências para o padrão construcional *build*^{Nome}, destacadas nos exemplos extraídos dos excertos acima, são palavras derivadas dos verbos “compilar” e “criar”. As ocorrências apresentam usos de nomes com o *slot* “-ção” em que é possível identificar uma base verbal correspondente no português brasileiro contemporâneo. Assim, o nome “compilação” tem origem na raiz do presente do indicativo do verbo “compilar” → “compil-”. Por sua vez, o nome “criação” tem origem na raiz do presente do indicativo do verbo “criar” → “cria-”.

Observamos também, após a análise, que os *types* do padrão construcional *build*^{Nome}, identificados no *corpus* da tradução, exibem graus diferenciados de composicionalidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), entre suas traduções, a saber: i) “compilação(ões)”; ii) “criação(ões)”; e iii) *build(s)*, respectivamente.

Inferimos que as traduções “compilação(ões)” e “criação(ões)” são mais composicionais do que a tradução *build(s)*, pois seus sentidos estão ligados à base verbal correspondente no português brasileiro contemporâneo. Já, no que tange à tradução *build(s)*, observamos uma redução do grau de composicionalidade. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que o falante da língua portuguesa dificilmente conseguiria reconhecer sua base verbal, pois as partes componentes – “*build(s)*” e “do(s) *build(s)*” – não são ativadas para a compreensão do todo, mesmo que essa tradução seja muito mais produtiva para o contexto de TI, cujo esquema é reconhecido pelo tradutor, do que “compilação(ões)” e “criação(ões)”, respectivamente.

Após a nossa análise, podemos inferir também que, semanticamente, o padrão construcional *build*^{Nome} com o *slot* “-ção” – “compilação(ões)” e “criação(ões)” – são mais agentivos, pois os nomes representam algo que tem a capacidade de executar a ação denotada pelo verbo, que lhe serve de base. Assim, há uma relação direta entre o sentido do nome e a ação expressa pelo verbo, proporcional à sua composicionalidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), quando há uma correspondência com seu respectivo lexema verbal do português brasileiro contemporâneo, a saber: i) “compilar” < > “compil-” < > “compilação”: como o ato ou o efeito de compilar; e ii) “criar” < > “cria-” < > “criação”: como o ato ou efeito de criar.

5.5. Conclusões

Este capítulo teve como objetivo demonstrar empiricamente a relevância de se assumir a abordagem construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), no âmbito dos Estudos da Tradução. Sendo assim, como objeto de análise para esta pesquisa compilamos os padrões construcionais de *build* e suas possíveis traduções.

A fim de cumprir os objetivos propostos para este capítulo, constituímos um *corpus* representativo do inglês norte-americano e de seu correspondente – um

corpus do português brasileiro – extraídos de *live pages* de produtos da *Microsoft*, do *Google*, e da *AWS*, na nuvem, destinadas a usuários de TI e selecionadas aleatoriamente a partir do navegador *Edge*, da *Microsoft*. Assim, com base no *corpus* selecionado, mapeamos suas ocorrências, com o intuito de averiguar a tradução realizada.

Em relação ao percurso analítico, em um primeiro momento, realizamos um levantamento de natureza quantitativa a fim de atestar a frequência de *build* nos padrões construcionais identificados. Nesse sentido, verificamos o número de ocorrências representativas dos seguintes padrões construcionais: i) *build*^{Verbo}; ii) *build*^{Adjetivo}; e iii) *build*^{Nome}. Já em um segundo momento, a partir da análise quantitativa realizada, procedemos a uma análise de caráter qualitativo, pautada em três ocorrências representativas de cada padrão construcional. Para a realização da análise qualitativa, apresentamos as ocorrências em quadros, contendo o original na língua inglesa e sua tradução para a língua portuguesa e, quando conveniente, também propomos sugestões de tradução para os casos em que houve inconsistências na tradução do padrão *build*.

Para a análise pretendida, utilizamos as ferramentas do programa *AntConc* 3.5.9 e suas funcionalidades, as quais foram sistematicamente apresentadas na seção 4.5. do Capítulo IV. Nesse sentido, abordamos o método misto, nos termos de Johnson *et al.* (2007) e Cunha Lacerda (2016), e destacamos o papel do equacionamento entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa empiricamente na tradução, concluindo que a coadunação do qualitativo com o quantitativo é possível por meio do método misto, sendo realizado tanto nos *corpora* eletrônicos como em programas, como o *AntConc*, de Lawrence Anthony, o qual vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas no campo da Linguística de *Corpus* Aplicada à Tradução.

Após a análise, os resultados revelam que há uma discrepância entre o *corpus* do original e o *corpus* da tradução, em termos gerais. Quantitativamente, o *corpus* da tradução em português é maior do que o *corpus* do original em inglês, tanto para as entradas lexicais – *Word Types* –, quanto para as ocorrências empiricamente atestadas – *Word Tokens*.

A partir da leitura da *Tabela 1* e conforme a *Figura 3* – em que fizemos a representação do levantamento das ocorrências do padrão construcional *build* no *corpus* do original em inglês com a ferramenta *Concordance* – verificamos que estão

presentes 23.690 entradas lexicais para este padrão construcional, divididas entre as categorias analíticas, a seguir: i) *build*^{Verbo}; ii) *build*^{Adjetivo}; e iii) *build*^{Nome}.

Assim, para o padrão construcional *build*^{Nome}, quantificamos a presença de 15.502 entradas lexicais, o que corresponde a um percentual de 65,43% de sua totalidade. Já para o padrão construcional *build*^{Adjetivo}, observamos um percentual de 18,85%, o que corresponde, quantitativamente, a 4.465 entradas lexicais. Finalmente, no que tange ao padrão construcional *build*^{Verbo}, observamos a quantidade de 3.723 entradas lexicais, correspondendo ao percentual de 15,72% do total. Concluimos a partir dessa análise que, quantitativamente, o número de ocorrências para o padrão construcional *build*^{Nome} – no *corpus* original e suas respectivas formas compiladas manualmente – foi maior do que para o padrão construcional *build*^{Adjetivo} e, por último, para o padrão construcional *build*^{Verbo}, respectivamente.

No que tange aos objetivos da nossa análise qualitativa, baseando-nos nas propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, verificamos que os aspectos formais e funcionais que constituem os padrões construcionais com *build* em inglês foram preconizados também em sua tradução para a língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, dedicamo-nos à análise das inconsistências na tradução técnica de TI, tratando, pontualmente, dos padrões construcionais com *build* – em inglês e de suas respectivas traduções para a língua portuguesa, a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso.

Nesse sentido, buscamos evidenciar como a abordagem construcional, no âmbito dos estudos linguísticos, pode contribuir, substancialmente, para os Estudos da Tradução.

De modo mais específico, este trabalho assumiu os seguintes objetivos: i) organizar os procedimentos necessários para constituir e categorizar *corpora* com base nos critérios estabelecidos por Berber Sardinha (2000); ii) realizar uma compilação de dados baseada na aplicação das ferramentas do programa *AntConc* 3.5.9 para analisar as ocorrências de inconsistências na tradução de TI em gestões empresariais; e iii) investigar a tradução técnica em TI para a língua portuguesa no que se refere aos padrões construcionais com *build*, analisando as escolhas tradutórias e averiguando se tais escolhas contemplam os aspectos funcionais e formais dos padrões construcionais identificados a partir das propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2013).

A fim de cumprir os objetivos propostos, assumimos, como aporte teórico para esta pesquisa, os pressupostos fundamentais da Linguística de *Corpus* – nos termos propostos por Berber Sardinha (2000, 2002, 2003) – e da Linguística Funcional Centrada no Uso – nos termos propostos por Traugott e Trousdale (2013). Do ponto de vista metodológico, adotamos, neste trabalho, o método misto nos termos de Johnson *et al.* (2007), equacionando os dados entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, de forma pareada e comparativa.

Ressaltamos aqui que o escopo da nossa pesquisa foi o de compilar e encontrar um padrão tradutório para as construções com *build*, com o objetivo de minimizar as inconsistências em sua tradução, a partir de uma perspectiva construcional e pautada no uso. Nesse sentido, na análise realizada neste trabalho, baseamo-nos nas propriedades da esquematicidade, produtividade e

composicionalidade a fim de verificar se os aspectos formais e funcionais que constituem os padrões construcionais com *build* em inglês foram preconizados também em sua tradução para a língua portuguesa.

Sabemos que a produtividade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) está relacionada à noção de frequência, a qual, nos termos de Bybee (2003, 2011), compreende a frequência *token* – extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes – e a frequência *type* – em que as construções, ao longo do tempo, podem ser empregadas em diferentes colocações. Além disso, apontamos também a propriedade da esquematicidade, segundo esses autores, que está relacionada diretamente à produtividade, à noção de rede construcional e à extensão em que padrões mais gerais são recrutados por meio de uma série de construções mais específicas.

Desse modo, observamos, a partir dos excertos compilados e analisados dos padrões construcionais com *build*, que o tradutor ora se aproxima e ora se afasta da esquematicidade nos termos de Traugott e Trousdale (2013) – aqui diretamente relacionada quantitativamente à produtividade, em termos de generalização e abstração, a partir de suas escolhas tradutórias para os padrões construcionais *build*^{Verbo}, *build*^{Adjetivo} e *build*^{Nome}.

Vale ressaltar novamente que um dos objetivos propostos para esta pesquisa é o de sugerir traduções para os casos em que houvesse inconsistências na tradução. Ressaltamos também que, durante a nossa análise para o padrão construcional *build*^{Nome} cujas traduções são “compilação(ões)” e “criação(ões)”, observamos a propriedade da composicionalidade, além das propriedades da esquematicidade e da produtividade, segundo Traugott e Trousdale (2013) – referidas no início do Capítulo V.

Assim, após a nossa análise para o padrão construcional *build*^{Nome}, observamos que as ocorrências “compilação(ões)” e “criação(ões)”, sancionadas pelas construções aqui analisadas, representam formações nominais, cuja base verbal apresenta correspondência com os verbos reconhecidos no português brasileiro contemporâneo. Observamos também, após a análise, que os *types* do padrão construcional *build*^{Nome}, identificados no *corpus* da tradução, exibem graus diferenciados de composicionalidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), entre suas traduções, em que há uma relação direta entre o sentido do nome e a

ação expressa pelo verbo, proporcional à sua composicionalidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), quando há uma correspondência com seu respectivo lexema verbal do português brasileiro contemporâneo.

Portanto, a partir da análise realizada, verificamos que, na maioria dos casos, a tradução dos padrões construcionais com *build* contemplou as especificidades formais e funcionais presentes no *corpus* de língua inglesa – representativo da língua de partida. Por outro lado, quando não foram contemplados os aspectos formais e funcionais, houve uma proposta de tradução para a língua portuguesa – representativa da língua de chegada – a fim de suprir essa lacuna.

Dessa maneira, concluímos que a pesquisa que realizamos será relevante para os estudos que têm como principal interesse a língua em uso e, mais especificamente, aqueles que contemplam os aspectos funcionais e formais dos padrões construcionais identificados a partir das propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade, segundo Traugott e Trousdale (2013).

Vale ressaltar, ainda, que este trabalho poderá auxiliar em reflexões acerca das contribuições da abordagem construcional para os Estudos da Tradução, pois, a partir da análise realizada, consideramos que os objetivos inicialmente propostos foram cumpridos satisfatoriamente. Contudo, reconhecemos as limitações deste estudo e acreditamos que há, ainda, muito a se investigar acerca das traduções de construções mais recentes instanciadas na língua, bem como acerca das contribuições de uma abordagem construcional para os Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS

ALBERTIN, A. L. O comércio eletrônico evolui e consolida-se no mercado brasileiro. *In: RAE Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: v. 40., n. 4. p. 94-102, Out/Dez 2000.

_____. *Comércio eletrônico: modelo, aspectos e contribuições de sua aplicação*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001a.

_____. *Administração de informática: funções e fatores críticos de sucesso*. 5a ed. São Paulo: Atlas, 2004.

_____; ALBERTIN, ROSA M. de M. Benefícios do uso de Tecnologia de Informação para o desempenho empresarial. *In: RAP Revista de Administração Pública*. FGV EBAPE. Rio de Janeiro: 2008, p. 275-302.

ANTHONY, L. AntConc Homepage. *In: Laurence Anthony's Website*. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

BAKER, M. *Corpora in Translation Studies: an overview and suggestions for future research*. Target, 7(2). 1995.

_____. The role of corpora in investigating the linguistic behaviour of professional translators. *In: International Journal of Corpus Linguistics*. 1999, p. 281-298.

BARBOSA, L. *Contribuições da abordagem construcional para os estudos da tradução: evidências a partir da tradução para o inglês de construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com 'real' e 'real oficial' na série The Circle Brasil*. TCC – Bacharel em Letras - Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

BASTOS, P. G. *Contribuições da abordagem construcional para os estudos da tradução: o caso do advérbio realmente e suas múltiplas funções na tradução para a língua francesa*. TCC – Bacharel em Letras - Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus: Histórico e problemática*. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo: 2000, v. 16, n. 2, p. 323-367.

_____. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina:2002, v. 9, n. 1, p. 15-60.

_____. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

_____. *Uso de corpora na formação de tradutores*. v. 29. DELTA. São Paulo, 2003.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BRYMAN, A. (1998) Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell: 2003, p. 602-623.

_____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. Revista Linguística. Volume Especial, 2016, p. 83-101.

DIEHL, A. A. (2004) *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford. Oxford University Press, 2006.

_____. A constructionist approach to language. In: *Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, 2016.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Eds.). *What makes grammaticalization – a look from fringes and its components*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-44.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A.; TURNER, L. Toward a definition of mixed methods research. *Journal of Mixed Methods Research*, 1, 2007, p. 112- 133.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar: descriptive applications*. Stanford: Stanford University Press, 1991

KADER, C. C.; RICHTER, M. *Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*. Juiz de Fora: Universidade de Juiz de Fora: jan./jun. 2013, v. 15, n. 1, p.13-23.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T.. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro:2003. DP&A/FAPERJ, p. 17-28.

LAVIOSA, S. *Corpus-based Translation Studies: theory, findings, applications*. Amsterdam: Rodopi, 2002. p. 23-31.

LAUDON, K. C. ; LAUDON, J. P. *Management Information Systems* (7ª edição). Upper Saddle River: Prentice Hall. 2001.

MARTELOTTA, M. E. T. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (orgs). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009.

O'HAGAN, M.; MANGIRON, C.. *Game Localization: Translating for the global entertainment industry*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013.

OLOHAN, M. *Introducing Corpora in Translation Studies*. London: Routledge, 2004. p.12-44.

RIBEIRO, G. C. B. Tradução técnica e seus limites: reflexões sobre localização de software e ética. In: *Linguagem em Foco. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE*: 2009, nº 2, p. 49-55.

RICHARDSON, R. J. (1989) *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989

ROSA, J. A.; VERONEZE, N. J.; CLAVIÇO, P. *E-marketing: Conceitos, teorias e ferramentas para melhorar a estratégia de vendas na web*. Trabalho de Conclusão de Curso de Administração. Marília: UNIVEM, 2008.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. Revista Alfa, São Paulo: 2016, 60 (2), p. 233-25.

SALGADO, A. R. *Estudo de ferramenta computacional de análise de corpora aplicada à terminologia: AntConc*. Revista Moinhos. vol. III. n. 03, 2013.

SAWAYA, M. R. *Dicionário de Informática e Internet – inglês/português*. Nobel. São Paulo: 1999, p.60-61.

SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

SOUZA, C.; SZAFIR-GOLDSTEIN, C. Tecnologia da Informação aplicada à gestão empresarial: um modelo para a empresa digital. Disponível em: <<http://www.cyta.com.ar/ta0404/v4n4a1.htm>> Acesso em: 14 de abril de 2022.

STRASSBURG, U. *et al.* A Tecnologia da Informação como diferencial competitivo para empresas. In: *Ciências Sociais em Perspectiva*. UNIOESTE. Cascavel, PR: 2007, p. 93-107.

STUPIELLO, E. N. A. A influência da diferenciação entre localização e tradução na construção da identidade tradutória. In: *Tradução & Comunicação Revista Brasileira de Tradutores*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - IBILCE/UNESP. nº. 24, 2012, p. 9-19

TAGNIN, S. E. O. (org.). *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução*. v. 1. n. 9. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

_____; BEVILACQUA, C. (Org.). *Corpora na terminologia*. São Paulo: Hub Editorial, 2013.

_____. E a Linguística de Corpus vai desbravando novos horizontes.... In: *Linguística de corpus : perspectivas* [recurso eletrônico] / Organizadoras: Finatto, M. J. B.; Rebechi, R. R.; Sarmiento, S.; Bocorny, A. E. P.. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2018, p. 11-14.

_____. Os Corpora: instrumentos de autoajuda para o tradutor. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis, v. 9, n. 2002/1, 2003, p. 191-213.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at Work*. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2001.

TROUGATT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VALES, N.; GONÇALVES, V. Localização e tradução: origem e diferenças. *In: AdolesCiência, Revista júnior de investigação*. Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança. Bragança. 2017.

VIEIRA, A. E. R. *et al. Benefícios do uso da Tecnologia da Informação no desempenho empresarial*. Janus: 2012. Lorena, n. 11, p. 67-81.

VITRAL, L. *O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização*. Scripta, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte: UFMF, 2006.

Mercado Brasileiro de Software: panorama e tendências, 2021 - *Brazilian Software Market: scenario and trends, 2020*. São Paulo: ABES - Associação Brasileira das Empresas de Software, 2021, 1ª ed. [versão para o inglês: Anselmo Gentile]